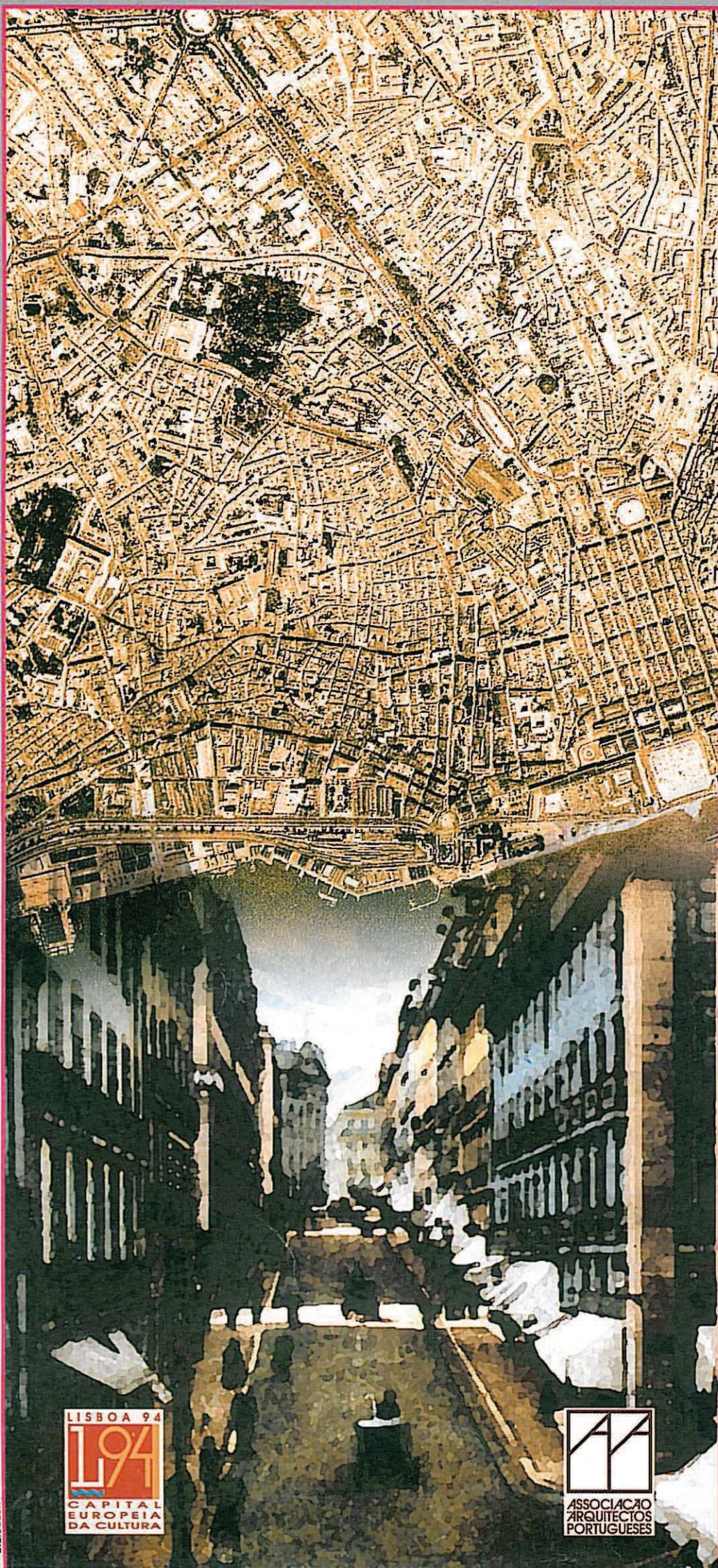


# ARQUITECTOS

SERVICIOS

# PROJECTAR EM LISBOA DESIGNING IN LISBON



W O R K S H O P  
D E A R Q U I T E C T U R A  
A R C H I T E C T U R A L  
W O R K S H O P

5 a 24 de Setembro 1994  
5-24 September 1994

## CONVENTO DOS INGLESINHOS

- ❖ Em 1994 Lisboa é Capital Europeia da Cultura. Ao longo do ano irá decorrer um grande Festival de Actividades Culturais à volta da ideia de Lisboa - ponto de encontro de culturas.
- ❖ Integradas na área de Intervenção Urbana cabem actividades que têm como objectivo valorizar a cidade nos aspectos arquitectónico e urbanístico através de iniciativas no tecido urbano, em recuperação de edifícios, espaços públicos e equipamentos vocacionados para a cultura.
- ❖ No âmbito do projecto da "Sétima Colina" a Associação dos Arquitectos Portugueses - CDR Sul, em colaboração com a Sociedade Lisboa 94, irá promover o Workshop de Arquitectura - "Projectar em Lisboa": um conjunto de acções urbanas será levado a cabo no percurso histórico compreendido entre o Largo do Rato e o Cais do Sodré, com vista a dinamizar e relevar o seu carácter de excepção no tecido da cidade, rico na diversidade e qualidade dos espaços que o compõem.
- ❖ As áreas de abordagem propostas irão desde a reabilitação de edifícios e espaços públicos existentes ao desenho de novas propostas arquitectónicas, num espírito de integração e qualificação do local.
- ❖ Como actividades paralelas serão realizados debates e conferências por arquitectos e especialistas convidados, nacionais e estrangeiros, e organizadas visitas de estudo.
- ❖ Serão aceites 50 participantes (25 estrangeiros e 25 portugueses) com licenciatura em Arquitectura, há menos de três anos, numa Faculdade de um dos países da U.E. (e com menos de 35 anos de idade).
- ❖ O Workshop funcionará em grupos de trabalho, sendo cada um acompanhado por tutores/monitores nacionais e estrangeiros. As línguas de trabalho do Workshop serão o português e o inglês.
- ❖ Os candidatos deverão apresentar até 30 de Maio de 1994 um Port-Fólio e Curriculum Vitae em formato A4 num máximo de dez páginas, preencher a ficha de inscrição provisória e anexar um pequeno texto explicando o seu interesse em participar no Workshop.
- ❖ As candidaturas serão analisadas por um Júri de Selecção até 15 de Junho, sendo os resultados comunicados aos candidatos até 30 de Junho de 1994.
- ❖ Os candidatos seleccionados deverão efectuar a inscrição definitiva e respectivo pagamento até 15 de Julho de 1994.

Para informações adicionais contactar:

**ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES**  
Secção Regional Sul  
Av. 24 de Julho, 52 - 1º Esq 1200 LISBOA PORTUGAL  
Tel: 01 - 3951401 / 2 / 3 Fax: 01 - 3951400  
(a/c: Manuela Costa)



# AUTOCAD®

## NA PRÁTICA



Quando no final de 1989 foi lançado o projecto da *NovaRede do Banco Comercial Português*, a firma responsável pelo projecto de Arquitectura - o *Intergaup Gabinete de Arquitectura Urbanização e Planeamento, Lda.* decidiu utilizar o AutoCAD para a sua concretização com Desenho por Computador.

Os técnicos do *Intergaup* prepararam um conjunto de simbologia e menus específicos e ligaram em rede local todos os postos de trabalho de CAD. Garantiram assim a maior produtividade, a melhor imagem e custos mínimos para a execução de tão aliciente projecto.

Os principais projectos de Engenharia são realizados pela *Fase Estudos e Projectos, S.A.* que, usando o AutoCAD, garante que a comunicação entre os projectistas das duas empresas se revele extremamente facilitada e eficaz.

Hoje, estão realizadas 260 sucursais da *NovaRede*. Sempre que são necessárias alterações e adaptações os responsáveis do *BCP* podem receber no próprio dia os estudos realizados pelos projectistas do *Intergaup*.

Compreendemos facilmente porque o *Intergaup* e a *Fase* não podem dispensar o AutoCAD. Você também ficará entusiasmado.

 Autodesk

**MICROGRAF**  
Distribuidor único  
AutoCAD + 3DStudio  
Telf. (02) 9379177/9376850  
Fax 9379176

**AUTOCAD 12** em português  
com Ferramentas de Produtividade

# Roca

O Escantilhão de Símbolos Gráficos Roca de Artigos Sanitários



**Agora em  
Diskette**

**OFERTA GRATUITA**

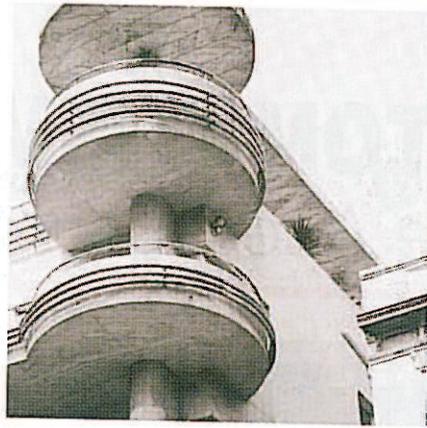
**Pedidos :**

**Roca**

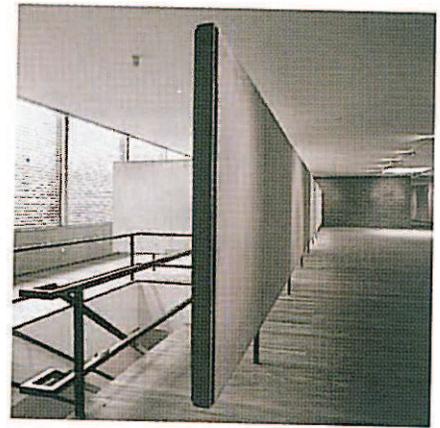
Rua José Duarte Lexim, Lt. 6  
2675 ODIVELAS  
Telef. 01-937 76 67 / 937 55 39 Fax 937 54 05



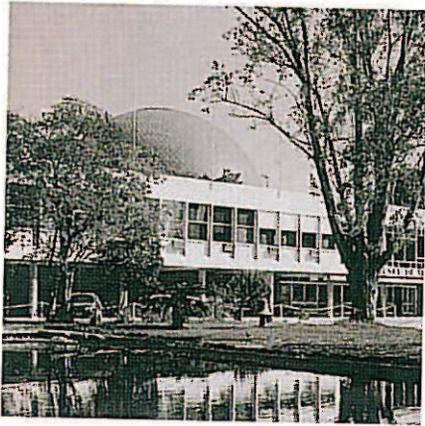
cimento



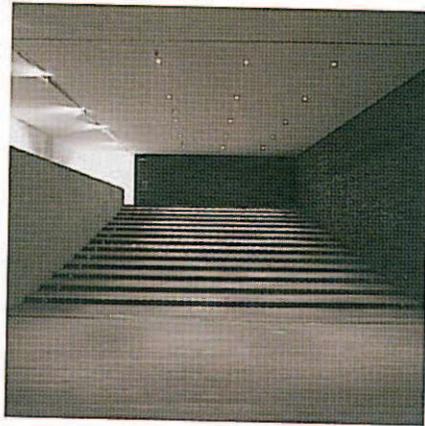
cimento



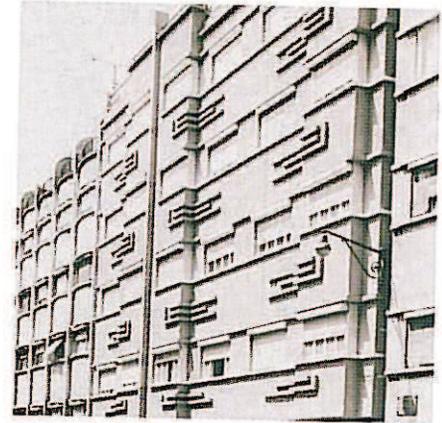
cimento



cimento



cimento



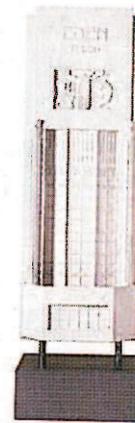
cimento



cimento



cimento



**A valorização do património merece o nosso reconhecimento.**

## **Prémio SECIL de Arquitectura 1994.**

Porque acreditamos que a valorização do património arquitectónico deve ser uma realidade. Exposição referente ao prémio SECIL de 92 a partir de 6 de Abril, na Casa das Artes, no Porto.



**Prémio SECIL de Arquitectura 1994.**



**Com o Alto Patrocínio de Sua Excelência  
o Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares.**



**Cimento de Qualidade  
Produtos de Prestígio**

Recepção da documentação de candidatura até 15/05/94. Regulamento e informações complementares:  
Associação dos Arquitectos Portugueses, Av. 24 de Julho, 52-1º Esq. 1200 LISBOA. Telef.: 395 14 01/2/3 ou 395 14 16/7.



# AUTOMATISMOS **TECPORTA** **TECMATIC**

## Controlo de Acessos • Segurança

*semos a diferença!*

TECOPE — Estudos, Projectos e Representações, Lda. • Av. Álvares Cabral, 23 — 1200 Lisboa  
Tel. 69 12 96 • 65 84 23 • Fax 387 16 26



**BATENTES**



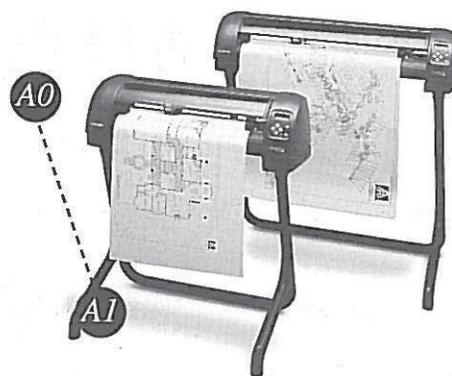
**CIRCULARES**



**ABERTURA INTEGRAL \* DESLIZANTE \* ANTI-PÂNICO**

Depois de cinco anos de  
faculdade, um de estágio  
e metade da vida em CAD  
aprendi uma coisa:

"Não basta ter boas ideias.  
É preciso saber apresentá-las."



#### APRESENTAMOS A NOVA SÉRIE DE PLOTTERS TECHJET DESIGNER

Os nossos novos plotters jacto de tinta de grande formato não são apenas equipamentos de alta qualidade e grande velocidade para CAD. São muito mais:

São a melhor forma de arquitectos, engenheiros e profissionais de desenho apresentarem as suas ideias no seu melhor.

**Pela Resolução:** os modelos TechJET Designer oferecem uma resolução de 360 dpi, garantindo um traçado preciso e um preenchimento suave de grandes áreas.

**Pela Velocidade:** imprimem um desenho A1 em apenas 4 minutos e A0 em menos de 6.

**Pela Versatilidade:** ambos os plotters TechJET Designer trabalham com papel comum, papel vegetal e filme poliéster. Além disso estão já incluídas várias possibilidades de ligação.

**Pela relação Preço/Qualidade:** naturalmente que estes equipamentos têm o mesmo nível de qualidade e fiabilidade que temos incorporado nos nossos plotters, impressoras e digitalizadores desde há mais de 30 anos. Prepare-se para uma agradável surpresa quando perguntar pelos preços da série TechJET Designer porque a economia também vem incluída de fábrica.

Continue a preocupar-se em criar boas ideias e deixe o TechJET Designer apresentá-las ainda melhor.

Para mais informações contacte-nos pelo telefone (01) 886 04 18 ou fax (01) 87 05 81.

 **CalComp**

Representante Oficial:

**BASE 2**

Informática e Telecomunicações, Lda.

Rua Jardim do Tabaco, 74 - 1º Esq.  
1100 LISBOA.  
Telef. 886 04 18. Fax 87 05 81.



Pavimento tabuado de carvalho "London"



# o melhor do mundo a seus pés

*Quando a Sofia se levanta e sente a melhor madeira do mundo a seus pés, ela já sabe que o dia lhe vai correr bem.*

*KAHRS cria a harmonia na vida, fabricando 40 tipos de autêntico soalho e parquet flutuante Sueco, selecionando as melhores e mais belas madeiras do mundo, utilizando os mais rigorosos processos de fabrico como o acabamento com cinco finas camadas de verniz U.V., assegura superfícies tão lisas que a sujidade não adere e a limpeza é fácil. Dê ao seu dia harmonia, faça como a Sofia.*



**tito e campos**

QUINTA DA AREIA - COINA • 2830 BARREIRO  
Tel (01) 210 35 70 - 210 35 62 • Fax - 210 35 46

Representante exclusivo para Portugal  
com revendedores e montagem em todo o país

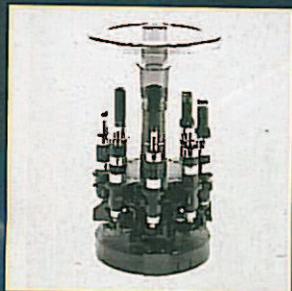
PP&CC

# MULTOH

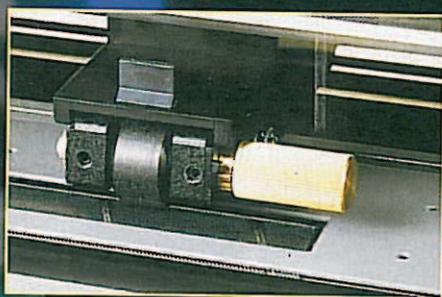
PRECISÃO  
RAPIDEZ  
EFICÁCIA  
QUALIDADE

série

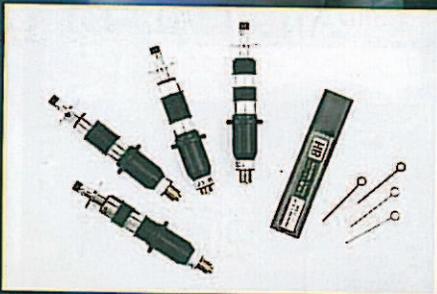
# XP



O nosso carrocel faz tudo por si



Compatível com todos os tipos de suporte



O lápis dá uma nova perspectiva



Operação fácil



- Sistema Fuzzy-Logic entre 21 e 41 vectores
- Qualquer tipo de caneta (carrocel de 8 posições)
- 4 espessuras de minas
- Relação qualidade/preço imbatível

Representante  
exclusivo  
em  
Portugal



## SOREPAL

SOCIEDADE REPROGRÁFICA DE PAPÉIS, LDA.

Sede:  
RUA DO NORTE, 81  
1200 LISBOA

TELEFS. (01) 347 32 85 (3 linhas)  
TELEX. 43 229 SORPAL P  
TELEFAX. (01) 347 40 83

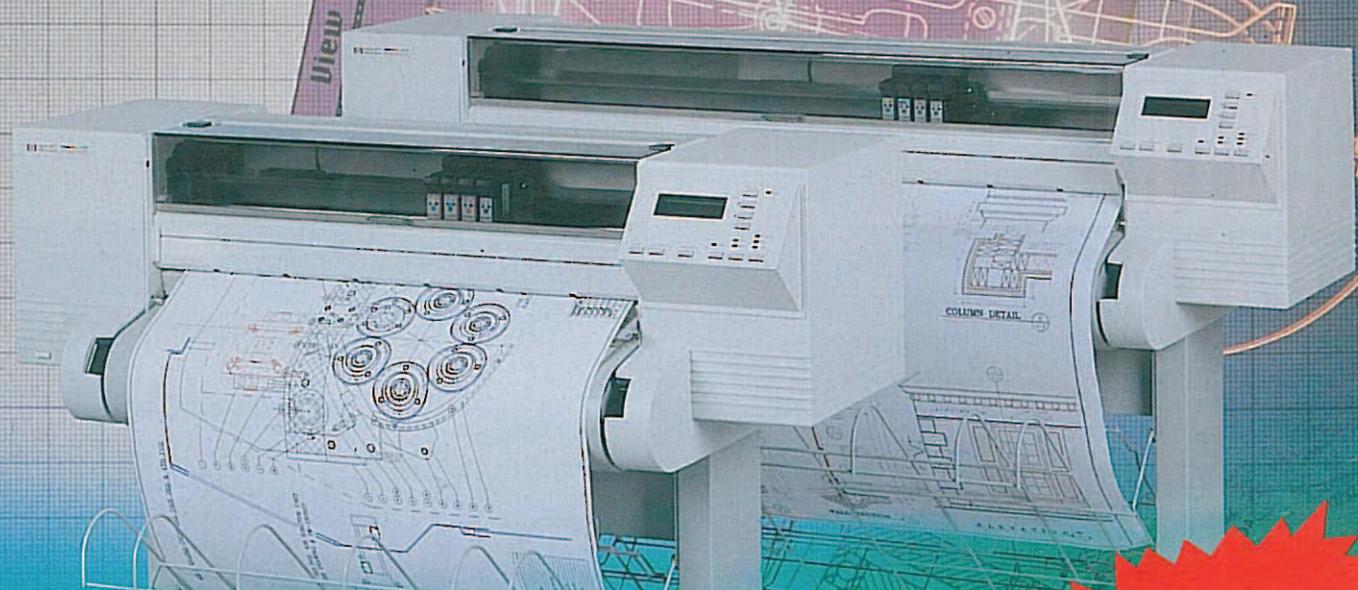
#### EXPOSIÇÃO E VENDAS

**LISBOA**  
RUA BORGES CARNEIRO, 61-C • 1200 LISBOA  
TELEFS. (01) 396 29 22 • 396 29 60

**PORTO**  
RUA SERPA PINTO, 663 • 4200 PORTO  
TELEFS. (02) 82 38 30 • 82 62 03 • FAX (02) 82 53 49

**COIMBRA**  
AV. DR. ELÍSIO DE MOURA, LT.3 - LOJA 3 • 3000 COIMBRA  
TELEFS. (039) 71 60 27 • 71 61 64 • FAX (039) 71 59 70

# PLOTTERS JACTO DE TINTA HP DESIGN JET 600/650C



Não foi por acaso que em 1993 a Sttei foi a empresa campeã em plotters HP.

Sabe Porquê?

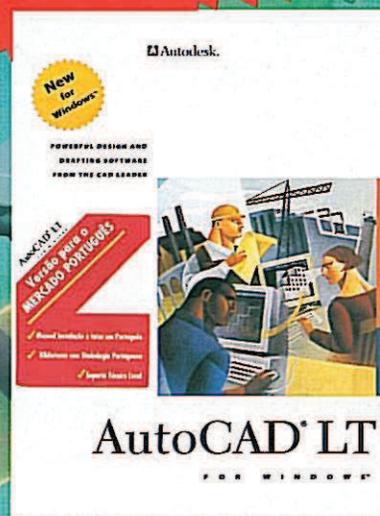
- Comercializamos a marca de plotters líder no mercado mundial, única com **GARANTIA DE 3 ANOS**.
- Temos um excelente conhecimento do produto.
- A configuração e instalação são feitas por especialistas em sistemas **CAD/CAM**.
- Somos um dos maiores consultores a nível nacional de soluções **CAD/CAM**.
- Possuímos stock permanente.
- Garantimos assistência técnica em todo o País.
- Os nossos preços são imbatíveis.

...Pense nestas razões e decida!

Junte-se à equipa de sucesso HP/Sttei/Autodesk.

Adquira já o seu plotter HP modelo Design Jet e receberá como **OFERTA** o programa de CAD - AutoCAD LT (versão windows).

**OFERTA**



**AUTOCAD**  
AUTHORIZED DEALER

**Grupo Sttei - uma referência obrigatória no CAD / CAM**

**Sttei**  
Tv. Henrique Cardoso, 71-A/B  
1700 LISBOA  
TEL. 01-795 59 74  
FAX 01-797 17 82

**Equicaal**  
Av. da Boavista, 280 - 3.º Dto.  
4100 PORTO  
Telef. (02) 600 20 42 / 76  
Fax (02) 600 23 33

**Mundisolt**  
R. António José Batista, 58-A/B  
2900 SETÚBAL  
TEL. 065-303 14  
FAX 065-303 20

**hp HEWLETT  
PACKARD**

**Dealer  
Autorizado**

# d line

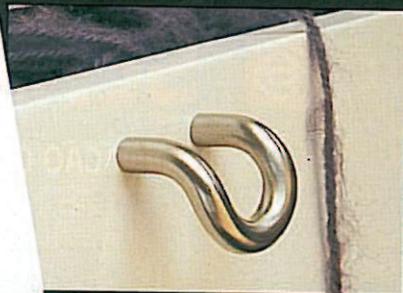
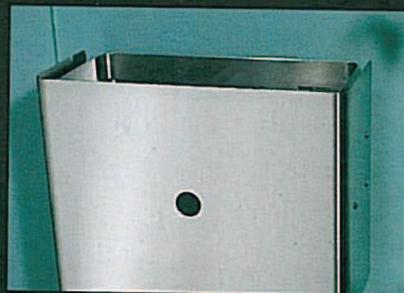
Knud Holscher Design

**d line** é uma gama de ferragens de alta qualidade que vai ao encontro de todos os requisitos da construção para portas, janelas e quartos de banho - interiores em geral.

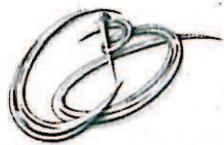
os puxadores **d line** passaram pelos testes mais exigentes, i.e. - teste de maior dificuldade e de maior renome em Inglaterra. Resultado foi a aprovação PSA MOB.

A gama de produtos é fabricada na Dinamarca e apresentada em aço inox acetinado e polido e latão polido.

**d line** é desenhada pelo Professor Arq.º Knud Holscher.



DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL:



**CARVALHO, BATISTA & C.ª, LDA.**  
FERRAGENS - FERRAMENTAS - CUTELARIAS

Rua do Almada, 79-83, 1.º  
Apartado 4784 - 4013 Porto Codex  
Tel. (02) 32 41 16 (4 linhas) - Fax (02) 31 96 11

# UMA QUESTÃO DE CLAREZA.



CERTIFICADO  
N. 92 / CEP. 32  
EMITIDO PELO  
INSTITUTO  
PORTUGUÊS DA  
QUALIDADE



Para que não restem dúvidas, a Schröder já iluminou - e ilumina - parte da cidade de Lisboa. A vila de Cascais, o Estoril e alguns dos mais importantes monumentos nacionais como o Castelo de São Jorge. A Zona Industrial de Bragança e as Pontes da Arrábida e de S. João no Porto, a Variante de Guimarães e grandes zonas das auto-estradas portuguesas.

Os conhecedores sabem que a Schröder é, há muitos anos, uma referência obrigatória quando se fala em iluminação. E não se trata de lâmpadas. Trata-se de

conjuntos integrados onde o design e a tecnologia desempenham papéis especialmente avançados.

Quilómetro a quilómetro, jardim a jardim, urbanização a urbanização, a Schröder é uma garantia clara de que a iluminação é uma verdadeira aposta do Século XX. Um Século que, apesar de não se chamar das luzes, assistiu aos mais notáveis esforços da humanidade para que tudo se veja melhor.

A Schröder é um bom exemplo desse esforço. Está à sua volta.



## Schröder

ILUMINAÇÃO QUE SE VÊ.

SCHRÉDER - Construções Eléctricas Schröder, S.A.  
2795 Carnaxide, Portugal  
Telf. 417 00 37 . Fax. 418 87 41

**SIM.** Quero que me enviem, sem qualquer encargo, mais informação sobre a gama de iluminação industrial da SCHRÉDER.

Para o efeito, recorto, preencho e envio este cupão para a Remessa Livre N.º 1300  
2795 LINDA-A-VELHA

 Schröder

Nome \_\_\_\_\_

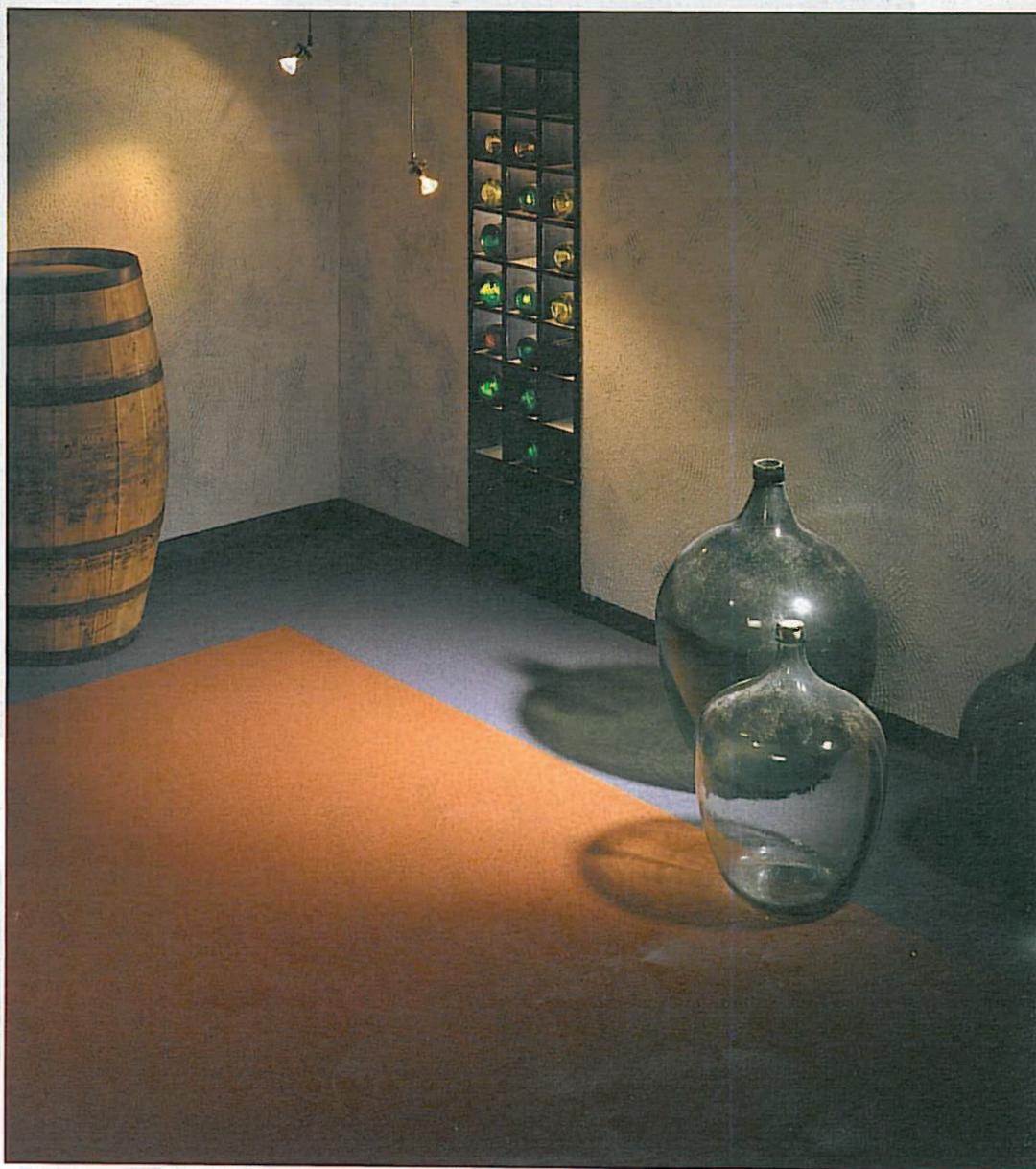
Empresa \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Cod. Postal \_\_\_\_\_

Telf. \_\_\_\_\_ Fax \_\_\_\_\_

DLW DELIPLAN



## A Combinação Perfeita entre Funcionalidade e Design

O DELIPLAN é um pavimento estético de PVC, que não contém quaisquer compostos de metais pesados ou emolientes voláteis. Somos extremamente exigentes na purificação dos gases residuais emanados pelos processos de produção. Somos membros da Associação para a reciclagem de pavimentos de PVC, que institui a reutilização do pavimento. O DELIPLAN é sinónimo de qualidade, funcionalismo e versatilidade e a sua aplicação é permitida, com garantia, para diversos fins; especialmente naqueles que impõem exigidas normas higiénicas, antiestáticas ou condutivas. Resplandescentes e suaves, arrojadadas e clássicas, delicadas e requintadas; são os atributos que definem a quase inesgotável gama de cores da nova Coleção DELIPLAN da DLW.

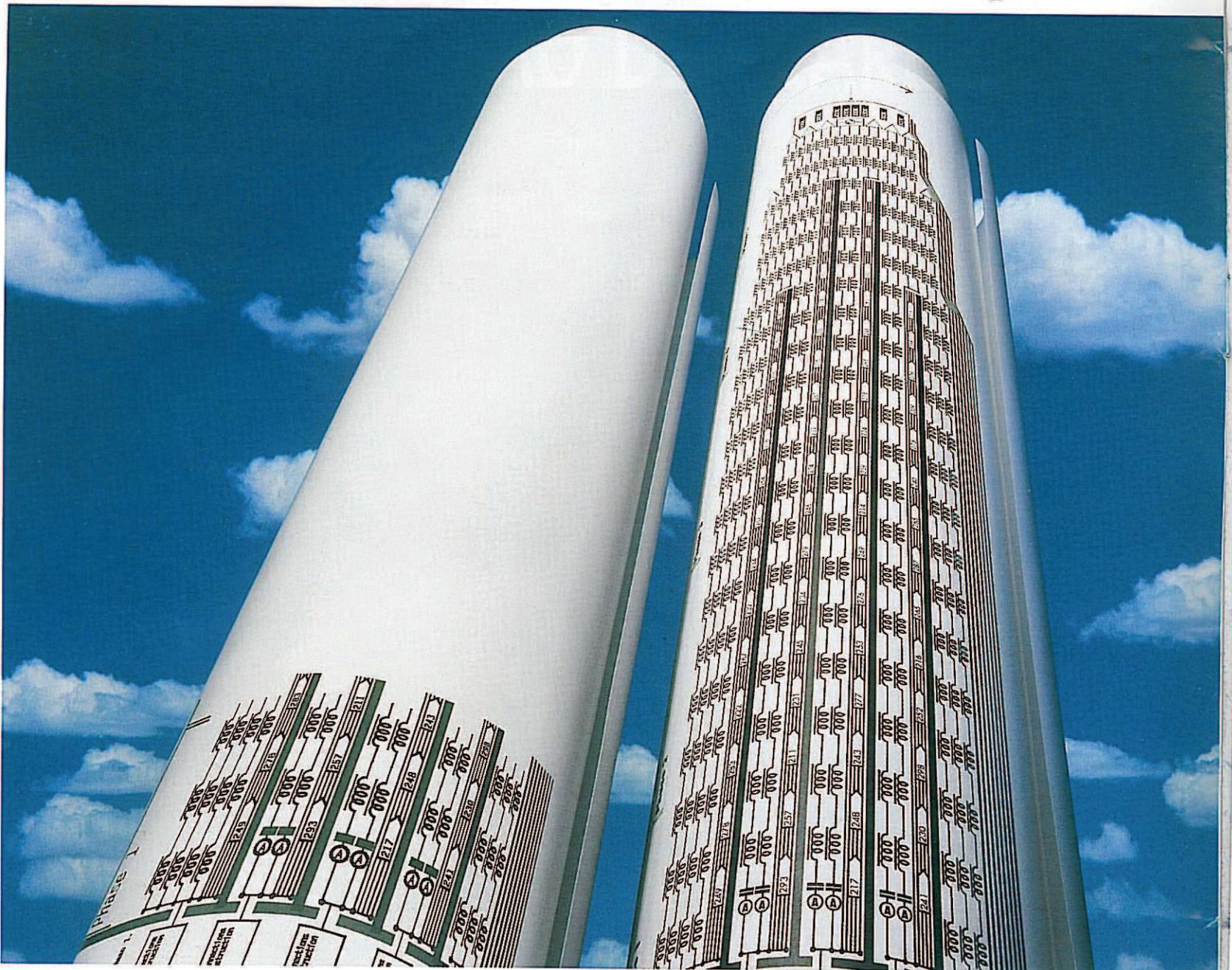
**amorim**  
**portugal**

REVESTIMENTOS E DECORAÇÃO, S.A.

SEDE:  
APARTADO 50 · PRIME · MOZELOS · 4539 LOUROSA CODEX  
TELS. 02 · 745 51 97 · 745 51 99 · 745 52 00 · 745 52 01 – FAX 02 · 745 53 34  
FILIAL:  
QUINTA D. MARIA · 2840 SEIXAL – TEL. 01 · 221 38 66 – FAX 01 · 221 31 50



Por um preço baixo, a nova HP DesignJet 200 completa qualquer imagem cinco vezes mais depressa, com alta qualidade.



Com uma plotter de canetas passados 5 minutos

Com a nova DesignJet 200 da HP passados 5 minutos

Pensa que vai poupar dinheiro se comprar uma "plotter" de canetas de baixo preço? Está enganado! O melhor é ver primeiro a nova HP DesignJet 200 e experimentar todas as suas potencialidades. Para começar, a nova HP DesignJet 200 completa o mais complexo trabalho em menos de 5 minutos, ao contrário de uma "plotter" normal que leva no mínimo 25 minutos. Assim, mesmo quando o seu volume de trabalho for grande, você vai ter sempre tempo para verificar cada documento,



ao pormenor, sem perder o ritmo. Graças à incrível tecnologia de jacto de tinta da HP, os resultados obtidos são rápidos e de qualidade superior: sem esforço, as linhas e as letras surgem com uma definição espantosa. Muito mais silenciosa e simples de utilizar do que uma "plotter" de canetas, a nova HP DesignJet 200 é fácil de instalar e não requer atenção especial enquanto está em funcionamento. Até a substituição do "cartridge" é simples, sem a habitual complicação e demora na substituição das canetas. Mas não se fie apenas na nossa palavra. O melhor mesmo é experimentá-la. Compre a nova DesignJet 200 da HP e "apanhe" todas as imagens que quiser. Rapidamente e com qualidade... e depois diga-nos se não temos razão.

À HEWLETT - PACKARD PORTUGAL, S.A.

Rua Gregório Lopes, Lote 1732 - A - 1400 Lisboa

Enviem-me informações sobre a DesignJet 200.

Nome: \_\_\_\_\_

Empresa: \_\_\_\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

Código Postal: \_\_\_\_\_ Localidade: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ Fax: \_\_\_\_\_ J.A.

Serviço de Informações HPP 0 500 60 01

(Chamada Grátis)

O seu interesse pela qualidade merece a melhor resposta.

Distribuidores: CPC-SI - Tel.: (01) 4141800 - (02) 4104541/2 •

EIN - Tel.: (01) 3649208/15 - (02) 814163 • EURO-D -

Tel.: (01) 4172368/9 • NORMÁTICA - Tel.: (01) 8140728/7525 •

SPA - Tel.: (01) 4711918 • TRIUDUS - Tel.: (01) 3520546 •

STTEL - Tel.: (01) 7969686 • PROLÓGICA - Tel.: (01) 4169600 -

(02) 311666/691 Grossistas: COMPUTER 2000 -

Tel.: (01) 3954748/54 • CPC-DI - Tel.: (01) 4141800 - (02)

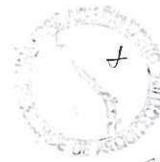
495173/488651 • DLI/UNIPAPEL - Tel.: (01) 4172306/10 •

NEXT DS - Tel.: (01) 4714387.

 **HEWLETT  
PACKARD**

# ARQUITECTOS

14	cor da arquitectura
16	lina bo bardi - exposição
18	histórias de uma casa moderna
20	rectificação ja 121
21	escritórios como centro
24	sede do bfb - porto
28	sede da nestlé - linda-a-velha
32	proológica - alfragide
36	quinta da fonte - oeiras
40	edifício em matosinhos
42	polo tecnológico do lumiar
44	quinta da horta nova - p.t.l.
48	centro técnico cultural - p.t.l.
52	e.s.t.e.m./a.i.m.m.s. - p.t.l.
54	forino - p.t.l.
56	projecto espanha
58	edifício 1a - 1b
60	arquitecturas recentes
64	uma estratégia para a profissão
68	leituras



18-5-94

## EDITORIAL

Conforme foi anunciado, este número centra-se nos escritórios entendidos num amplo sentido e nas suas relações complementares. Desde os anos 80 que edifícios acolhendo-os unicamente ou também com outras funções se têm construído nas principais cidades portuguesas. O JA quis mostrar alguns sinais dessa actividade que está a alterar a imagem dessas concentrações de população, criando visivelmente centros alternativos aos tradicionais.

Assim o JA vai procurando olhar a nossa contemporaneidade, é um dos seus objectivos principais.

Michel Toussaint

MARÇO DE 1994

Director **Michel Toussaint** • Chefe de Redacção **Margarida Colaço** • Conselho Redactorial - Núcleo Executivo • **Michel Toussaint** • **Margarida Colaço** • Adjunta da Redacção **Ana Silva Dias** • Representante CDN **Carlos Guimarães** • Representante CDRS **Luis Manuel Pereira** • Representante CDRN **João Paulo Rapagão** • Escolas e Investigação - FAUL • FAUP **José Salgado** • Lusíada **José Aguiar** • ESBAF **Artur Moreira Gonçalves** • FCTU Coimbra **José António Bandeirinha** • LNEC **António Reis Cabrita** - Críticos **Alexandre Alves Costa** • **Duarte Cabral de Melo** • **José Manuel Fernandes** • **João Rodeia** • **Manuel Graça Dias** • **Manuel Mendes** • **Manuel Tainha** • **Nuno Portas** • **Pancho Miranda Guedes** • **Pedro Vieira de Almeida** • **Troufa Real** • **Victor Consiglieri** • Secretária de Redacção **Fátima Cecílio** • Colaboraram neste número **Aberto Caetano**, **Alcino Soutinho**, **Ana Paula Calheiros**, **Ana Paula Petiz**, atelier GALP, **Fernando Hipólito**, **Filipe Blanch Dinis**, **Francisco Nolasco**, **J. Quaresma**, **João Rodeia**, **José Soalheiro**, **Justino Morais**, **Mário Chaves**, **Raul Santos**, Sua Kay **Arquitectos**, **Susana Veiga Simão**, **Teresa Castro**, **Victor Neves** • Fotografia **Miguel Silva** • Relações Públicas, Marketing e Publicidade **Maria de Lurdes Melo** • Redacção e Administração **Rua Barata Salgueiro, 36 - 1200 Lisboa**, Tel: 352 64 45/352 86 08, Fax: 54 36 67 • Direcção Gráfica **Pedro Silva Dias** • Execução Gráfica **Costa & Valério, Lda.**, Trav. Convento de Jesus, nº 4-1º, 1200 Lisboa, Tel: 395 18 18/60 45 53/395 26 75 • Distribuição nacional **Garrett R. Anchieta**, nº 9, Telef. 346 28 71 • Tiragem 6 100 exs. • Depósito Legal 27626/89 • ISSN 0870 - 1504 O AAP • Propriedade da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP)

## DA COR NA ARQUITECTURA

### Os casos de Lagos e Lisboa 94

MICHEL TOUSSAINT

Surpreendentemente chegou de Lagos um catálogo. Enviado por um jovem arquitecto que organizou a exposição no Centro Cultural de Lagos, debruça-se sobre a cor numa cidade que se julgava exclusivamente branca, como se imagina o Algarve turístico, tal como o Sul de Espanha e outras margens do Mediterrâneo preparadas para os pacotes de férias de duas semanas das gentes loiras do Norte.

Afinal Lagos não tem sido tão branca quanto isso e, ainda hoje, mercê da lentidão das repinturas, se podem observar fachadas de coloridos intensos em pinturas a cal, ou em azulejos que povoaram frentes arquitectónicas a partir da influência da emigração para o Brasil num bem interessante fenómeno cultural de origem portuguesa que viaja para os trópicos e volta transfigurado.

E assim é a existência da cor em Arquitectura, essencialmente do foro da Cultura (Popular ou Erudita nas múltiplas interacções) e muito pouco racional apesar das vontades dos arquitectos Modernos ou dos "coloristas científicos".

Mas, se nos tempos idos, a variedade e transformação cultural era mais restrita e lenta, hoje na era da televisão, dos "color-mix" e das *vacanças*, tudo se altera a uma velocidade que temos dificuldade em encarar pois, apesar de tudo, os nossos ritmos profundos são bem mais lentos que os circuitos comercial/imagéticos agora implantados. Não se deve esquecer a "aldeia global" de Marshall Mac Luhan.

O trabalho que o catálogo da exposição "A Cor na Arquitectura de Lagos" faz transparecer, assinado por Mário Correia Martins, é sério e demonstra o que é possível numa pequena cidade portuguesa e o que não tem sido possível em cidades maiores com equipas técnicas camarárias muito maiores. Veja-se, por exemplo, a cuidadosa planta da cidade de Lagos no interior das Murallas que faz o levantamento cromático das fachadas, mas com indicações que não são apenas a das cores dominantes como é habito fazer. Veja-se também a reconstituição cromática das fachadas no centro de Lagos nos anos 30. A prospecção histórica é importante não como fonte nostálgica, mas sim como informação para a compreensão da mudança até hoje. Importante é também este estudo não ter por objectivo "pretender descobrir tons ideais para edifícios". Junta sobretudo conhecimentos, ajuda à compreensão e poderá ser base para qualquer acção que com isto será concerteza mais segura.

E Lisboa? A cidade capital continua a pecar pela ausência de estudos sérios, completos, registos sistemáticos, e voga ao sabor dos interesses momentâneos ou de vontades pessoais. É o caso da valorização do chamado eixo da 7ª Colina, iniciativa inscrita na capitalidade europeia da Cultura deste ano, que apenas significa um esforço localizado no tempo e no espaço e somente sobre o conjunto das fachadas do percurso urbano do Cais do Sodré ao Largo do Rato.

No dia 12 de Abril a organização convidou algumas pessoas a estar presentes num jantar/debate no qual acabou por haver uma clarificação, por parte do grupo consultor constituído pelos Professores José-Augusto França, José Troufa Real e Lagoa Henriques, sobre a ideia e o percurso seguido. José-Augusto França fez um breve historial do eixo e outro da cor em Lisboa, destacando a experiência do pintor Carlos Botelho. Este pintava as célebres vistas duma Lisboa antiga e colorida quando vivia nos baixos do palácio Tancos. Depois passou a viver na zona do Areeiro e começou a produzir uma pintura muito menos exuberante de cor. Tinha ido à lixívia, como muitos então diziam. Mas, paralelamente, pintava pequenos quadros como fazia anteriormente, mas não os expunha. Assim José-Augusto França associou restrição de cor ao Estado Novo, e policromia à Liberdade. Estabeleceu esta conexão ideológica e bem imediatista para justificar a escolha caso a caso das cores da 7ª Colina. Ou seja, cada pintura de fachada, paga em duas partes iguais pela Lisboa 94 e pelos proprietários, acaba por ter uma cor decidida por diferentes pessoas onde o grupo con-



sultor tem apenas uma quota parte de responsabilidades. Troufa Real chegou a descrever o caso de um edifício pintado a verde alface porque a proprietária, uma senhora de idade, não gostou do verde que lhe foi proposto e foi ao catálogo apontando finalmente para esse verde alface, uma cor que lhe fazia lembrar a infância.

Há assim um procedimento que deriva, parcialmente, do gosto de quem pode sobre cada edifício, a partir de uma sugestão, também de

gosto pessoal por parte do grupo, ao contrário da vontade que tem sido manifestada e nalguns casos concretizada pelos GTL da Câmara Municipal de Lisboa que instituem regulamentos de cor para as suas áreas de jurisdição, consideradas históricas, tal como a 7ª Colina.

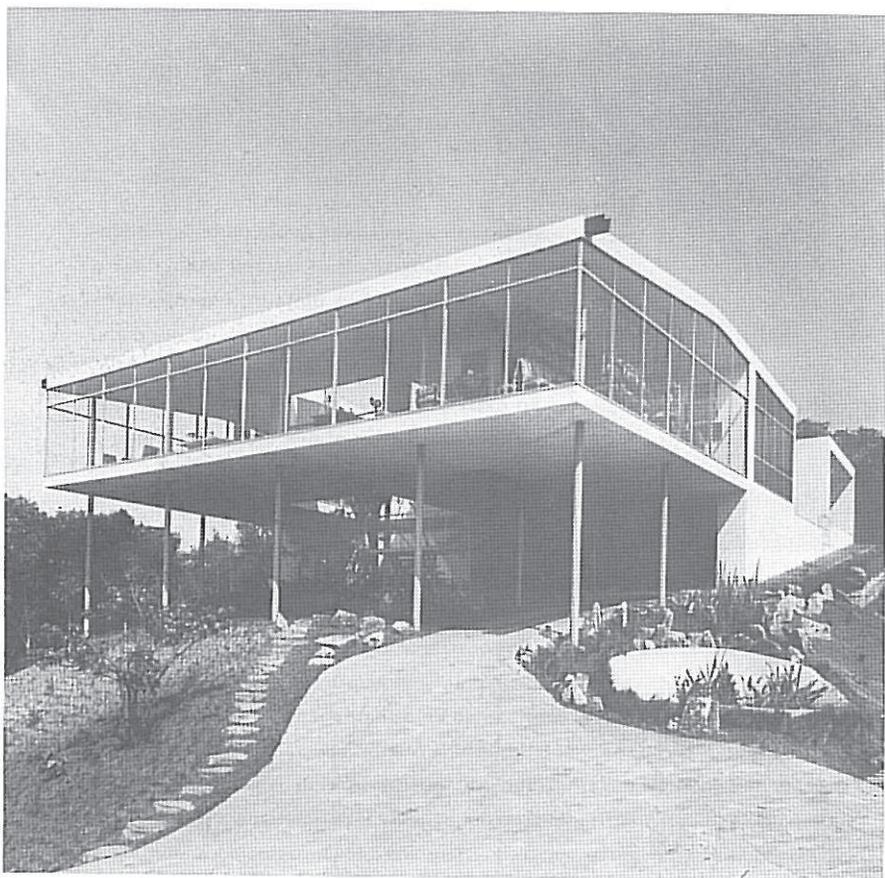
Durante o jantar/debate foi tema que surgiu, a necessidade ou não de plano de cores e respectivo regulamento. Mas para isso seria fundamental ter havido estudos. Estudos como os que Mário Correia Martins fez e ainda outros, nomeadamente de carácter histórico, nomeadamente incidindo sobre cada edifício, e ensaios projectuais para definir escolhas e critérios, tais como os que se usaram para a pintura da igreja do Loreto, um azul cinza que lembra os paramentos azulejados da igreja que está em frente, fazendo assim recordar que os dois templos estavam associados a uma das portas da muralha fernandina. Estes estudos não se fizeram nem havia tempo para isso, e a imposição de regras para questões como as da cor são tema bem delicado a necessitar de séria ponderação.

Mas a cor é apenas um dos elementos de percepção da Arquitectura, neste caso de uma sucessão de espaços urbanos e respectivos edifícios definidores. José Manuel Fernandes, durante o jantar debate, recordou a recente construção de dois edifícios de pretensa cópia pombalina, nesse mesmo eixo, resultantes não só de mau trabalho de arquitecto como também de uma absurda imposição camarária. Felizmente que, quando Francisco Conceição Silva projectou o seu interessante edifício de habitação na Rua da Imprensa Nacional, não havia tais imposições. E, deste modo, surgiu uma arquitectura de linguagem moderna mas primorosamente integrada, no tempo do Estado Novo calcule-se! Pancho Miranda Guedes chamou a atenção para a utilização da rua, propondo banir o automóvel privado e alargar os passeios para que se ande a pé e se aprecie calmamente as vibrantes cores da controversa operação da 7ª Colina.

Registam-se pois duas acções, de carácter bem diferente, para o necessário debate sobre a Cor na Arquitectura. Uma de aplaudir na sua seriedade, no que mostra, como procura conhecer e dar a conhecer resultados que, para muitos são surpreendentes e podem servir de base para escolhas criativas e não arregimentadas. Outra claramente cingida no tempo e no espaço, baseada num método expedito cujo resultado tem pelo menos o mérito de levantar problemas, estabelecer polémica e responder ao que foi solicitado, chamar a atenção popular para o eixo da 7ª Colina. Por causa disto também haverá reflexos em Lisboa e até em Portugal. O gosto pelas cores vivas nas fachadas está a ser alimentado. É melhor que uma Lisboa de tons sujos e de tintas texturadas que atraem pó, sujidade e aderem mal às alvenarias antigas. Mas podia ser ainda melhor não fosse a pressa com que habitualmente os poderes decidem sobre as coisas da Arquitectura.

## LINA BO BARDI

uma exposição retrospectiva  
e um catálogo demonstrativo da força criativa



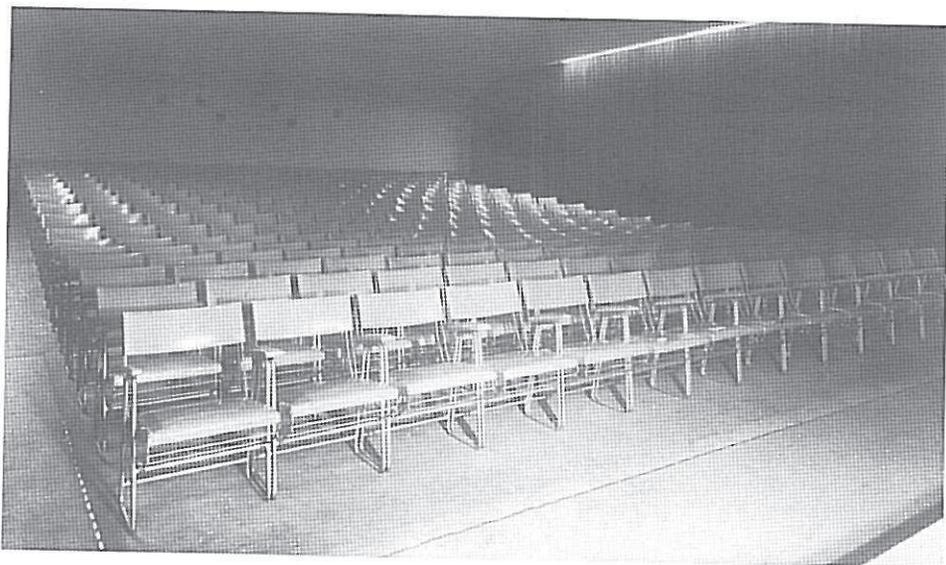
A CASA DE VIDRO  
(CASA BARDI)  
S. PAULO 1951

MÁRIO CHAVES

Qualquer definição que tenha como finalidade descrever os limites da Arquitectura em fórmulas artificiosas só poderá ser arbitrária, sendo totalmente prejudicial a tentativa de tornar absolutas as suas características. Assim, todos aqueles que estudam a Arquitectura – essa proto-arte, progenitora de todas as outras, afirmam no cerne que é a arte da medida, a arte da delimitação e da repartição espacial, a arte do número e da medida da criação. A arquitectura de Lina reúne quase sempre os dois pólos da medida criativa, o útil e o belo e é uma arte liberta de compromissos com o passado,

pois na contínua osmose entre o dado estético e os dados técnico-sociais, soube com maior facilidade que outros, libertar-se dos estorvos e das convenções de um passado já extinto na Arquitectura Moderna.

A Arquitectura de Lina Bo Bardi constitui ainda um dos casos em que nos é dado assistir a um particular modelo que a todo tempo parece definitivo e eterno, mas que se ultrapassa em cada novo exemplo ensaiado e construído. Por ela, a forma que até certo ponto está condicionada pelo material usado, pelos caprichos da moda e do consumo, sempre pareceu estar destinada a mudar, a deformar-se, a desaparecer, para dar o lugar a formas absolutamente novas, inéditas, atrevidas. Lina soube caracterizar uma nítida passagem do passado do Movimento Moderno ao futuro, desviando a Arquitectura da sequência estilística que pode constituir a continuidade artística. Desta forma compreende-se não só a importância de libertar a Arquitectura dos estilismos do passado, como a sua necessidade de considerar os elementos construtivos e mecânicos não como um fim supremo, mas como meio para oferecer, mais uma vez ao homem uma “habitação” que não seja só prática, mas estética. Nesta sua procura de adequação entre os meios técnicos e fins estéticos e



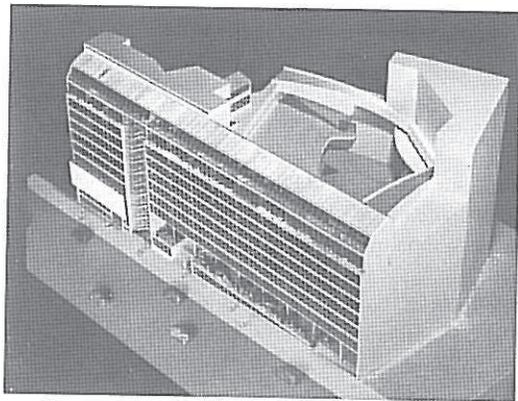
MUSEU DE ARTE, AUDITÓRIO  
S. PAULO, 1947

MUSEU À BEIRA DO OCEANO  
S. VICENTE - S. PAULO 1951  
MONTAGEM FOTOGRÁFICA, MAQUETE



LIVRO / CATÁLOGO

EDIFÍCIO PARA DIÁRIOS  
ASSOCIADOS  
S. PAULO, 1944  
MAQUETE



sociais, a Arquitectura soube encontrar novas formas que fossem simultaneamente, adequadas às exigências dos novos materiais e dos novos cidadãos. Que a Arquitectura não é, apenas, arte do espaço encerrado, provam-no as construções cheias que ornaram a paisagem, criando novos horizontes estruturais – Fábrica da Pompeia, Museu de Arte de São Paulo.

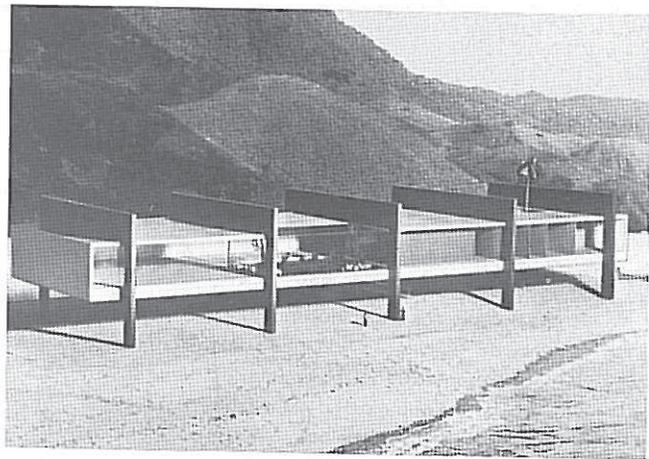
As obras de Lina possuem ainda a importância da luz como elemento, não só complementar antes basililar, não podendo ser considerada como um acréscimo fortuito ao que é a sólida estrutura dos edifícios,

antes o reconhecido papel que a incidência e penetração luminosa possui para a justa evidência do jogo estrutural manifestado.

Depois há ainda a contribuição e a comunhão com o teatro, essa expressão de difusão dos elementos poéticos da alma humana. Mesmo nas realizações destinadas ao teatro, existe uma coexistência de uma dupla realidade que faz com que seja, cada gesto, acto, voz, cor, adquira pelo simples facto de ser posto em cena, uma plenitude e uma dimensão notável. É a teatralidade da arquitectura inventada e a arquitectura dos cenários cénicos. Podemos verificar a transformação da realidade cénica através das obras de arquitectura teatral tornar-se tão ousada quanto a verdadeira, nos seus efeitos ilusionísticos e de deslumbramento.

Lina baseou-se muitas vezes num princípio muito simples para conseguir os seus objectivos cénicos, partindo do princípio de que procurando a colaboração do público, pode reduzir a pouco ou quase nada

supérfluo a imitação ilusória da realização cénica, baseando-se no aproveitamento de um jogo de convenções e convertendo-os em algo muito pouco convencional – Igreja Espírito Santo do Cerrado, Ópera dos Três Vinténs. É um facto irrefutável que a Arquitectura de que estamos a falar e pela qual ficamos efectivamente ligados, está ainda prevalentemente associada a sistemas de invenção e construção quase artesanais (no mais puro e delicado sentido) e quem preste atenção no desenvolvimento evolucionista de 40 anos de trabalho verificará facilmente que eles são marcados quase sempre, por uma vontade diferenciadora que não revela aquela necessidade de catalogações, nem de lícito encaixe em esquemas fáceis, antes um percurso autónomo de bem estar no mundo e é inegável que essa premissa conseguiu ser atingida. Todas as suas obras são usufruídas



por pessoas felizes. Feliz é também a exposição, organizada por temas fortes de produção, com pensamentos legíveis, imagens claras e legendas perceptíveis, com instalações de mobiliário e maquetes com elementos vegetais. Feliz é o catálogo que de uma forma concreta apresenta todos os percursos possíveis que a sua grande obra intelectual pode produzir. Felizes ficamos nós por esta embaixada ter chegado em tão bom tempo ter ficado até 17 de Abril na Estufa Fria.

# HISTÓRIAS DE UMA CASA MODERNA

CASA DR. RIBEIRO DA CUNHA, 1955

Arq. Conceição Silva

AVENIDA DAS

DESCOBERTAS, Nº 8

RESTELO

LISBOA

FERNANDO HIPÓLITO

Portugal, 1955.

Era no mínimo insólito conceber uma casa que não se mostrasse para fora, ou que não ocupasse o centro de um lote com 1800m<sup>2</sup>.

A casa Dr. Ribeiro da Cunha, sempre foi para mim, aquela que em Lisboa escolheria para viver.

Não só por ser o Restelo um bairro com características próprias, ambientais e de localização que me agradam, como por ser esta casa um objecto bem exemplificado das correntes plásticas dos anos 50.

Variadas vezes me perco pelas labirínticas ruas deste bairro, sonhando em um dia poder viver um pouco mais abaixo.

Apaixonei-me pelo enorme mural de Júlio Pomar, opaco, desviado, ligeiramente curvo, texturado na acidentada pasta de marmorite, enrolado sobre uma grelhagem de tijolo apainelada com rectângulos de vidro desencontrados que, certamente, produzem um projectado reflexo de luz difusa no chão do hall de entrada com duplo-pé-direito.

Já por si, uma rampa é um interessante meio para ultrapassar diferenças de cotas; quanto mais ser ela própria, o meio utilizado para entrar na casa, anunciando novas surpresas.

Voltada a sul, a casa contradiz a cegueira da fachada principal e abre-se para o Sol, o Tejo, o mar. No lote, a sua implantação a norte deixa livre todo o terreno sobrance a sul.

Encaixava perfeitamente a minha estrutura de vida naquele sóbrio programa de áreas generosas. Sentia-me o cliente inicial.

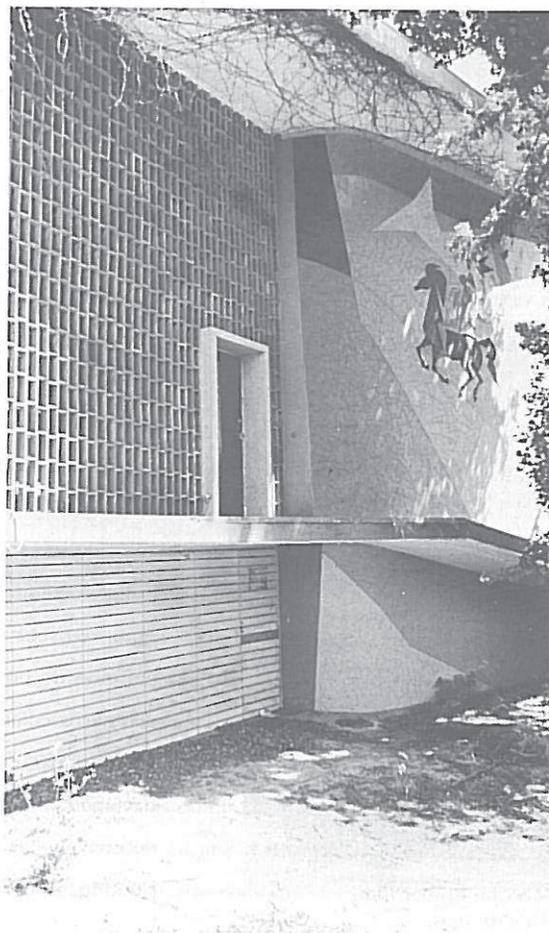
Sem grandes histórias para contar quanto à sua organização interna (salas e quartos virados a sul, zonas de circulações, casas de banho e cozinha a norte), a casa sobrevaloriza grandes situações no hall, como espaço distributivo e de transição e, também por ser ele próprio o único motivo de afirmação exterior.

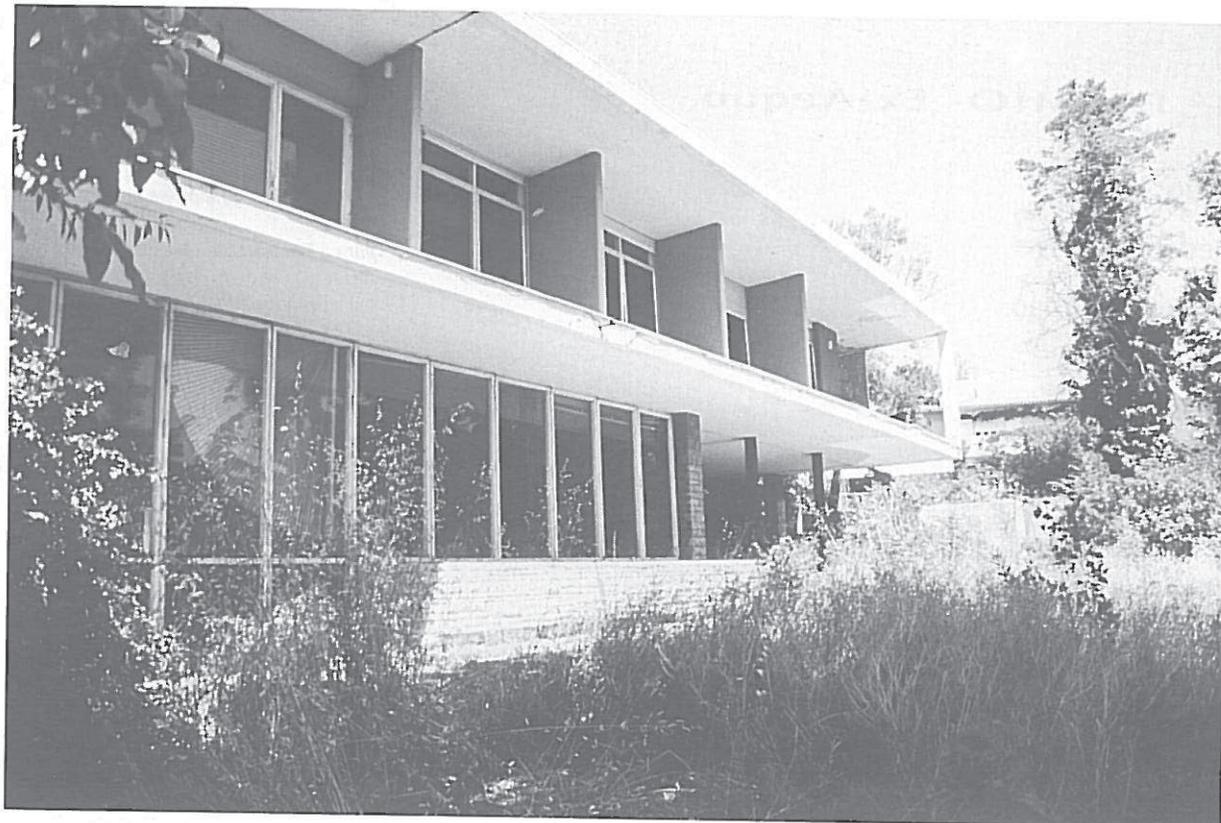
Este grande hall vestibular concentra os seus esforços na curiosa escada espiralada, solta e apoiada apenas numa elegante espinha dorsal/viga central em betão, com degraus sem espelhos, engatados na estrutura apenas pelos seus cobertores.

As zonas de estar, usufruem do duplo-pé-direito utilizado no hall e a luz difusa recebida ainda se arrasta até elas.

O volume em consola do 1º piso, apoiado por ligeiros pilotis no piso térreo, não só protege a sala da exposição solar excessiva, como se transforma numa *varanda-toda-corrída*, comum à outra sala e aos quatro quartos do piso superior – um lugar comum? – uma moldura de betão que formaliza uma imagem central (um ecrã de televisão).

Com a curiosidade prestes a matar o gato por tão misteriosos atributos reunidos num só projecto, semanalmente subo a Av. das Descobertas, na esperança de, quem sabe, um dia porem à venda por um preço irrisório a casa do Doutor Ribeiro da Cunha – ingenuidade, imaturidade, inocência, sonho.





Imagens de Bárbara Martins,  
Helena Rodrigues, João  
Calvinho e Sandra Lopes

A casa, diariamente cai ao abandono, assombrada.

Nela vivem os espíritos de uma época.

Problemas de partilhas, herdeiros, testamentos e heranças?

Quem sabe algum herdeiro mais interessante a recupere e ocupe, encha de vida, família e alegria esta casa tão "moderna".

Terá ainda alguns móveis de época? Como serão os revestimentos da cozinha e casas-de-banho? E a lareira? O seu desenho? Será que o Júlio Pomar ainda interviu no seu interior?

De fora ainda se vê ao longe, na varanda do piso superior, arredado a um canto, um belo canteiro em cimento azul, estreito e comprido, apoiado por vários desencontrados e finíssimos pés em tubo de ferro.

Um dia, numa daquelas passagens, surge uma tabuleta de madeira forrada a papel plastificado, ostentando um qualquer número de uma qualquer licença.

Na semana seguinte, são soldadas ao gradeamento exterior, ladeando e "marcando" o portão principal, duas rústicas lanternas em ferro forjado.

Susto!

Mais outra semana, mais outra sonhadora passagem.

Agonia, revolta, tristeza.

Picaram o mural do Júlio Pomar.

Desapareceu mesmo, de vez e para sempre.

Estão a destruir a casa dos meus sonhos.

Sinto-me roubado, ultrajado e injustiçado.

É este o fim a que se destinam as nossas obras, os nossos projectos, vontades e ideias?

Quem nos respeita depois de partirmos?

É um bocado da vida, um bocado de nós que se vai ainda.

A vida do homem é limitada, mas o legado construído, salvo excepções (guerras, catástrofes naturais), é ou deveria ser eterno – pensamos nós.

Quanto vale deixar ao mundo um projecto intenso?

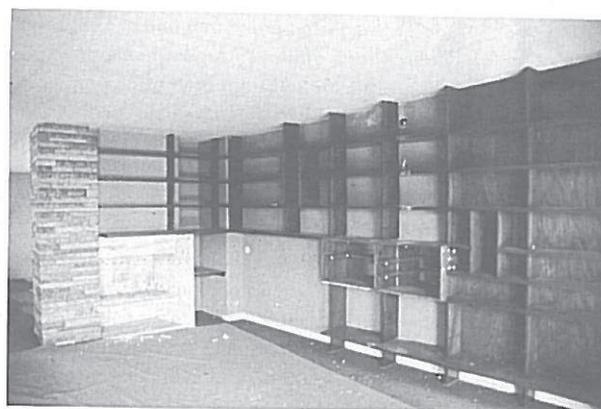
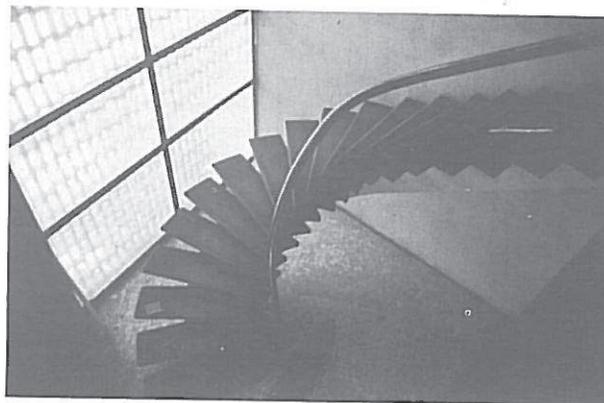
Esta casa é ou era intensa. Era essa intensidade que eu sentia quando a imaginava minha – a intensidade de um autor, de uma obra, de um gesto, de um acto criativo.

Perdi um sonho.

Conceição Silva também perdeu um pouco de si.

Alguém ganhou! – estatuto, uma grande casa, um bom investimento.

Perdeu também a Arquitectura!



# CONCURSO DE IDEIAS VALORIZAÇÃO DA BAÍA DO SEIXAL E ÁREAS ENVOLVENTES

## 1º PRÉMIO- Ex-Aequo

Júlio Alves

Pedro Caldas

Miguel Raposo

Mário Melo

### COLABORAÇÃO

Carla Campos

### ENGENHARIA DO AMBIENTE

Ana Sílvia Sequeira

Cristina Sequeira

### COLABORAÇÃO

Paulo Lopes

José Costa

### PAISAGISMO

Joana Sena Rego

## 1º PRÉMIO- Ex-Aequo

Ana Sofia Sindão Monteiro

Carla Justo Louro

Leonor da Costa Afonso

Rui Miguel Picoto da Cunha

## 3º PRÉMIO

Julieta Quintas de Oliveira

*Mais uma vez a gralha entrou no JA. E foi no número*

*dedicado aos Concursos (131), cuja dificuldade de organização é óbvia.*

*Publicou-se como sendo o 2º prémio do Concurso de Ideias para a Recuperação da Baía do Seixal um trabalho que afinal tinha ficado*

*em primeiro lugar ex-aequo com o que julgávamos ter sido classificado isoladamente no topo (pág. 50).*

*Erro nosso do qual pedimos desculpas aos prejudicados.*

*Para o reparar, republicamos agora o trabalho com o nome de um dos autores corrigido.*

*A Direcção*

**NOTA:** trabalhos publicados no JA 131, pág. 48 a 51

A ideia central deste estudo fundamenta-se na impossibilidade de resolver questões urbanísticas de uma faixa ribeirinha ignorando o conjunto complexo de problemas que resultam da estrutura urbana envolvente, entendendo-se como necessária uma metodologia global, que permita equacionar as consequências da expansão urbana prevista no PDM. Os aspectos mais significativos do estudo são a salvaguarda das zonas urbanas já consolidadas, a reabilitação e estruturação dos espaços indefinidos, a adaptação de zonas naturais ao uso público incluindo normas e aspectos técnicos, bem como a regulamentação de zonas de acesso restrito com relevância para as acções de protecção ambiental que preservem intactos os valores únicos, que constituem património público.

A valorização do tecido urbano já consolidado deve incluir medidas que recuperem as ruas e praças para os peões. Devem estimular a fixação de funções e actividades evitando uma terciarização excessiva com o consequente congestionamento. As áreas centrais devem representar um papel de complementaridade com opções que reabilitem o património edificado e conduzam a um reajustamento dos novos padrões sem afectar as memórias e ligações afectivas que constituem referências na cultura urbana e formam um espírito que deve prevalecer no estudo e planeamento das cidades, antecipando soluções com interesse colectivo.

Os espaços de expansão devem seguir opções e práticas que visem a consolidação do tecido urbano, em que o equilíbrio deve resultar de um compromisso entre a dinâmica dos agentes transformadores e o interesse público, que se deve expressar através dos instrumentos do planeamento.

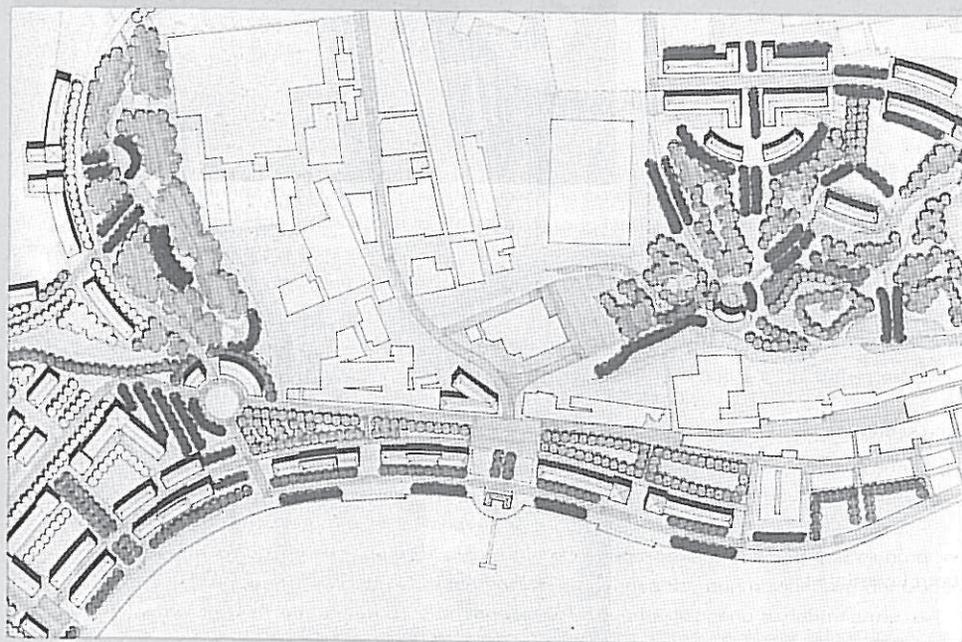
Na transição dos espaços edificados e naturais o conceito de frente urbana deve ser reabilitado. Para além de uma leitura de continuidade, forma um limite que estabiliza o tecido urbano e proporciona boa vizinhança com áreas ajardinadas ou parques públicos.

A criação de áreas "non aedificandi" justifica-se como defesa ambiental, condicionando o uso de um espaço na medida em que os seus valores únicos não são afectados. A salvaguarda de valores naturais e paisagísticos deve pautar a criação de espaços de lazer e recreio.

A reabilitação de espaços livres no interior do tecido urbano valoriza o conjunto e proporciona condições propícias ao repouso, de forma a que os jardins e parques definam elementos estruturantes que proporcionem qualidade ambiental onde a concentração de indivíduos é maior. A aquisição de espaços livres por parte do município para utilização pública deve ser considerada uma prioridade.

Para a área do Sapal, foi definida uma metodologia que inclui o levantamento exaustivo das espécies existentes, a criação de zonas de reserva integral e de corredores ecológicos, que poderão assegurar a defesa real das áreas a preservar.

A Península do Alfeite, pelas suas características naturais bem como por ser um espaço confinante da zona do Sapal, deve constituir um espaço de acesso condicionado. As construções de raiz serão limitadas e funcionalmente destinadas a apoios de praia, evitando-se uma carga humana e uso excessivos que possam fragilizar ou comprometer o equilíbrio ecológico desta área.



## ESCRITÓRIOS COMO CENTRO

MICHEL TOUSSAINT

Será ainda possível imaginar as antigas cidades onde não se distinguiam habitações das lojas e estas dos espaços dedicados aos serviços, administrações, etc? As grandes cidades da China que chegaram a ter vários milhões de habitantes, a capital do mais poderoso império ocidental, Roma, com cerca de um milhão de habitantes, Teotihuacah (perto do actual México) com algumas centenas de milhar no início da nossa era, organizaram-se diferentemente. Templos, palácios, estádios, vias processionais, marcavam o seu centro ou centros, sendo a restante área urbana misturada em termos de funções e quase idêntica em termos tipológicos. Havia assim um valor simbólico fortíssimo, reservado ao colectivo e sua relação com o além mediado pelos que detinham o poder, sacerdotes/governantes.

A evolução das sociedades ocidentais em separar poderes terrenos e divinos colocou, no centro urbano, muitas vezes frente a frente, a igreja e o palácio, este muitas vezes já municipal e não do príncipe, abrindo entre os dois pólos uma praça, local da reunião colectiva, seja para a feira, seja para as mais diversas manifestações. Palácio e igreja chegavam a rivalizar em altura com as suas torres, uma chamando os fiéis e ordenando-lhes as horas do dia e outra comunicando com os cidadãos, anunciando desgraças ou alegrias e até vigiando o território envolvente. Os estudos de Camilo Sitte no seu célebre livro *A Arte de Construir Cidades*, centraram-se naturalmente na praça e seus edifícios envolventes.

Mas olhando mais atentamente para a cidade do século XVIII e tomando a reconstrução pombalina como paradigma, as duas praças, Comércio e Rossio, distinguem-se pela primeira albergar a administração do Reino e a segunda ser o centro cívico, rodeada de comércio (no rés-do-chão claro, e habitação por cima) tal como as novas e direitas ruas traçadas entre elas. Nesta cidade repensada segundo moldes do seu tempo, a igreja e até o palácio deixam de ter a importância anterior, visto integrarem-se completamente no quarteirão, tornando-se o espaço urbano (praça e rua) o fulcro organizador.

A Revolução Industrial acentuou ainda mais este processo, mas já não num sentido de entender o espaço urbano como centro e representação da vida colectiva. O positivismo e a invasão técnica obrigaram a olhar a cidade como um tecido produtivo e as suas ruas como espaços de transporte e de infraestruturas, optando-se sistematicamente pelas malhas reticuladas definindo quarteirões. Veja-se a Lisboa das Avenidas Novas, ou os "ensanches" seus contemporâneos, nas principais cidades espanholas. Ildefonso Cerdà (Barcelona), se bem que mais sofisticado e consciente da nova disciplina emergente do Urbanismo, não deixou de ver a cidade estritamente sob um ponto de vista funcional, até na estreita relação numérica entre equipamentos e habitantes, estes traduzidos em quantidades de quarteirões.

O caso de Chicago pós-incêndio, é bem o exemplo que se estende igualmente aos edifícios. A ortogonalidade da malha da nova cidade é acompanhada pela ortogonalidade do sistema construtivo em esqueleto metálico, tal como Leonardo Benevolo mostrou. Com a implementação dos sistemas mecânicos de transporte vertical, o elevador, os edifícios subiram, e os que subiram foram aqueles essencialmente destinados a escritórios. A cidade, cada vez mais tentacular em relação ao território circundante e não só, é o centro já não de uma administração insegura, mas capital de vastos impérios comerciais e produtivos. Em consequência cada vez há mais escritórios. Estes ocupam o centro, expulsam as outras actividades, apenas tolerando aquelas que lhes são adjacentes, lojas, restaurantes e pouco mais. Na cidade americana (do Norte), a dicotomia entre centro e periferia atinge o máximo na separação entre concentração de terciário e dispersão da habitação que se traduz tipologicamente na oposição entre a torre de interiores altamente artificiais e aparência cada vez mais brilhante, e a moradia no centro de um jardim, local de perpetuação da família, enquanto o centro é o local da perpetuação dos negócios e ponto eleito da agitação e ferocidade da competição entre firmas e indivíduos. É curioso como Raul Lino, ao defender a casa, no seu livro *Casas Portuguesas*, entendia esta como um espaço de harmonia isolado da dureza do mundo exterior.

Na Europa tal situação só recentemente é que se começou a generalizar, na medida em que o casco antigo continuou a ser o centro da cidade, sobretudo nas grandes cidades do sul onde o seu velho e pujante desenvolvimento urbano, se bem que em larga decadência desde o século XVIII, foi acolhendo estas inovações ou desviou-as em parte para acrescentos novos. Estes timidamente foram absorvendo esses excessos mas, à medida que os sistemas se modernizaram, os velhos centros começavam, em muitos casos, a entrar em decadência e novos centros a surgirem ao lado. O caso de Madrid é bem sintomático. O seu centro histórico está em decadência há longos anos, enquanto os crescimentos planeados, iniciados no século XVIII e implantados no século seguinte, absorveram quase todas as actividades centrais.

Apesar de tudo, nenhuma das cidades europeias seguiu as propostas radicais de Le Corbusier para Paris que, com o seu Plan Voisin, propunha arrasar os quarteirões que o arquitecto suíço/francês condenava, para implantar um centro de torres cruciformes para escritórios, apenas deixando de pé alguns dos principais monumentos: Notre Dame, o Louvre, e pouco mais. Le Corbusier queria que Paris tomasse o modelo da sua cidade para 3 milhões de habitantes ou a seguinte, ainda mais funcionalmente zonada, a Cidade Radiosa.

Nas duas principais urbes portuguesas, Lisboa e Porto, o centro antigo lá foi absorvendo a ampliação do terciário. O Porto ainda criou a Av. dos Aliados que substituiu áreas mais antigas e a Lisboa "Capital do Império", nem conseguiu implementar os sucessivos planos para o Martim Moniz e muito menos o hipotético centro governamental na continuidade ou da Av. António Augusto de Aguiar (1959) ou da Av. da Liberdade (1967). Mas, em contrapartida, desde os anos 50 que o eixo dos Restauradores ao Campo Grande tem sido centro de renovação urbana cada vez mais intensa no sentido do terciário, na capital e, no Porto, a rotunda e Av. da Boavista a zona de eleição para implantar essas actividades, depois de uma primeira tentativa em estender o centro para trás dos Paços do Conselho.

Afinal foi a iniciativa privada, à revelia dos planos municipais, que nunca ou tardiamente tiveram força de lei, diga-se a verdade, que moldou e definiu as novas áreas de terciário, renovando não as zonas mais antigas porque incapazes de aceitar maiores dimensões arquitectónicas e viárias. Esta tendência, manifesta-se hoje em dia, na Área Metropolitana de Lisboa, em situar as maiores operações imobiliárias de terciário junto às vias motorizadas de primeira hierarquia, ou seja regional. Veja-se o que se está a passar com a 2ª Circular onde estão a crescer as chamadas Torres de Lisboa (Frederico Valsassina), e futuramente aparecerá o Centro Colombo duns arquitectos americanos (?) e a que o actual executivo camarário obrigou a retirar a habitação projectada, ou a zona das Laranjeiras onde, ao lado do Jardim Zoológico e de antigas quintas senhoriais, crescem torres de habitação e de escritórios, estas justificadas pela proximidade ao eixo norte/sul e rede viária principal da cidade.

Mas, o concelho de Lisboa começa a dar sinais de expelir terciário. As razões poderão ser muitas, algumas serão o preço altíssimo dos terrenos, a dificuldade de acesso automóvel e respectivo estacionamento e ausência de equipamentos complementares atractivos, não esquecendo a terrível burocracia camarária. Veja-se o que se passa ao longo da auto-estrada Lisboa/Cascais onde um empreendimento de nome Arquiparque, que se diz serem de arquitectos holandeses (?), já está implantado e outros se anunciam, mais amplos e mais complexos em termos de oferta de equipamentos complementares.

E há ainda outro fenómeno que existe há alguns anos noutros países europeus e que está a dar os primeiros passos em Portugal. Trata-se dos Parques Tecnológicos que associam, no mesmo local, espaços de investigação e ensino, sedes de empresas em formação ou não e centros de produção com uma gama muito completa de equipamentos complementares. Aqui os escritórios são uma das componentes importantes, mas já não a dominante.

Há assim em torno da relação escritório e sua implantação no território (urbano), um mundo em movimento que se diversifica cada vez mais, à medida também que a mobilidade nas áreas metropolitanas e rede urbana dos países e regiões se vai acentuando, substituindo a cidade concentrada, acompanhando, pelo menos parcialmente, a fuga à urbe congestionada ou decadente, reflectindo a competição internacional entre as cidades e suas regiões e até espelhando nos territórios as fracturas sociais, isolando em locais defendidos os mais favorecidos, deixando longe os mais desprotegidos. Este é um dos reversos desta medalha que brilha com os fulgores do progresso e do bem estar tecnológico, mas que tende, pelo menos entre nós (nós, Portugal, União Europeia) a acentuar diferenças sociais.

Disto tudo se traz alguns exemplos concretos de edifícios e projectos para o JA. A diversidade de situações é evidente e voluntária e justificada pela análise atrás exposta.

## CASOS PONTUAIS

1 - Portanto, como não podia deixar de ser, o novo edifício do Banco Fonecas e Burnay tinha que se implantar, no Porto, na Av. da Boavista, mas na parte mais antiga, não longe da rotunda, onde co-habitam exemplos quase modestos da transição do século, pequenos palacetes de vários neo-estilos, e intervenções mais recentes, mais maciças, na sua maioria falhas de qualquer intencionalidade qualitativa. É assim um sítio desconchavado, em mutação acelerada para o qual **Alcino Soutinho** projectou esse novo edifício bancário. O facto de se colocar numa esquina aguda e ao lado de edifícios mais baixos, levou-o a ordenar volumetricamente o todo a partir da Av. da Boavista (a rua principal), tirando partido gerador da esquina resolvida como prisma poligonal em lembranças geométricas dos anos 20 (Roux-Spitz) e usando sistemas de relação formal e de escala semelhantes às de Álvaro Siza no "Bonjour Tristesse" em Berlim, apesar deste não ser mais alto que os vizinhos ao contrário do edifício portuense. Alcino Soutinho abandona a parede cortina de vidro e joga com superfícies/volume mais exterior ritmado por janelas quadradas e superfícies/volume mais recuado com "fenêtres longueur". Os pórticos conferem a "dignidade" para quem está no passeio, mas não percurso protegido. No interior é de notar o rés-do-chão com pé direito duplo.

O edifício do Banco Fonecas e Burnay resulta assim de um diálogo ao nível urbano e de uma abstratização de referência aquela arquitectura realizada no princípio do século pelos proto-modernos. Não é uma atitude de ruptura, é antes uma procura de continuidade com a situação local e com um percurso histórico que foi ofuscado pelo brilho das vanguardas, mas que hoje foi recuperado depois da queda da crença absoluta (e absurda) no Moderno.

2 - Em contrapartida, e também de arquitectos do Porto, a sede da Nestlé em Lisboa, melhor dizendo, na Área Metropolitana de Lisboa, sobre a auto-estrada de Cascais, é um conjunto que propõe como única referência local, o alinhamento da demolida fábrica da Tofa (por sinal um interessante exemplo da arquitectura industrial), estendendo-se em articulações e gestos de sabor expressionista nas suas geometrias, mas de sabor racionalista no desenho das fachadas em óbvia referência a Richard Meyer. É um difícil casamento que os arquitectos do **GALP** tentaram numa recente renovação da sua segura linguagem moderna a que estávamos habituados. O conjunto dá evidente resposta a um programa que propõe, além de escritórios, todo um conjunto de espaços de apoio que, no centro de Lisboa, seria impensável. Por isso não é uma torre e coloca-se no meio de um vasto lote ajardinado. É uma "sede/moradia".

3 - Já a Prológica, que não fica muito longe da Nestlé, comprou para a sua sede um terreno num loteamento um tanto desconchavado mas pensado para tais usos. Algumas empresas conhecidas já lá estão. **Fernando Hipólito, João Rodeia** e **Raul Santos** aproveitaram a encosta de onde se vê a paisagem, que descrevem na sua memória, para desenvolverem em arco e terraços a frente a Leste numa situação que se convencionou chamar de mediterrânea, enquanto, por outro lado, "desconstroem" o agenciamento de volumes criando uma arquitectura de eficácia expressiva com sistemas construtivos correntes, e interiores onde a retícula de pilares tem forte presença, transparecendo, no exterior, sob a curva. Há aqui uma procura crítica de contemporaneidade em meio urbano, no desafio que os arquitectos fazem à banalidade da encomenda e do que o sítio se está a transformar.

4 - E cá se está junto aos Paços do Concelho de Matosinhos, o conhecido conjunto de Alcino Soutinho que gerou um plano de pormenor exigente: tudo à volta se deve assemelhar ao conjunto inicial. Este desaparecerá perante tanta igualdade. **Ana Paula Petiz** enfrentou uma pesquisa, onde, de um lado há pórtico e do outro não e na outra esquina

do mesmo alinhamento sobre a rua Ló Ferreira um edifício com mais um piso que os do quarteirão a que este pertence. Resolveu juntar os dois problemas e criou uma forma curva e de final agudo para absorver esse piso a mais (recuado) e separar o pórtico das fachadas sem tal. Há aqui como que uma repescagem do banco em Vila do Conde de Álvaro Siza que emerge de uma arquitectura mais regrada.

## PARQUES

1 - Chamam-lhes parques a esses empreendimentos que se organizam em diversos edifícios com fins terciários ou mesmo industriais, enquanto os empreendimentos maioritariamente para habitação dão pelo nome de quintas. Mas ambos evocam a presença do campo, a natureza junto à arquitectura citadina.

O Parque de Escritórios da Quinta da Fonte associa os dois nomes, mas põe um em primeiro lugar, o que o caracteriza nessa gíria do mercado imobiliário.

Este conjunto de grandes dimensões para a escala portuguesa é bastante completo. Nele os edifícios dispõem-se quase como quarteirões pois são isolados, mas alinham-se entre si, definindo uma espécie de ruas/percursos ou cruzamentos/praças. Curioso é a afirmação dos autores dos projectos de edifícios, os arquitectos da **Sua Kay Arquitectos**, que propõem três estilos (Quinta Velha, High-Tech e Monumental em Granito), o que não deixa de lembrar que o edifício de escritórios em "open space" e localizado em todo o mundo, aberto às mais diversas técnicas de construção de fachadas, acaba por encarnar o moderno espírito ecléctico. Sua Kay Arquitectos como firma de projectos em Portugal, está, em sintonia, mas organizando uma extensa equipa de especialistas para lhe responder, como se pode observar.

2 - Num sítio bem mais recatado, por agora, como é a zona do Lumiar, mas num terreno que será atravessado pela Via Envolvente de Carnide surgiu o Polo Tecnológico de Lisboa (ou Parque) de iniciativa do LNETI, centro de investigação técnica do Estado, com a intenção de juntar Investigação, Ensino/Divulgação e Empresas, e também jovens Empresas, com o fim de as alimentar em meio culturalmente rico antes de as lançar num percurso pelo seu próprio pé.

O pólo concebido por **Susana Veiga Simão** ocupa as duas partes do terreno separadas pela Envolvente de Carnide, de um lado inicia-se pela antiga casa da quinta, que não foi deitada abaixo, alinhando edifícios compridos ao longo da maior dimensão (Este-Oeste), e de outro concentra um conjunto de lotes. Cada edifício é concebido por um arquitecto diferente, para entidades diferentes, a não ser os que o próprio Polo encomendou. O que demonstra uma estratégia diferente relativamente ao Parque da Quinta da Fonte, lembrando as propostas de Rob Krier para os seus planos na IBA de Berlim. Assim não houve a necessidade de estabelecer um prévio ecletismo estilístico. Victor Neves procura referências ao Movimento Moderno mas com elementos de carácter expressionista e uso intencional da cor, mesmo na readaptação da casa da Quinta da Horta Nova. **Filipe Blanch Diniz** e outros, ao confrontarem-se com um limite curvo e um seccionamento, não se esquivaram a estas sugestões. Investiram muito no Centro Técnico Cultural conscientes de ser o edifício representativo por excelência do Polo, com a sua sala de espectáculos/auditório e o seu foyer/sala de exposições, para o qual elementos de valor nitidamente expressivos apontam pontos importantes como a entrada (pala), a subida (lanternim) e os exteriores mostram-se diferentes porque os interiores e as relações espaciais interior/exterior assim o sugerem, ou pedem. E **Susana Veiga Simão**, traduzindo para a realidade um dos edifícios longos que propôs e constituir metade de um conjunto, alongou-o ainda mais com "fenêtres-longueur" e a comprida cobertura curva dos lanternins de iluminação dos corredores centrais e casa das máquinas dos elevadores, terminando o conjunto com dois cilindros e desenhando a sua conexão com um prisma vidrado. Uma simplicidade paralelepípedica complexiza-se pela diferença de função e posição das fachadas e um interior de largos corredores vasados no meio e iluminados zenitalmente. Enquanto **Justino Morais** e **Pedro Nunes** no seu Centro Português de Design em localização algo isolada, optaram por uma composição centrada num espaço central, coberto por vasto lanternim, em planta quadrada com quatro escadas em cada canto e na diagonal. O volume exterior de grande simplicidade escondendo a existência de três pisos, é rasgado nas arestas, evidenciando constante ênfase na estrutura geométrica do quadrado. Há assim uma clara referência às opções do Neo-Brutalismo entre um acentuar compositivo de raiz clássica e o uso de elementos de larga dimensão, expressão dos alcances técnicos, neste caso de betão. Por fim, a Escola de Novas Tecnologias de **J. Quaresma** é um paralelepípedo com jogos geométricos sobre as fachadas que procuram, segundo o autor, tornar-se linguagem. Mas a Linguagem em Arquitectura usa todos os elementos formais e espaciais traduzidos pela Construção, sendo assim emanada do todo, e não apenas uma expressão para o exterior do seu interior. Este também se exprime ao ser percorrido, utilizado, usufruído.

Deste modo, o Polo Tecnológico de Lisboa já aparece visível junto à antiga povoação do Lumiar, entre a quinta ocupada pelo LNETI, um recente bairro camarário de realojamento e o atravessamento da nova via para automóveis. É mais uma paisagem que se altera radicalmente sobre os escombros dos traços da já esquecida calma rural que ali existiu até há bem pouco tempo.

## UMA REALIDADE

O paradigma da modernidade em Arquitectura para muitos é ainda a torre de vidro, símbolo da eficiência técnica e estética, o ideal da ausência (?) de barreiras entre o exterior e o interior, mas conseguindo um controle ambiental mecânico a toda a prova. O primeiro grande embate contra este paradigma foi a crise do petróleo, o segundo foi as doenças transmitidas pelos sistemas de ar condicionado e hoje fala-se já em edifícios doentes, que são, sobretudo, deste tipo. No entanto, por cá, ainda fazem algum furor, também porque na "Europa" eles continuam obviamente a pontuar as cidades e, pelos anos 80, as grandes, enormes, torres de escritórios multiplicaram-se pelas cidades americanas. Mas as novas gerações deste tipo de edifícios têm evoluído. Veja-se o último projecto para uma sede bancária em Francoforte de Norman Foster. As preocupações ambientais/ecológicas entraram aí, rompendo o edifício, criando enormes plataformas plantadas que são também paragem no ritmo de sucessão de andares.

Procurando ainda fortemente este paradigma, **José Miguel Fonseca** concebeu um vasto conjunto localizável um pouco acima da Praça de Espanha que estava para ser o novo centro financeiro de Lisboa e que agora talvez esteja em causa pela desistência do Banco de Portugal. Nele as geometrias a 45° remetem para esses anos da crise da afirmação disciplinar que se centraram na década de 60, entre a queda das regras tradicionais (Beaux Arts) e a crise já declarada dos radicalismos do Movimento Moderno.

Deste conjunto, apenas uma fracção foi para a frente e chegou a projecto de licenciamento. Outras decisões do Dono da Obra levaram a continuidade a outras mãos. As de **José Soalheiro**, **Teresa Castro** e **Ana Paula Calheiros** que quiseram repensar tudo, mas a burocracia municipal começou a pôr dificuldades. Assim decidiu-se manter a casca exterior e reformular o interior. Estes arquitectos procuraram encontrar regras, quadricularam a fachada de vidro, repensaram a malha estrutural, redesenharam entradas e acessos verticais aí onde a unidade interior é mais visível. De resto, o tal princípio de "open space" deixou os andares para serem acabados pelos futuros ocupantes. Curioso é a Bolsa de Lisboa ir alojar-se nos andares inferiores. Os herdeiros dos "yuppies" portugueses dos anos 80 ainda se deixam encantar pelo tal paradigma.

## BANCO FONSECAS E BURNAY

### Alcino Soutinho

#### COLABORAÇÃO

Andrea Soutinho

José do Vale Machado

Lúcio Parente

Maria José Brito

Maria da Paz Menezes

Raquel da Rocha Paula

Sérgio Mendes

#### FUNDAÇÕES E ESTRUTURAS

ENCIL,

Projectos e Estruturas de Engenharia Civil

#### RESPONSÁVEL

Eng. António Alpuim

#### INSTALAÇÕES E EQ. ELÉCTRICO E COMUNICAÇÕES

#### SISTEMAS DE SEGURANÇA INTEGRADA

OHME,

Gabinete de Engenharia Electrónica, Lda

#### RESPONSÁVEIS

Eng. João Granjo Lopes

Eng. Fernando Silva

#### INSTALAÇÕES E EQ. MECÂNICOS

P2E, Projectos de Engenharia Electromecânica, Lda

#### RESPONSÁVEIS

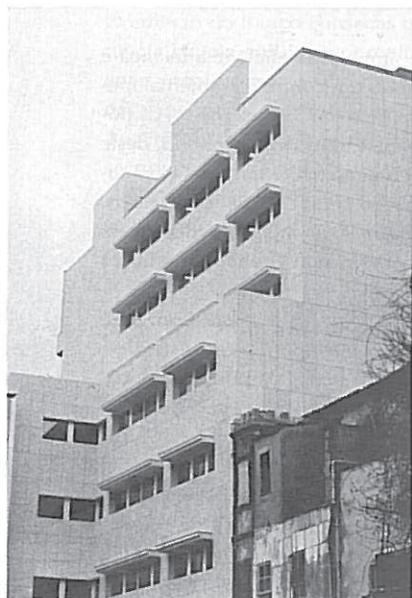
Eng. Manuel Sarmento

Eng. Amílcar Moreira

#### REDES DE ÁGUAS E ESGOTOS

Eng. José Ramos

Eng. Francisco Sendas

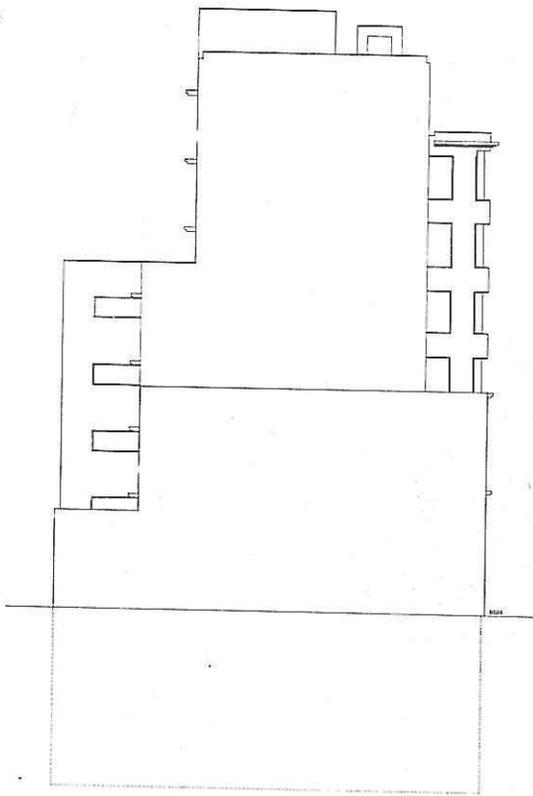
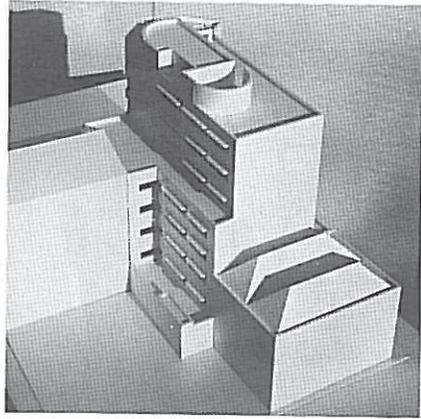


A proposta decorre, no essencial, de dois factores - integração no contexto urbano próximo e criação de um sistema modular flexível.

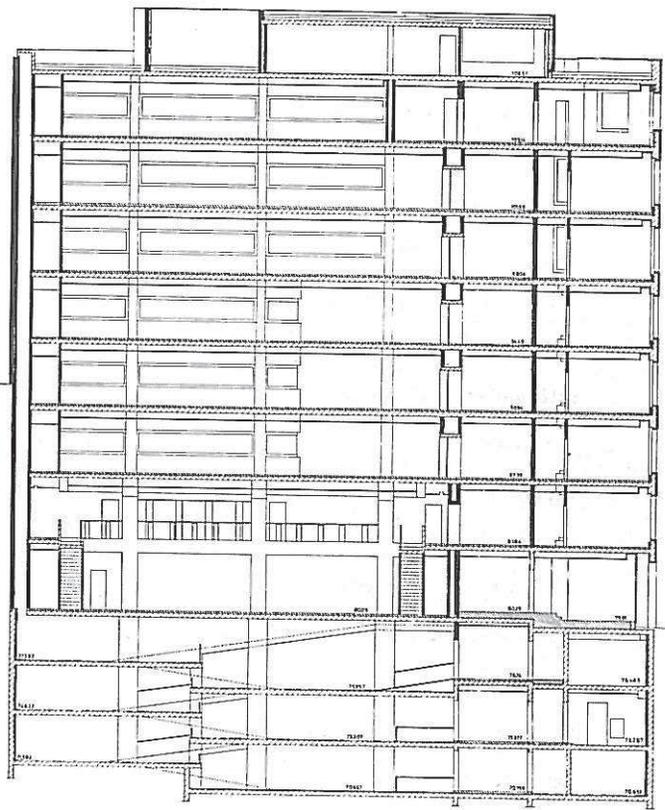
A solução visa, portanto, dar uma resposta evidente a estas premissas, quer nos pontos de contacto com os edifícios adjacentes, através da volumetria e de pequenas referências às respectivas fachadas, quer no cunhal de transição da Av. da Boavista com a Rua António José da Costa, neste caso, articulando a fachada em três planos sucessivos por forma a obter uma concordância gradual com o alinhamento dos prédios vizinhos.

A geometria em que assenta a composição dos alçados, além de estabelecer uma relação de pausa com a frente urbana em que se insere, permite a adaptação aos pés-direitos utilizados de acordo com o tipo de climatização adoptado.

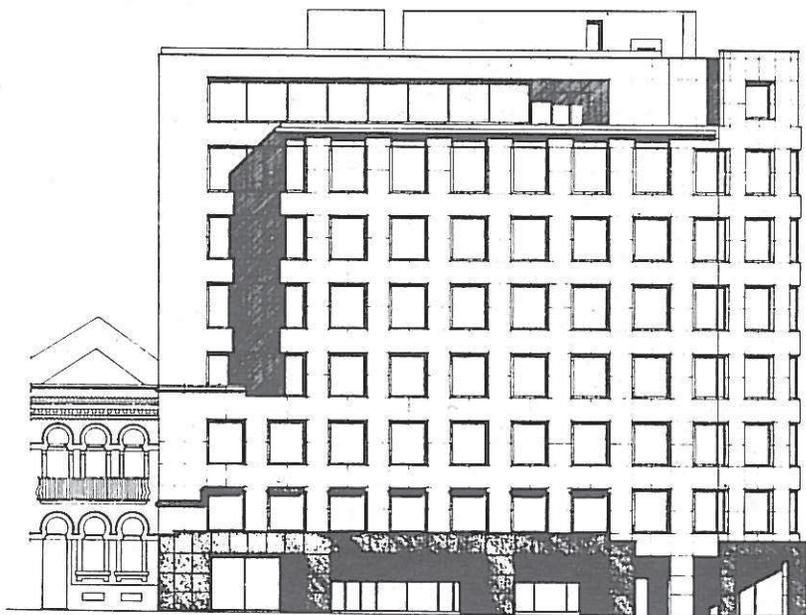
Construtivamente, a estrutura de betão armado, assenta num módulo de 6x5m; "grelha" das fachadas igualmente em lâmina de betão com placagem de pedra natural, mármore "Molianos", em contraste com o revestimento do piso térreo, mármore "Azul Cascais", com uma coloração mais densa; caixilharia de alumínio termolacado, localizada na espessura dos vãos, de tal modo que a sua leitura não se sobreponha à dos restantes elementos básicos de competição das fachadas.



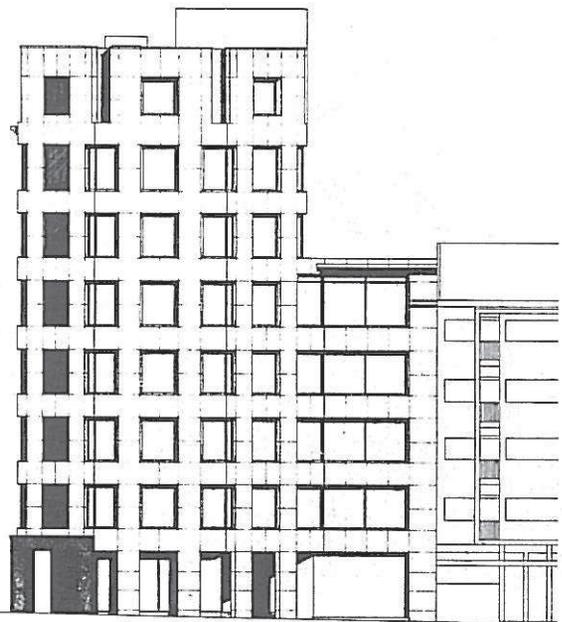
ALÇADO / EMPENA NASCENTE



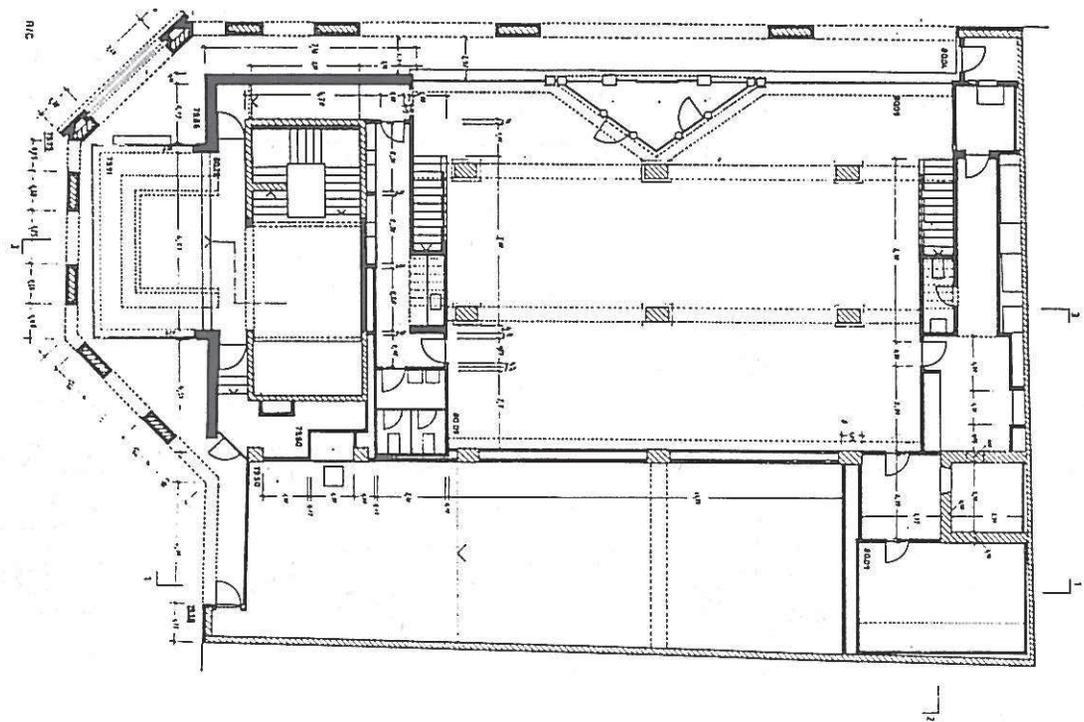
CORTE 33



ALÇADO AV. DA BOAVISTA

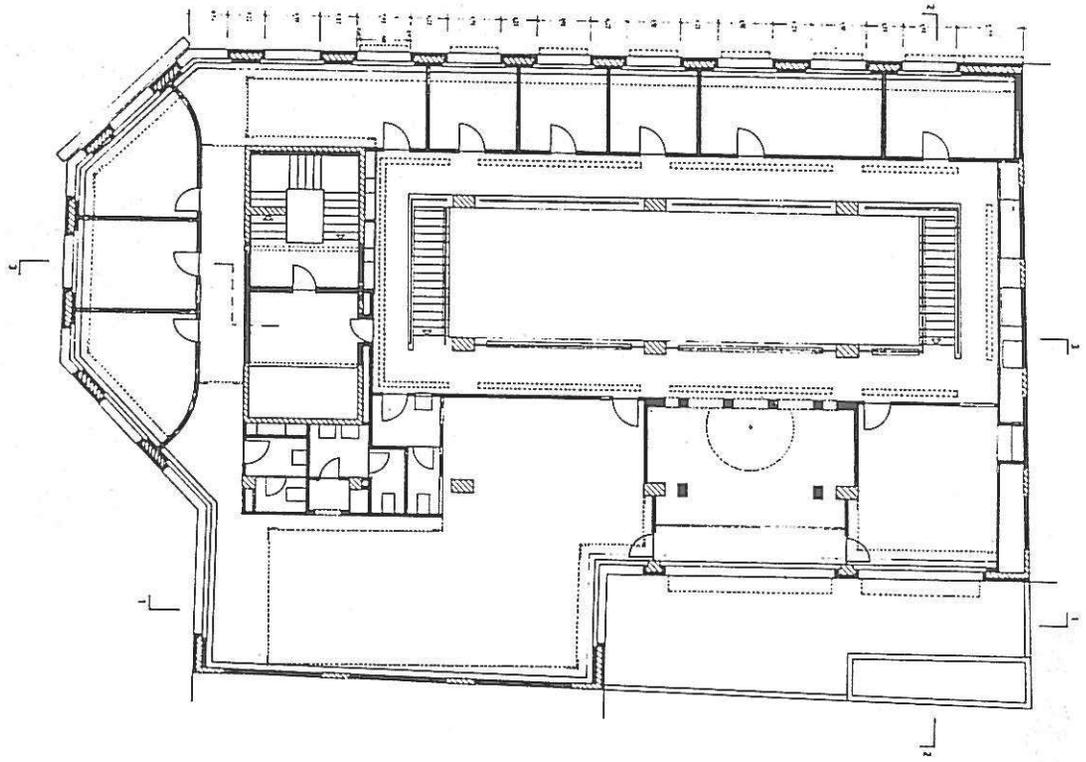


ALÇADO RUA A JOSÉ DA COSTA

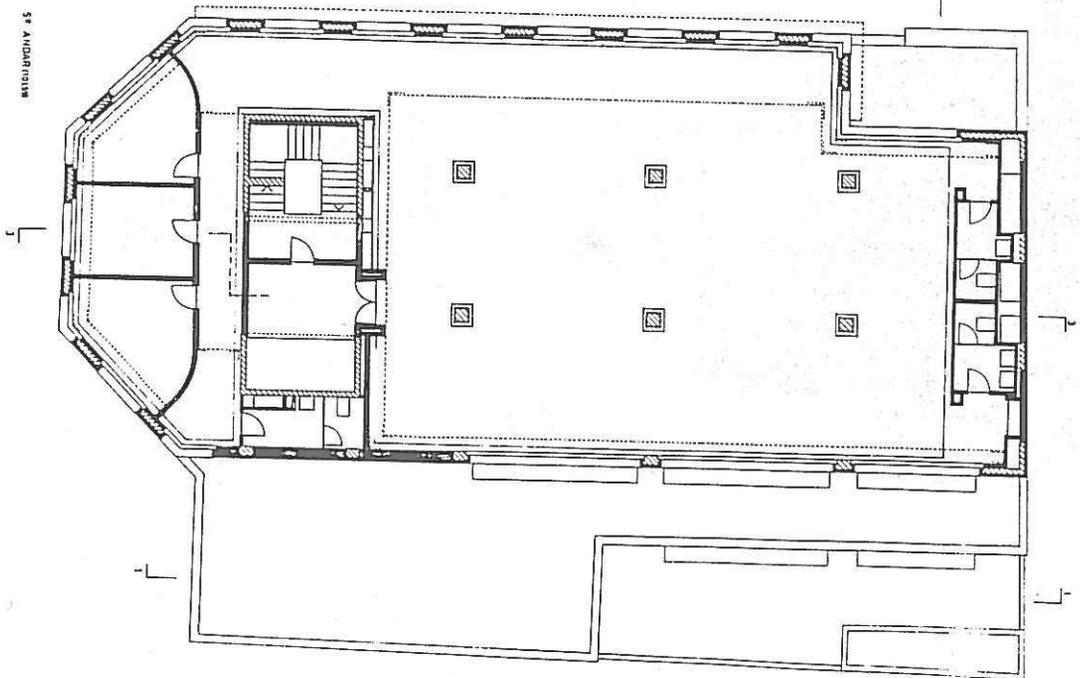


R/C

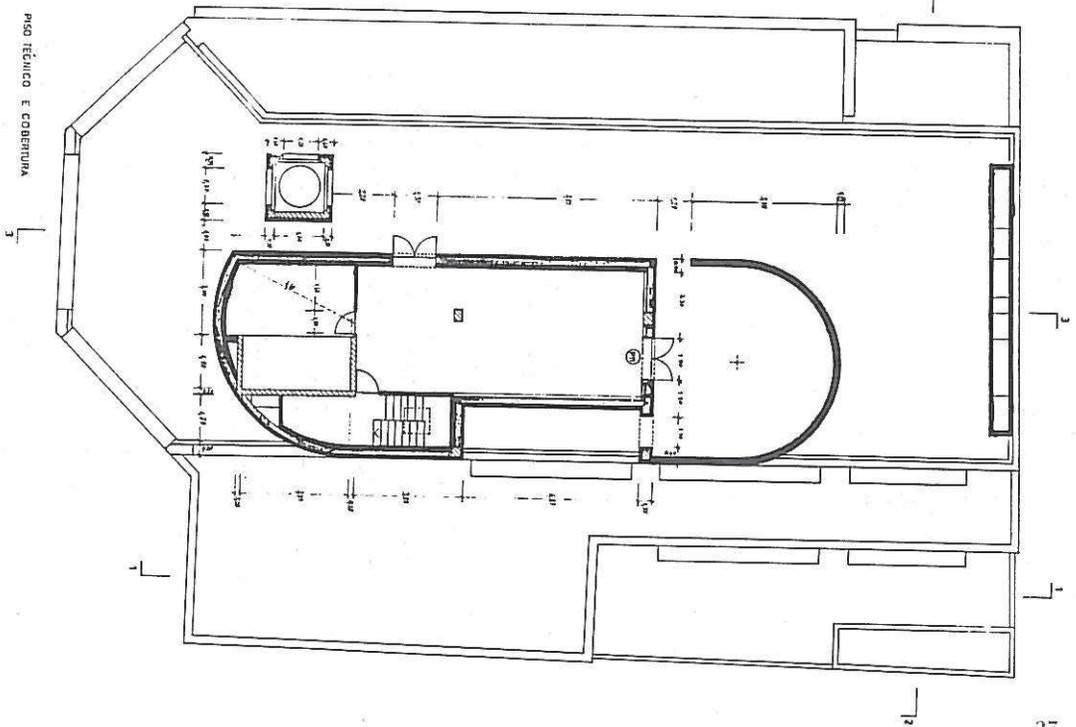
SOBRELOJA (83.84)



5º ANDAR (101.59)



PISO TÉCNICO E COBERTURA



## SEDE DA NESTLÉ PORTUGAL, S.A.

GALP, LDA.

**J. Carlos Loureiro**

**L. Pádua Ramos**

**D. Manuel Loureiro**

### ESTRUTURAS

Eteclda

INST. ELECTRICAS, MECÂNICAS E SEGURANÇA

Profabril

### CONSTRUÇÃO

C. CIVIL

A. Silva & Silva, S.A.R.L.

INST. ELECTRICAS

Cetec

INST. MECANICAS

Sulzer, S.A.

ASCENSORES

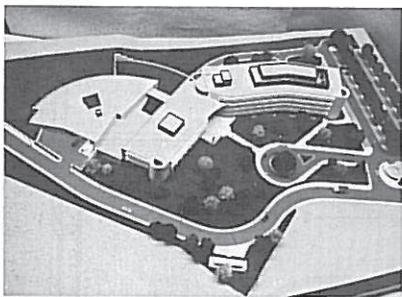
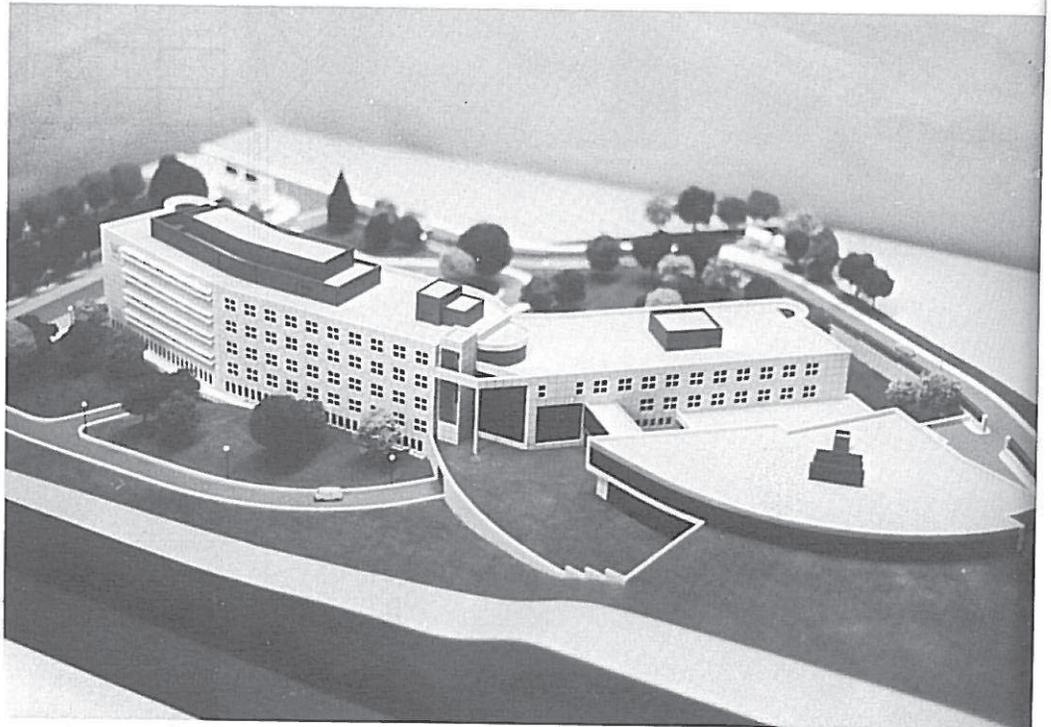
Schindler, S. A.

ÁGUAS / ESGOTOS

A. Guerreiro, LD<sup>ª</sup>

OBRA (em construção)

Linda-a-Velha - Oeiras



Tomando como base de implantação o edifício existente da TOFA, anexo aos escritórios existentes em LINDA-A-VELHA, não alterando portanto nem os seus alinhamentos nem a distância à autoestrada, propõe-se o desenvolvimento da construção de forma a gerar-se um amplo espaço ajardinado à sua frente que constituirá afinal o seu grande átrio de recepção.

Com o declive natural que o terreno já apresenta ele estende-se desde a entrada porticada até à base do edifício, numa suave pendente que fará sobressair uma arquitectura de grande sobriedade e dignidade, com recurso, de preferência ao revestimento de pedra branca da região.

No topo mais distante (poente) e já aberto para a outra vertente do terreno e para a bonita paisagem da serra, situa-se a área social (restaurante, cafetaria, etc.). A área de cargas e descargas de abastecimento a esta zona faz-se assim à ilharga das circulações principais de pessoal e visitantes, num parque de movimentação dos veículos que uma cortina de árvores ajudará a tapar.

O estacionamento de carros (244) é arrumado igualmente junto da periferia do terreno (lados Norte Nascente e Sul) libertando toda a área central para construções e jardins.

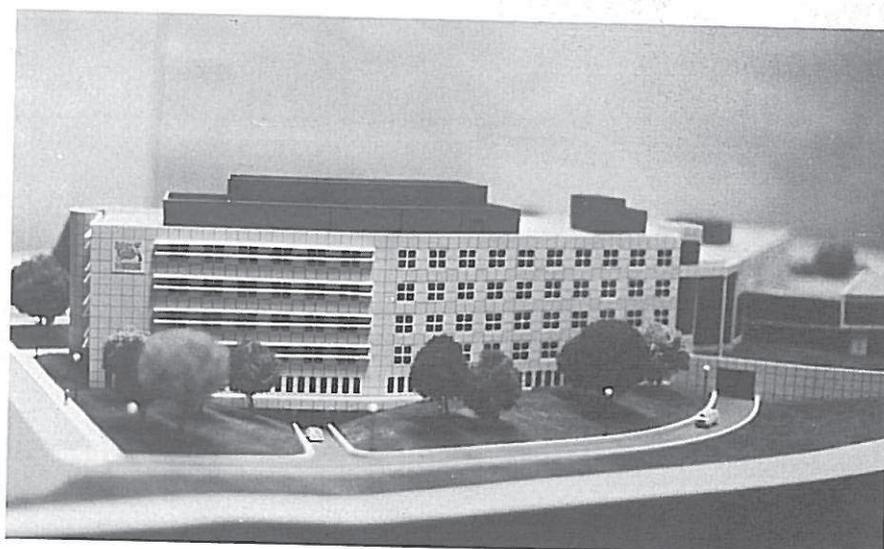
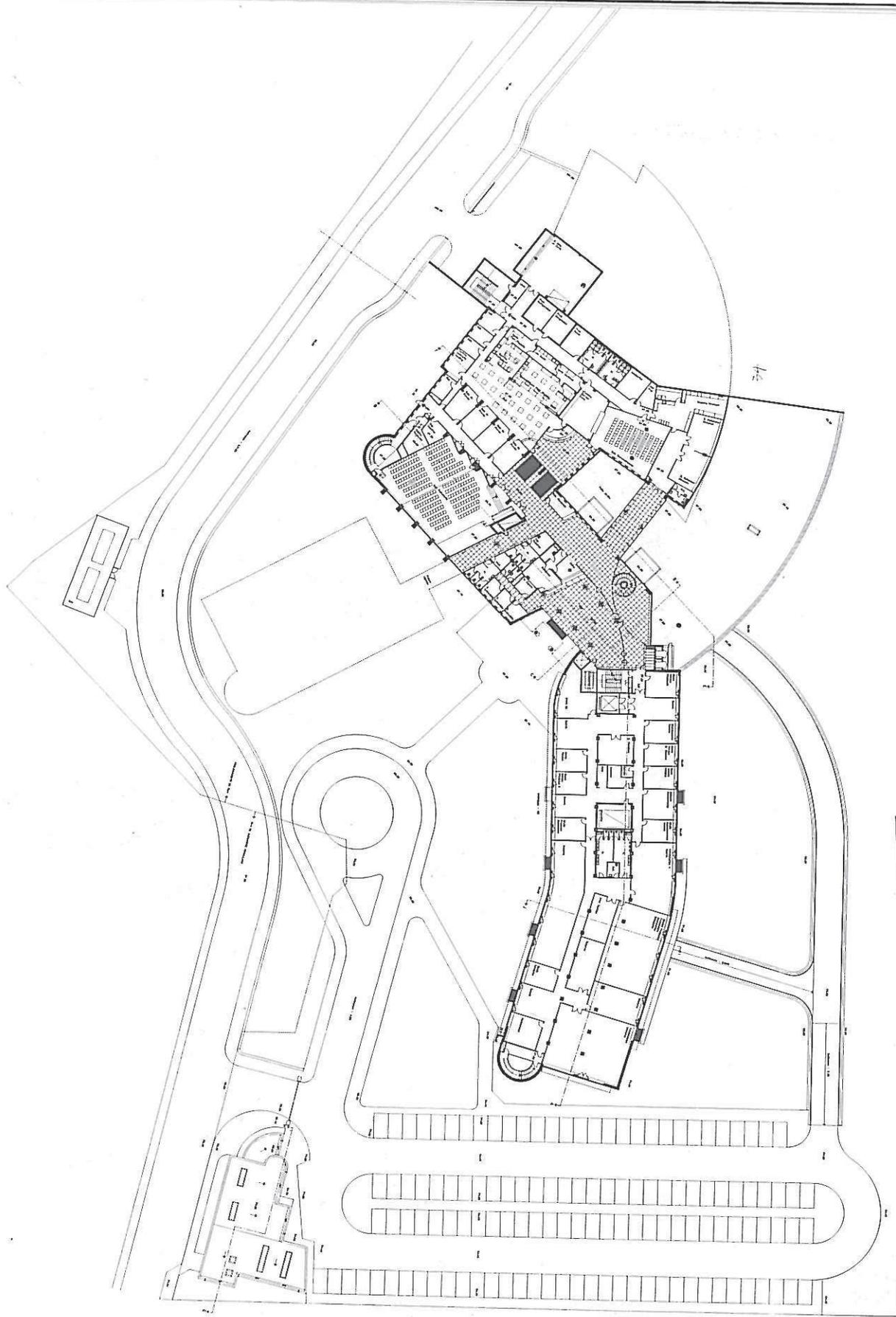
A construção adapta-se ao relevo natural do terreno exigindo uma movimentação de terras muito reduzida.

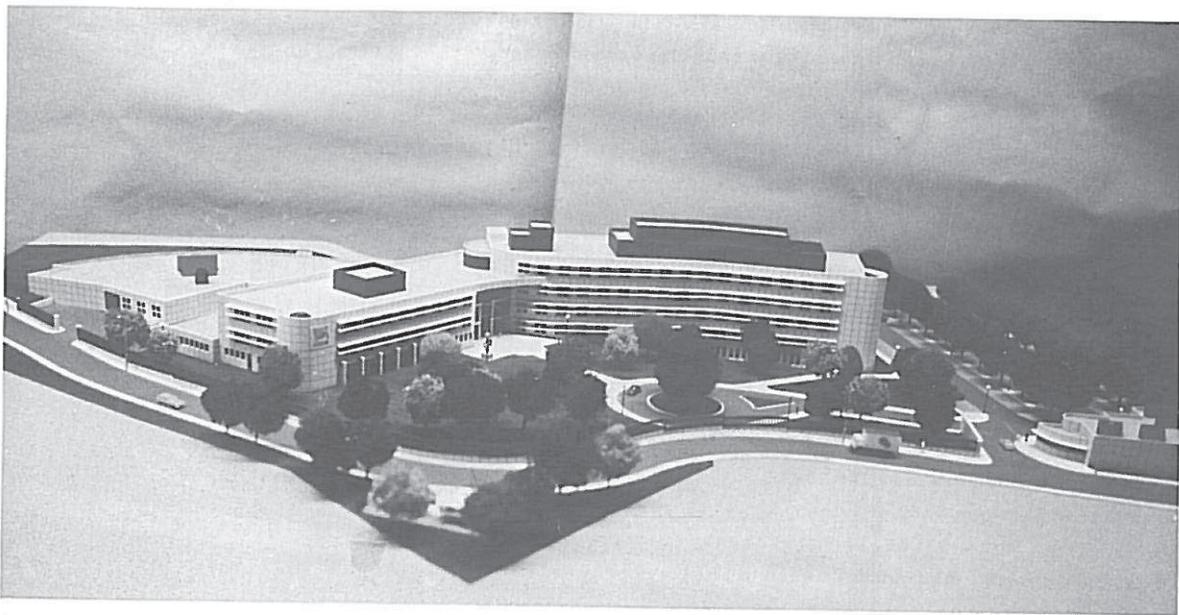
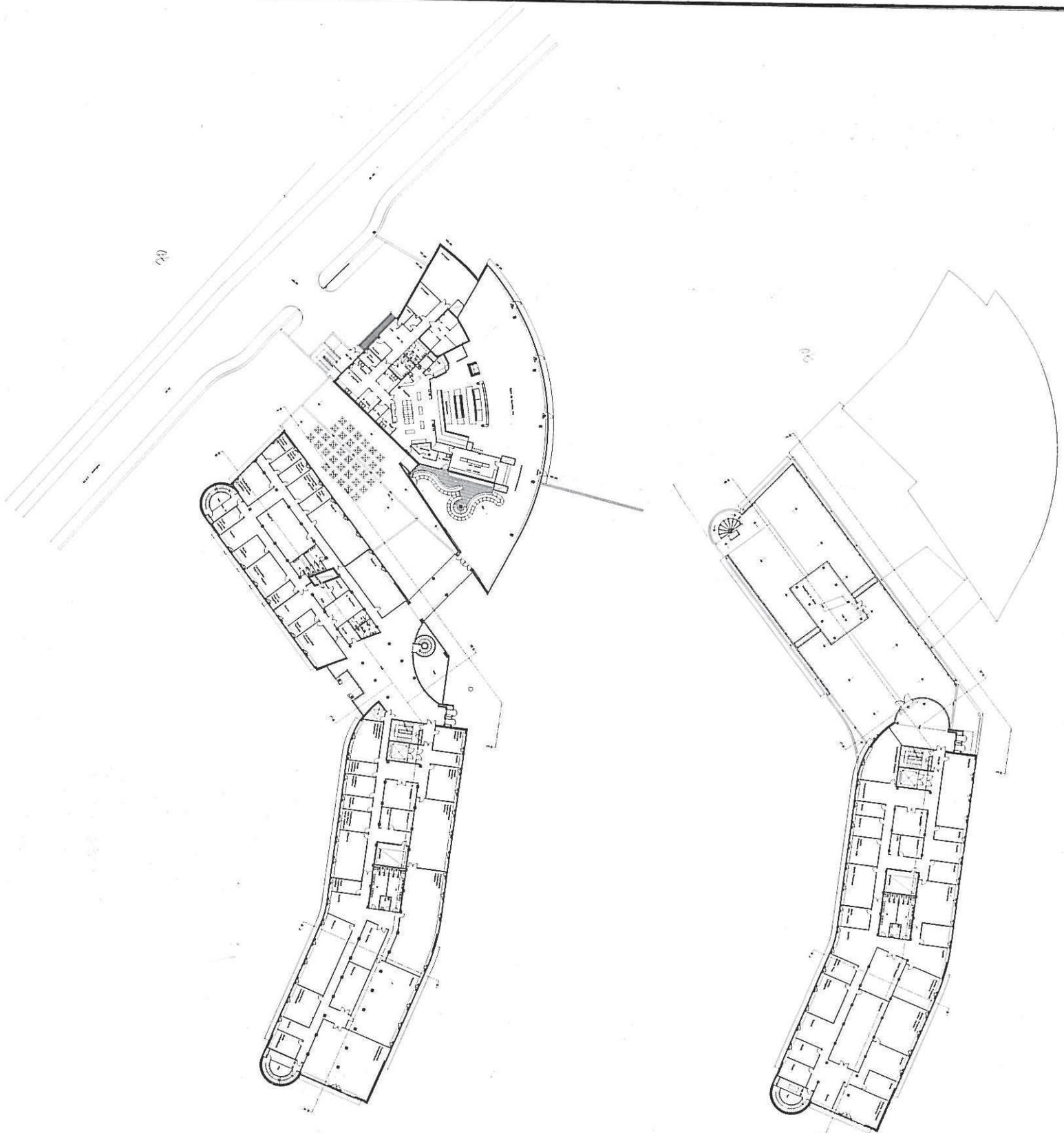
A construção terá pouca altura variando de um a quatro pisos acima da cota do terreno adjacente.

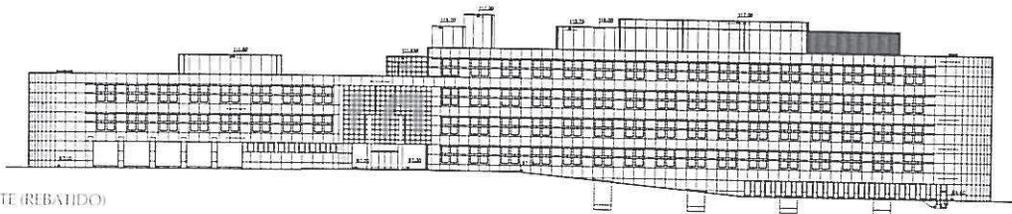
Em parte da área de implantação haverá cave que, no corpo nascente, será parcialmente fora do terreno, exigindo assim menor escavação e beneficiando de luz e ventilação naturais.

Para se evitar uma sobrecarga térmica exagerada sobre a instalação, de climatização, as paredes exteriores não são demasiado envidraçadas, antes recorrendo a uma fenestração moderada, embora suficiente, para bem iluminar os locais de trabalho. As janelas são dotadas de vidro duplo e, segundo estudos de incidência solar realizados, protegidas nas fachadas Sul, Sudoeste e parte mais exposta de Noroeste por palas realizadas em estrutura de aço inox e placagem de calcário com 1,00 m de balanço. Elas vão evitar, entre 21/Março e 21/Setembro, quase totalmente, que o sol atinja o vidro.

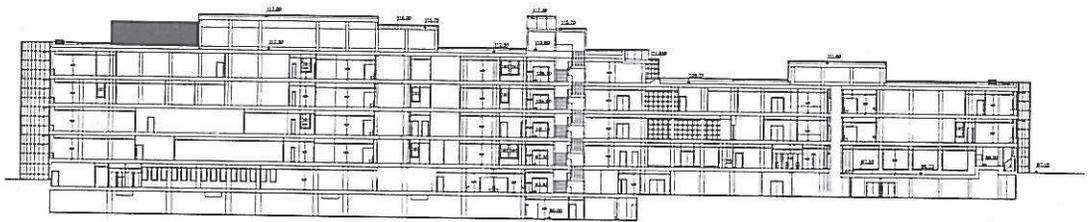
Para o restante período do ano, uma cortina (tela) interior evitará, se se desejar, que o sol atinja as pessoas trabalhando no interior do edifício.



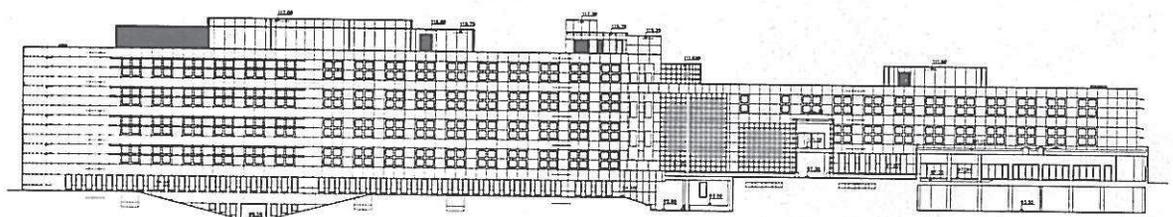




ALÇADO SUDOESTE (REBATIDO)



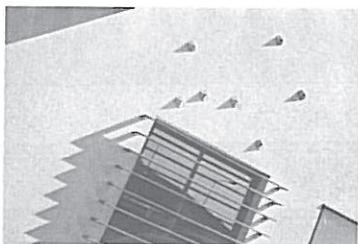
CORTE A-B (REBATIDO)



CORTE E-F - ALÇADO NORDESTE (REBATIDO)

## EDIFÍCIO PROLÓGICA - Alfragide

**Fernando Hipólito**  
**João Rodeia**  
**Raul Santos**



### ARQUITECTURA

Templos Modernos, Escritório de Arquitectura

### MAQUETE

Raul Santos

### LOCAL

Urbanização da Quinta do Pinheiro, Lote 1

Alfragide, Oeiras

### CLIENTE

Prológica, Sistemas Informáticos, S.A.

### FUNDAÇÕES

### ESTRUTURAS

### ÁGUAS E ESGOTOS

Profluidos, Gabinete de Projectos Especiais, Lda.

Eng. Calheiros

Filipe Vieira de Castro

### ELECTRICIDADE

### TELEFONES

### AR CONDICIONADO

Vollagem, Instalações Técnicas Especiais, Lda.

### CONSTRUTOR

Luseca, Sociedade Luso-Sueca de Construções, S.A.

### FISCALIZAÇÃO

PROLÓGICA, SISTEMAS INFORMÁTICOS, S.A.

Paulo Ricou

### ÁREA DO LOTE

2735 m<sup>2</sup>

### ÁREA DE CONSTRUÇÃO

2947 m<sup>2</sup>

### DATA DO PROJECTO

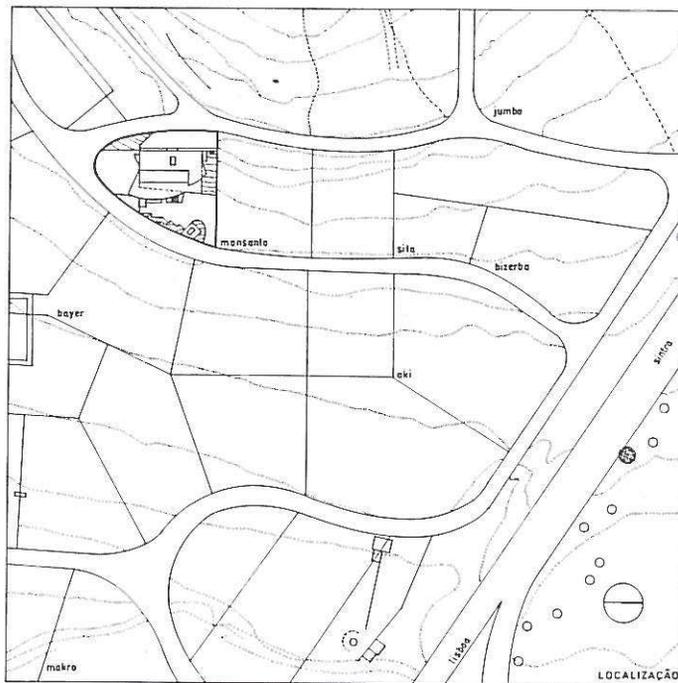
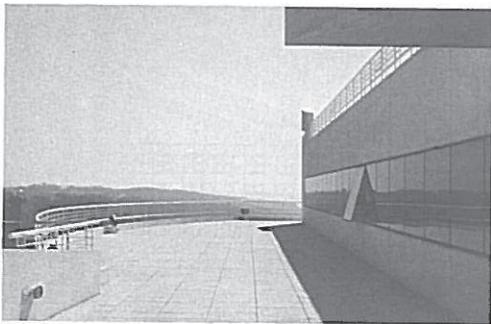
Agosto de 1990

### DATA DO INÍCIO DA OBRA

Maio de 1992

### DATA DA CONCLUSÃO DA OBRA

Setembro de 1993



Notas imprecisas:  
uma (pró) lógica da metrópole

Desde logo, somos três - dois arquitectos e outro que não o é -, diferentes na vida mas solidários nos princípios, e fortalecidos pela permanente inquietude. Alicia-nos o momento presente, preocupam-nos as questões disciplinares.

Trabalho temos algum, diferente entre si, plural pelos respectivos contextos, construído e não-construído, premiado e não-premiado, divulgado ou anónimo, realizado por todos ou por cada um. Entre outros, uma casa num território (ainda) paradisíaco - Tróia -, um edifício num tecido urbano tradicional - Ampliação da Assembleia da República (uma vergonha de concurso) -, um auditório imperfeito num edifício histórico - Quartel do Conde de Lipe -, um edifício num território transurbano e anónimo - Prológica -.

Este último tem um duplo valor fundamental. O primeiro projecto com dimensões apreciáveis, pleno de desejos, conflitos e casualidades. O ponto de partida para a reflexão acerca da cidade contemporânea, questionando o sentido da metrópole.

Sai-se de Lisboa pela A5, pelo oásis(?) de Monsanto, acelerando em direcção a Cascais. Depois há a periferia instável, retalhada e profundamente descaracterizada. Duas vias rápidas, oficinas e fábricas, alguns complexos de escritórios, fragmentos habitacionais. Do ar, dir-se-ia que a mancha florestal, o Tejo ao fundo, os recortes topográficos e as costuras viárias constituem razões do território. De terra, atenta-se ao carácter acumulativo e descontínuo da paisagem, à nova força das grandes superfícies em pautas visuais e mentais, à respectiva dinâmica mutante dos programas, a novas possibilidades de organizar o território. Certezas há só uma: a impossibilidade de utilizar metodologias e instrumentos de limitação tradicionais.

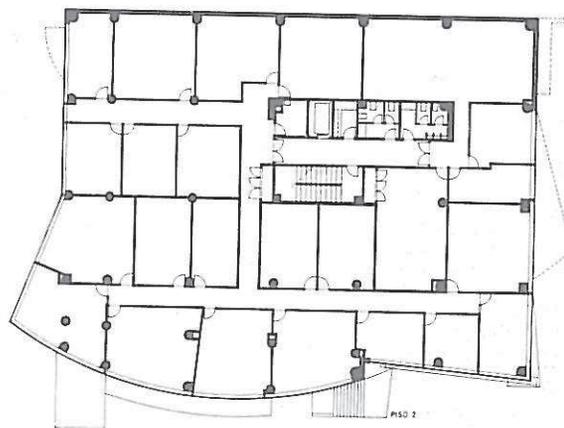
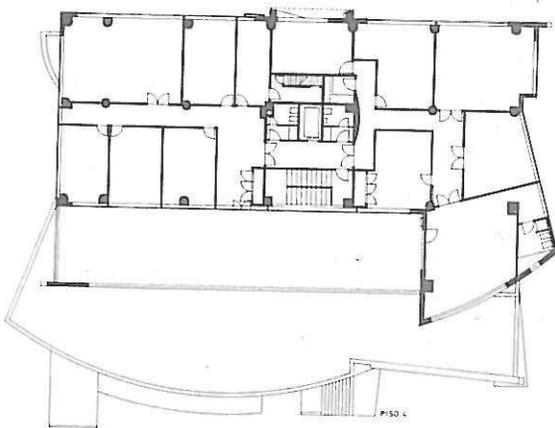
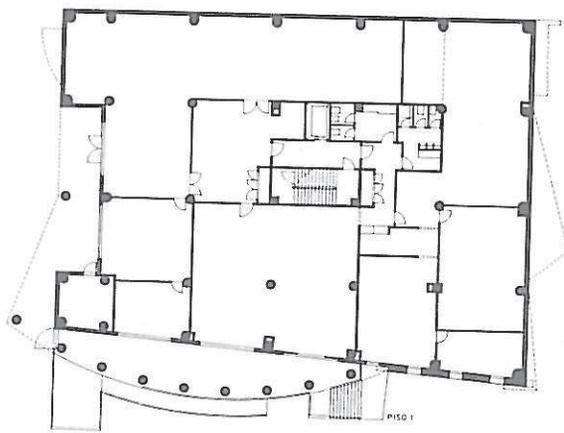
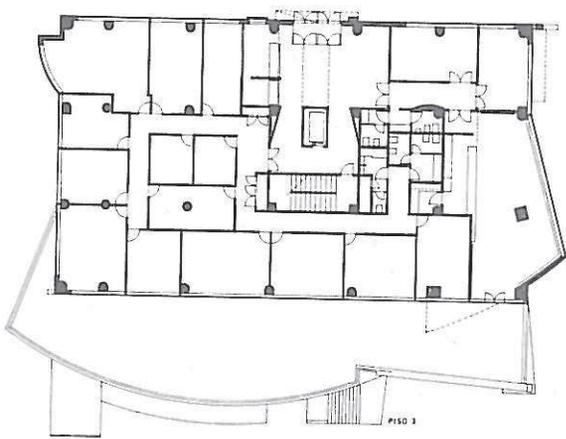
O terreno, uma esquina de forte pendente, tudo isto avista e presente. O Plano de Urbanização estabelece regras quantitativas precisas, mas o não-todo reflecte a "vontade" de cada lote, de cada investidor, de cada arquitecto. O cliente gosta das imagens assépticas dos escritórios americanos da costa oeste - nós nem por isso -, de preferência com muito vidro espelhado e muita área disponível. O programa pretende representação e rentabilidade, impreciso e flutuante ao longo do tempo.

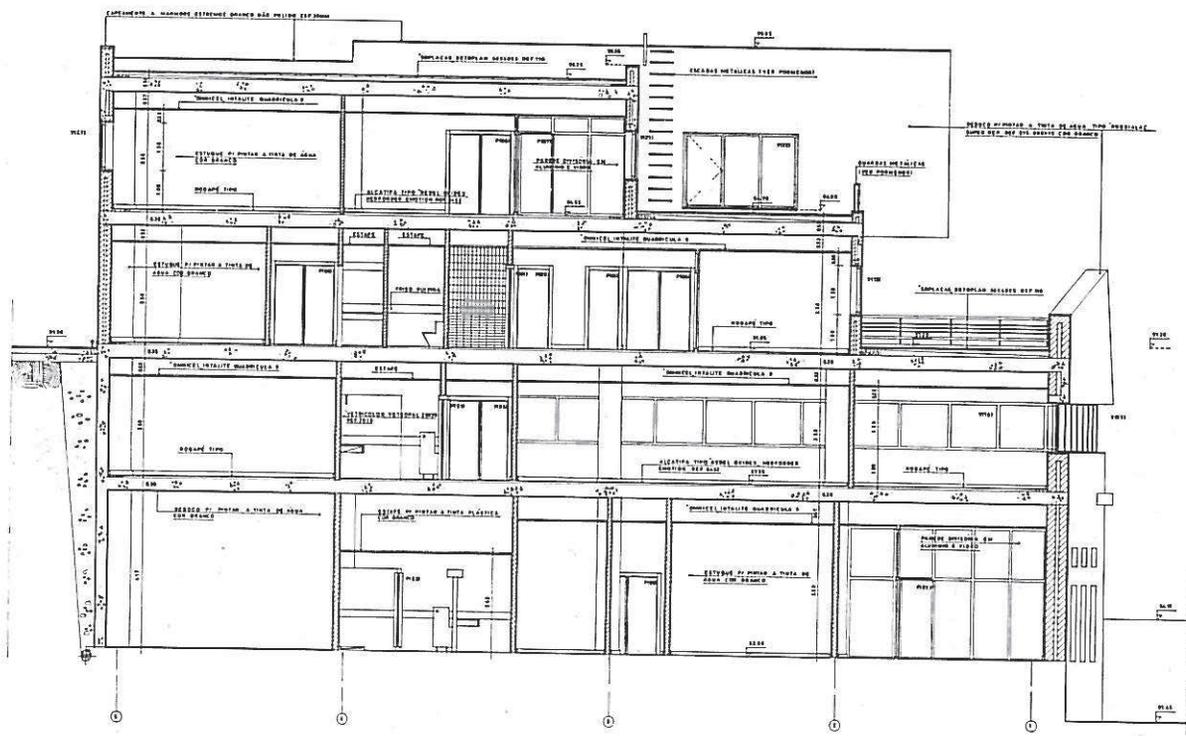
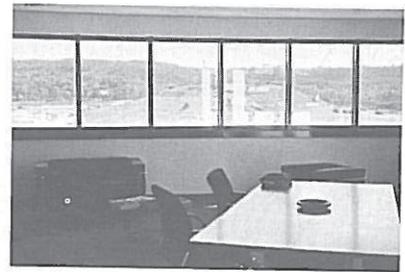
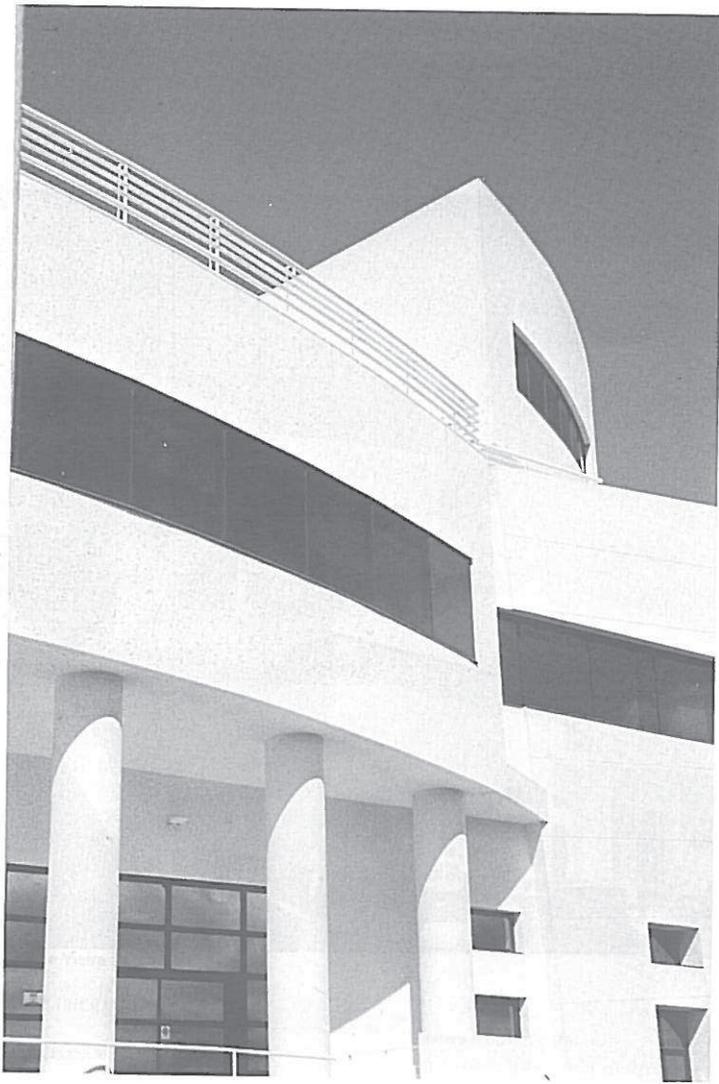
O edifício nasce duma dupla imagem. Razões de escala que pulsam com a distância, de noite e de dia. Unitário de longe como uma imagem-chave, branco e luminoso. Fragmento de perto, justaposto, atento à encosta e aos percursos nas ruas, atenuando a massa construída e diversificando os olhares ou os usos. As consolas transfiguram o sentido especulativo.

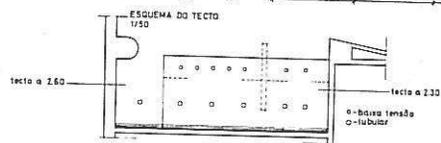
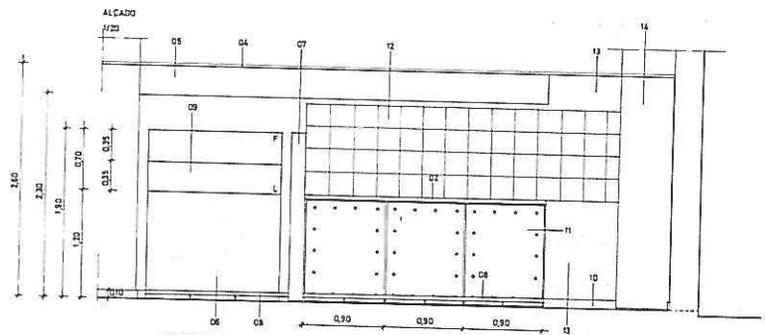
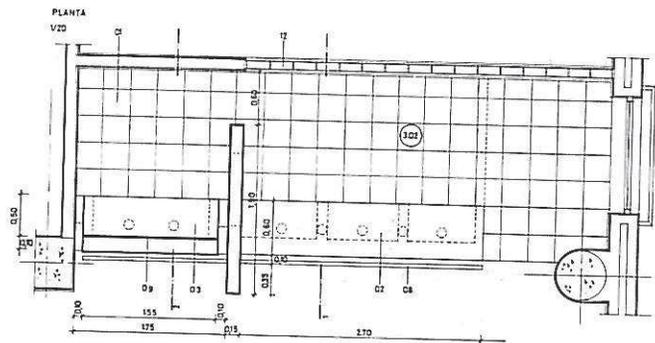
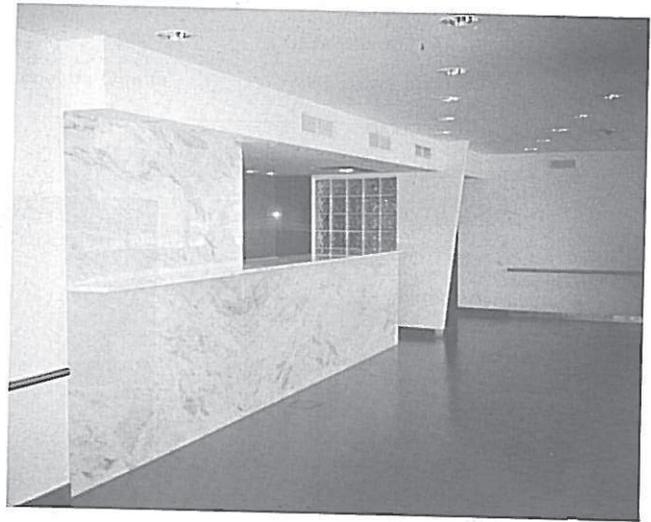
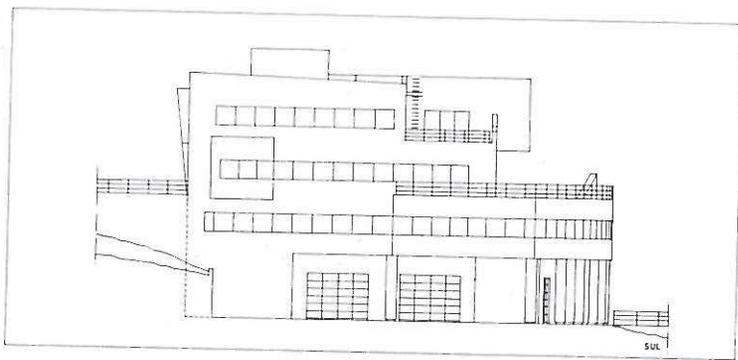
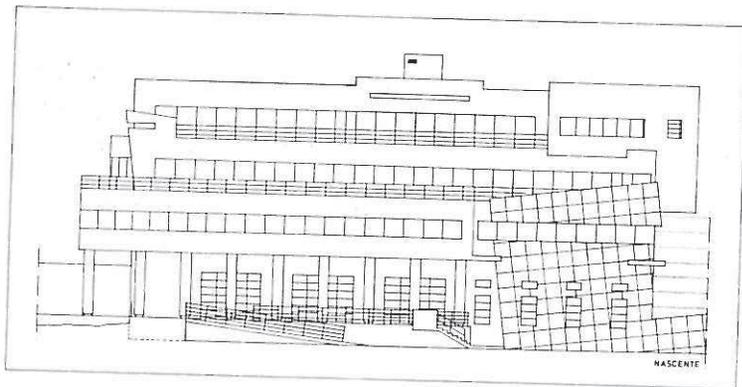
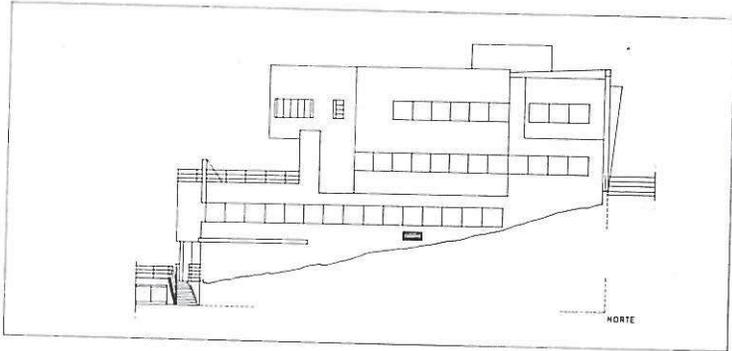
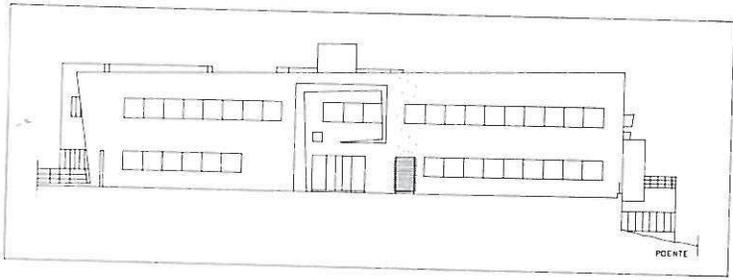
O interior em *open-space*, um cristal impossível. Núcleos duros e fixos, onde se investe no desenho. A normalização no restante, a tecnificação e o conforto para quem trabalha. Uma preocupação: a capacidade regeneradora (ou aglutinadora) das funções. Uma possibilidade: complexo de escritórios com actividades culturais? Centro comercial com serviços sociais?

Todas ou só uma delas?

Para os anos 90, um desafio: integrar o território urbano "natural" - fechado nos respectivos processos de qualificação e legitimado pela certeza dos instrumentos disciplinares -, com o território perdido da realidade metropolitana. Para os anos 90, uma certeza: a cidade como experiência intensa e permissiva da simultaneidade daquilo que não é simultâneo, envolvendo a inconstância e novas estratégias espacio-temporais.







## PARQUE DE ESCRITÓRIOS DA QUINTA DA FONTE

### Sua Kay Arquitectos

#### ARQUITECTURA E COORDENAÇÃO

SUA KAY ARQUITECTOS

#### COORDENAÇÃO GERAL

A. Rodrigues da Silva

#### COORDENAÇÃO / INFRAESTRUTURAS

José Gouveia

#### EQUIPA PROJECTISTA

Mário Sua Kay

Rui Grego

Carlotta Semprini

Stephen Hill

Sarah Capes

A. Santos Gomes

Ana Ayres

Nuno Meneno

#### ESTRUTURAS

SIPCA

COORDENADOR Armando Morgado

Pinto Martins

COORDENADOR Pinto Martins

#### ÁGUAS, ESGOTOS E GÁS

SANAGUA

COORDENADOR Manuel Bexiga

#### PROFLUIDOS

COORDENADOR:

Mendes Esperto

#### ELECTRICIDADE E TELEFONES

#### RODRIGUES GOMES & ASSOCIADOS

COORDENADOR Rodrigues Gomes

#### LUÍS MALHEIRO

COORDENADOR Carlos Alves

#### MECÂNICAS

#### LUÍS MALHEIRO

COORDENADOR Carlos Alves

#### SEGURANÇA

#### GERISCO

COORDENADOR Cristian Aoustin

#### PAISAGISMO

#### ARCO VERDE

COORDENADOR Dion Steenbergem

#### GESTÃO TÉCNICA

#### DOMOTICA

COORDENADOR Miguel Alho

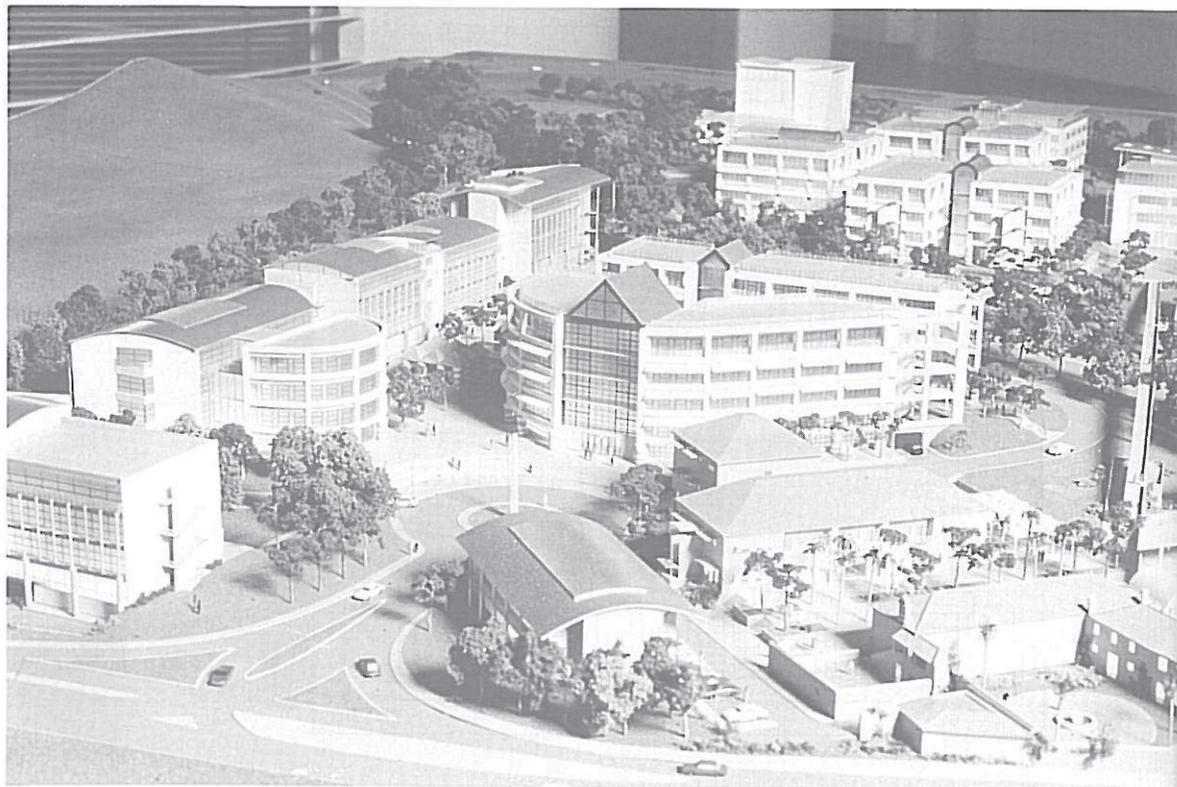
#### URBANISMO

#### C.P.U.

COORDENADOR Adriano Lucas

#### CLIENTE

ARANÃS, PORTUGAL



O rápido crescimento e desenvolvimento de diversas áreas metropolitanas, tem-se traduzido, entre outros aspectos, num acentuado congestionamento dos seus centros urbanos. Este fenómeno, tem resultado numa política de forte contenção ao crescimento urbano, por parte dos diversos Municípios, da qual resulta uma crescente carência de áreas para escritórios.

Uma das soluções adoptadas, em muitas cidades Europeias, caracteriza-se pelo desenvolvimento de Parques de escritórios em áreas periféricas dos núcleos urbanos, bem localizadas, próximas de boas redes de comunicação, garantindo boa rentabilidade, oferecendo altos padrões de qualidade e a possibilidade de introdução de extensivas infraestruturas de apoio, como por exemplo, espaços para actividades sociais, espaços para comércio e desporto.

A Quinta da Fonte localiza-se no Conselho de Oeiras, junto ao nó de Porto Salvo da auto estrada Lisboa/Cascais, a 12km destas localidades. O Parque de Escritórios, com uma área prevista de 60 000m<sup>2</sup>, fornecerá um leque de edifícios que permitirá acomodar uma gama muito variada de empresas que poderão utilizar espaços que vão de 50 a 5000m<sup>2</sup>, ou mais. Os edifícios, de poucos pisos, serão implantados num conjunto cuidadosamente projectado, que possui praças, alamedas, arborização, zonas de sombras e parques de estacionamento compatíveis com a qualidade do empreendimento.

Além destes aspectos, a Quinta da Fonte terá um vasto conjunto de infraestruturas que inclui um Centro de Informação e uma Recepção, um "Health Club", um Hotel de Negócios, um Complexo de Salas de Conferências, um Infantário, arcadas para Comércio, Bancos, posto de Correios e Heliporto. Todos os espaços de escritórios possuirão serviços interligados que facilitarão a comunicação entre os vários edifícios do Parque.

O empreendimento pretende satisfazer as muitas empresas que sentem a urgência de deslocarem grande parte ou todos os seus serviços para fora das cidades, beneficiando assim de uma alta qualidade de ambiente de trabalho.

A Quinta da Fonte foi concebida para ir ao encontro das altas exigências das empresas modernas, integrando todas as possibilidades de recurso às tecnologias de informação. Todos os edifícios dispõem de tectos e pisos falsos e controlo individualizado de ar condicionado. Os edifícios serão dotados de sistemas autónomos de gestão técnica centralizada que também poderão ser ligados e comandados através de um sistema de gestão global o que resulta numa gestão inteligente e reduz ainda os custos globais na manutenção das infraestruturas.

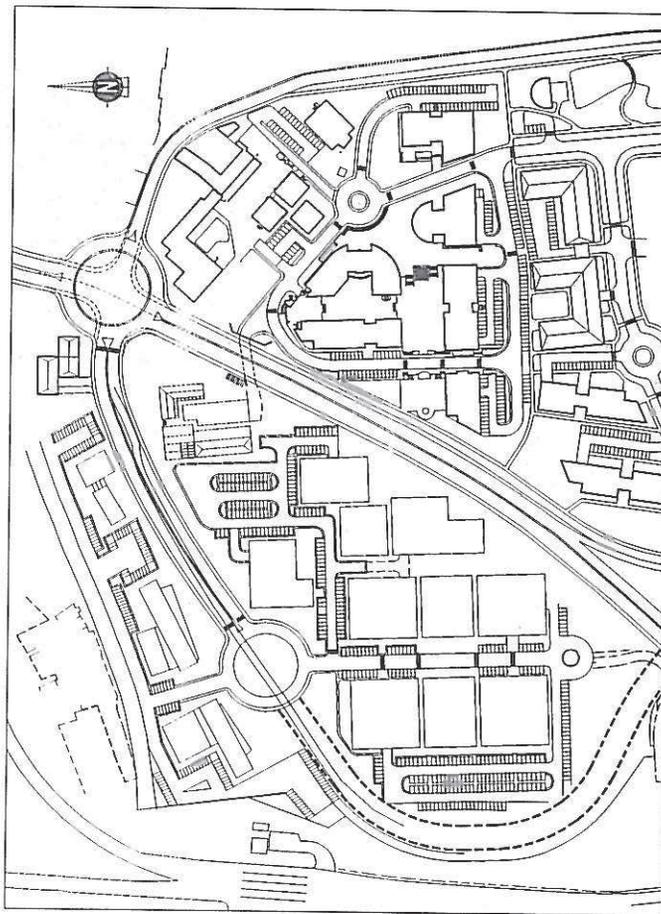
No empreendimento foram utilizados três estilos de edifícios: a arquitectura tradicional da Quinta Velha, o estilo "high-tech" com grandes fachadas envidraçadas e o de edifícios mais monumentais com fachadas de granito.

As áreas de construção de cada edifício variam entre 850m<sup>2</sup> e 6000m<sup>2</sup>, permitindo a empresas de média dimensão ocupar o seu próprio edifício.

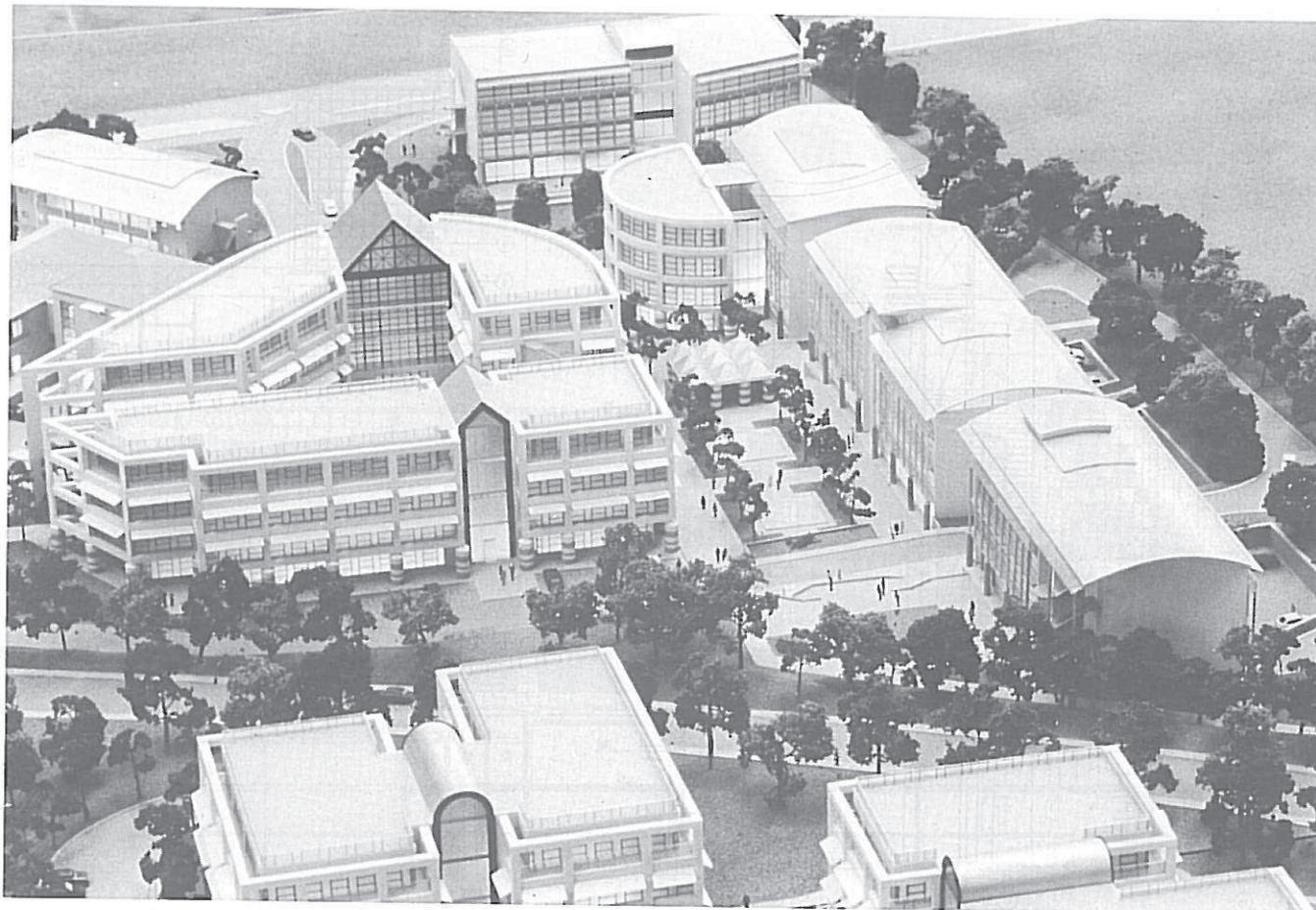
A densidade de ocupação do solo é das mais baixas na Europa - os edifícios ocupam somente 12% do terreno, nunca ultrapassando os 4 pisos acima do solo. Em parte isso foi possível por se ter adoptado o estacionamento subterrâneo para os utilizadores dos escritórios, reservando-se o estacionamento à superfície apenas para clientes e visitantes.

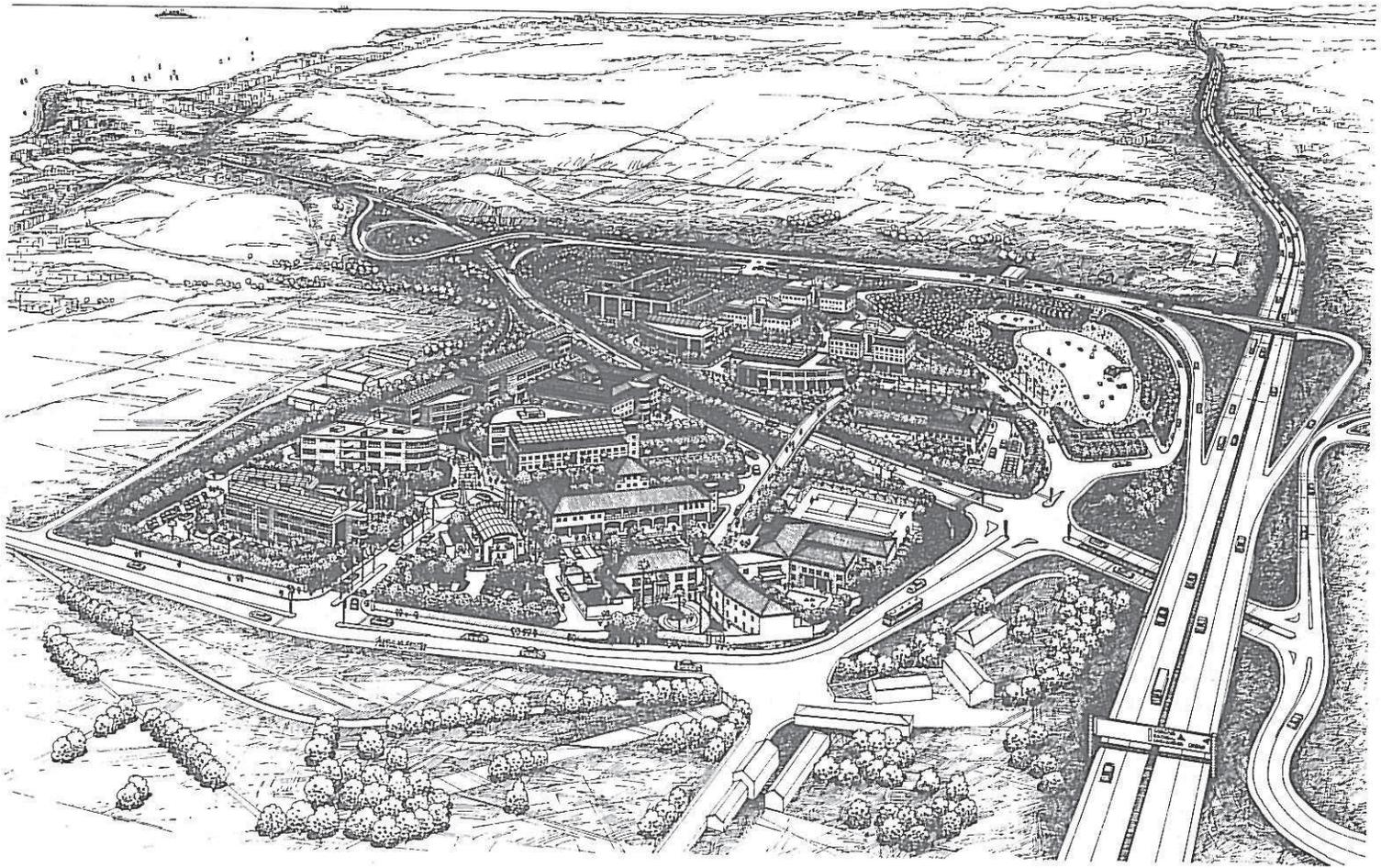
O empreendimento desenvolver-se-á em duas fases e a construção de cada fase foi planeada de forma separada e independente. Uma vez a obra terminada, as duas fases formarão um todo e ficarão ligadas por um túnel pedonal.

PLANO GERAL

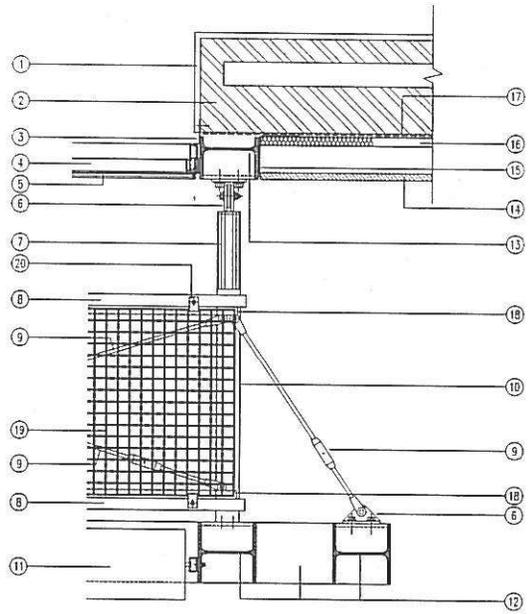


FOTOGRAFIA DE MAQUETE

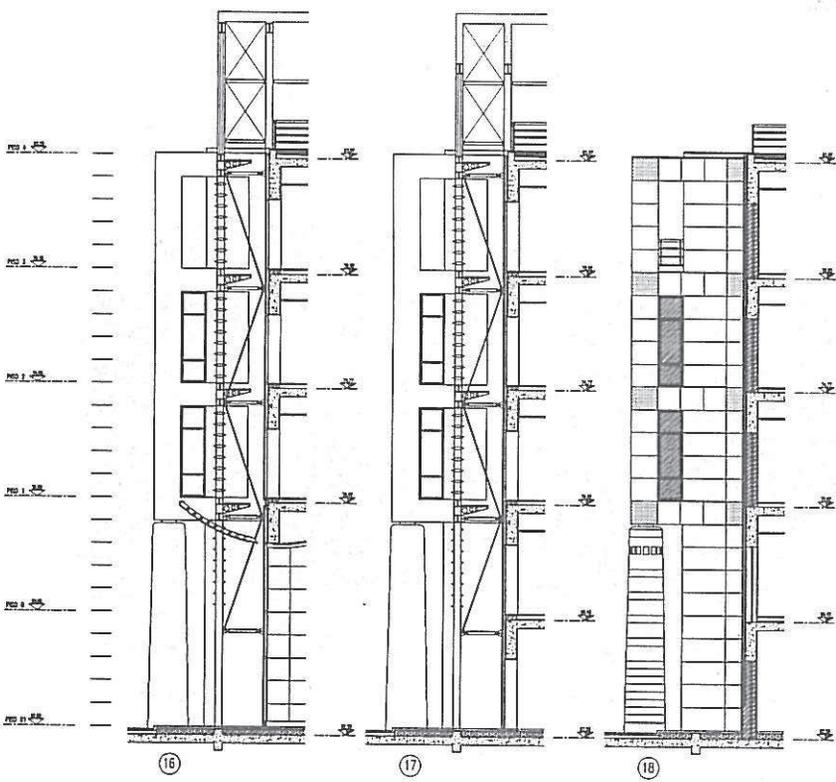




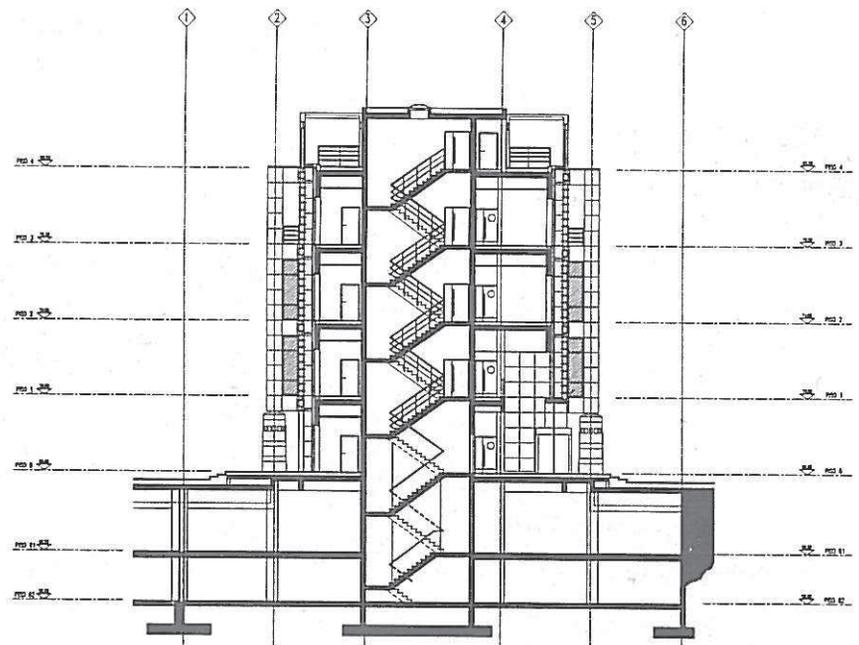
FORMENOR - BRISE SOLEIL



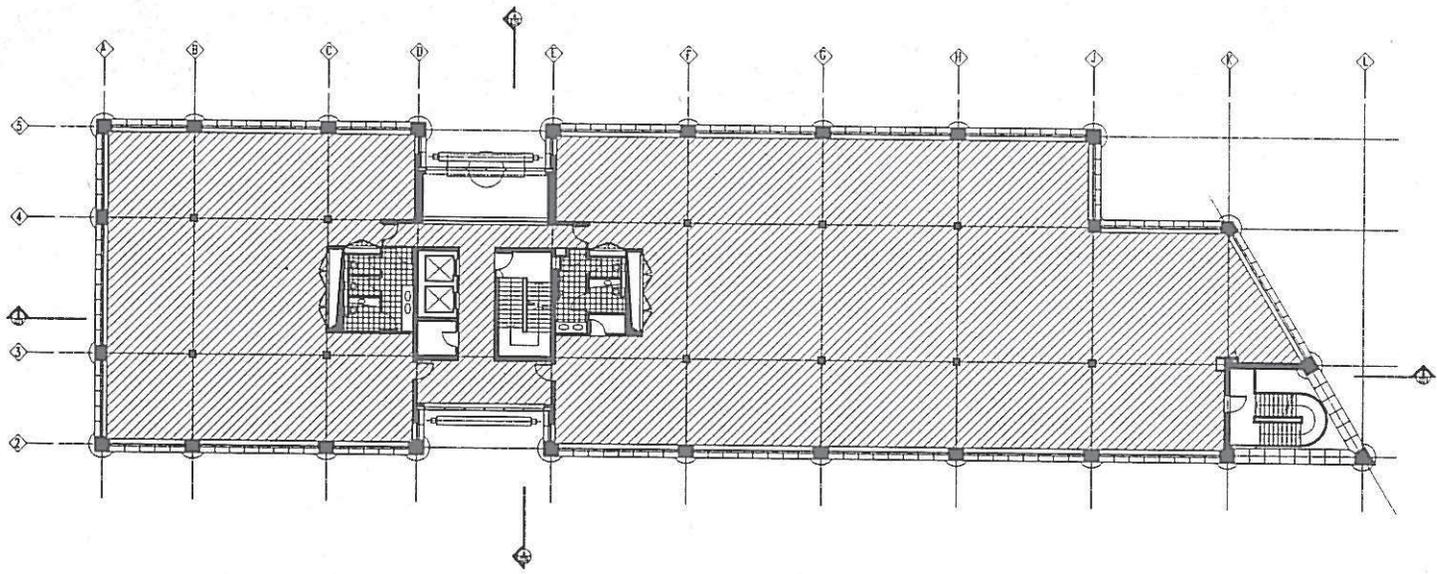
CORTES DE FACHADA



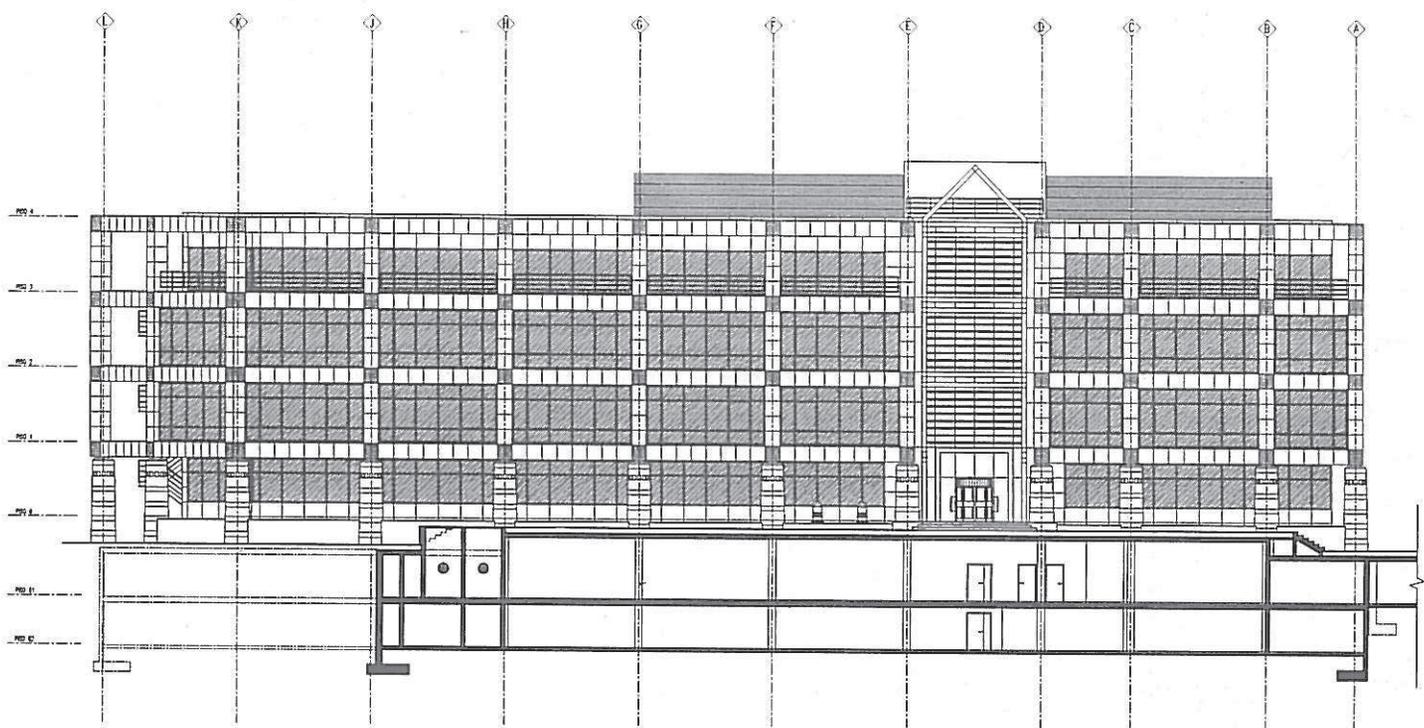
EDIFÍCIO TIPO - CORTE



EDIFÍCIO TIPO - PLANTA



EDIFÍCIO TIPO - ALÇADO



# EDIFÍCIO PARA COMÉRCIO E ESCRITÓRIOS

NO GAVETO DA RUA LÓ FERREIRA COM A AV. D. AFONSO HENRIQUES, EM MATOSINHOS

Ana Paula Petiz

## COLABORADORES

João Quintão - estudante da FAUP

Jean-Luc Moser - estudante da EPFL (Lausanne)

Victor Silva - estudante estagiário da FAUP

## PROJECTO DE ESTRUTURAS

Nogueira da Hora e Manuel Rodrigues

## PROJECTO DE ÁGUAS E SANEAMENTO

Fernando Santiago Miranda

## PROJECTOS DE INSTALAÇÕES ELÉTRICAS, RITA E SEGURANÇA

Jorge Malta

## PROJECTO DE INSTALAÇÕES MECÂNICAS

Luis Araújo

## CLIENTE

Nogueira da Hora, Sociedade Imobiliária Lda

## INÍCIO DO PROJECTO

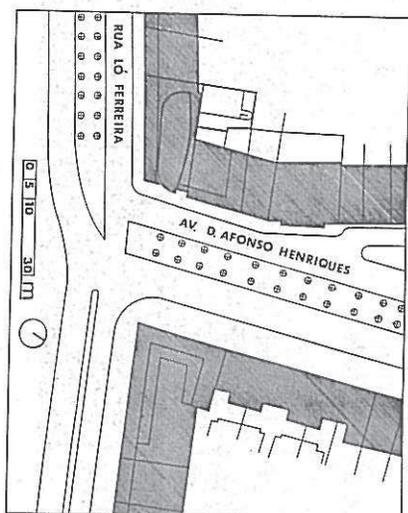
1989

## INÍCIO DA OBRA

1990

## EMPREITEIRO GERAL

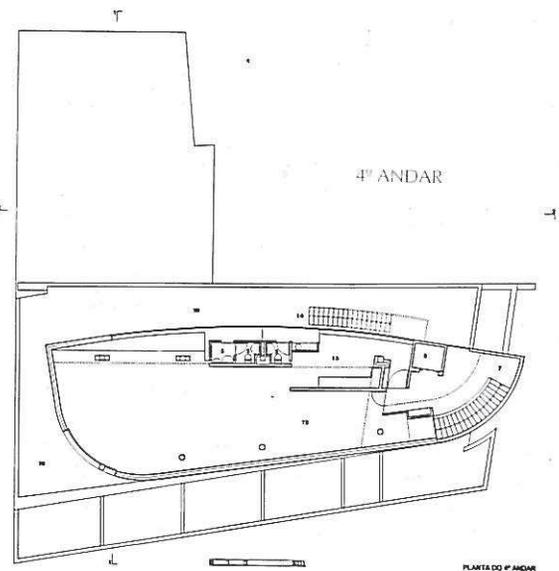
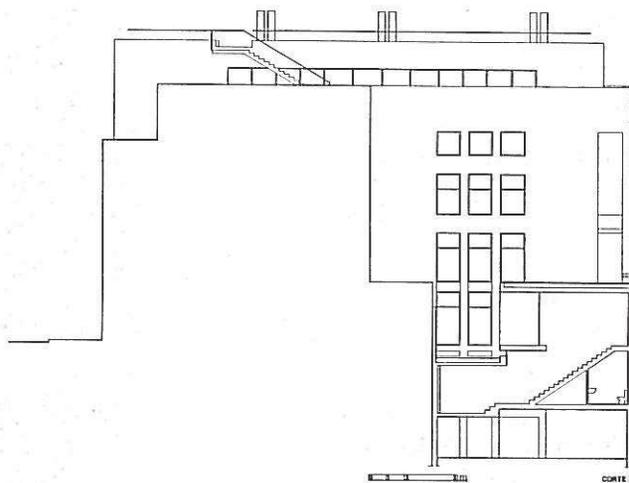
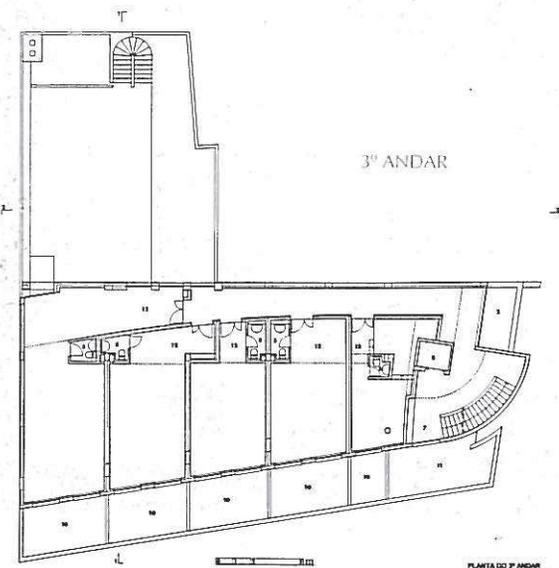
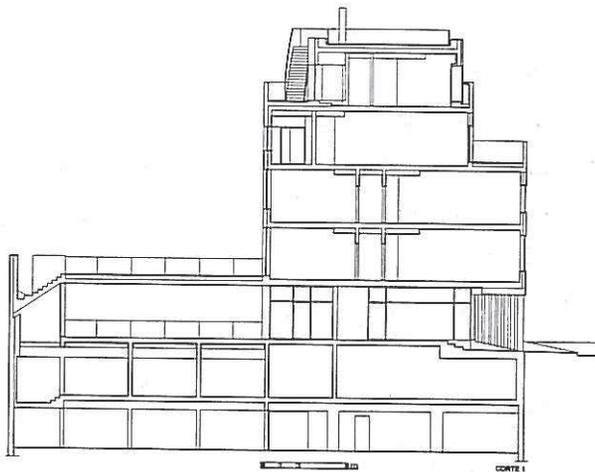
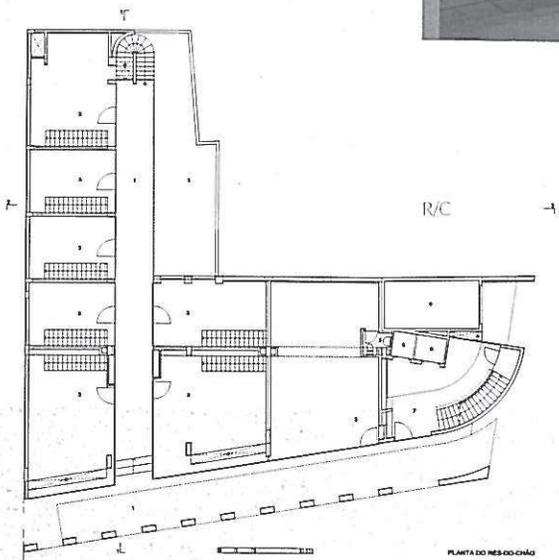
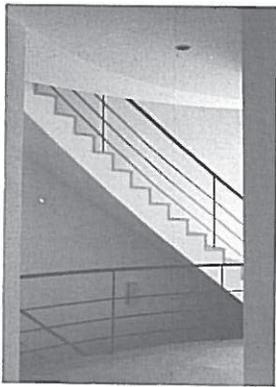
Norasil, Sociedade de Construção Civil Lda



O edifício insere-se na área do "Plano da Zona Envolvente e Imediações dos Novos Paços do Concelho de Matosinhos".

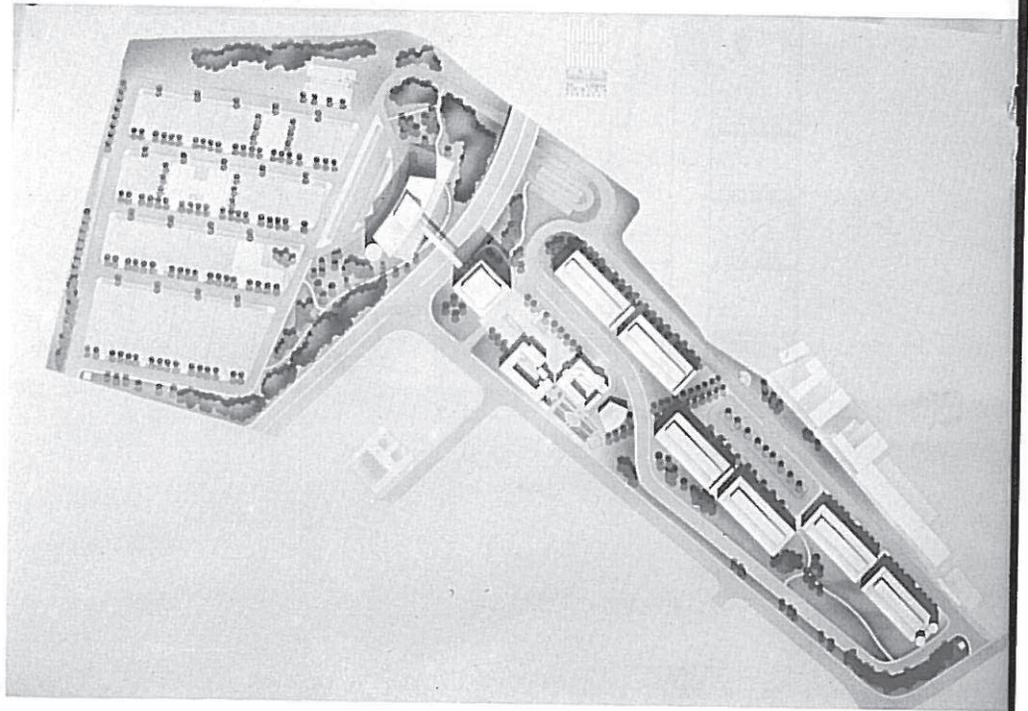
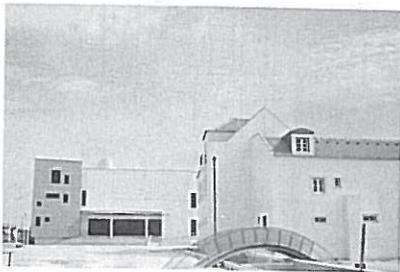
Estabelecia o Plano que a cêrcea a adoptar para o referido terreno não deveria ultrapassar 3 pisos em alinhamento de fachada (R/C com galeria + 2 pisos) e 1 piso em alinhamento recuado. A solução proposta apresenta, no entanto, mais um piso em alinhamento recuado, por razões de ordem urbana. De facto, e numa análise à volumetria envolvente, constata-se que o edifício do gaveto oposto, com uma cêrcea de 6 pisos, três dos quais em alinhamento de fachada e os restantes recuados, estabelece uma relação com a envolvente que, a não ser respeitada no gaveto oposto, criaria uma situação de desequilíbrio formal. O quarteirão, de cêrcea constante em quase toda a sua extensão, deveria ter no gaveto com a Av. D. Afonso Henriques uma marcação nítida do seu termo, daí resultando o remate em pano curvo de parede cega que funciona como elemento de transição para o percurso "descoberto".

O edifício agrupa áreas comerciais ao nível do R/C e da Cave, e Escritórios nos pisos superiores. O piso de Sub-Cave destina-se a estacionamento onde a diferença de cota em relação à rua, bem como a exígua profundidade do lote, determinaram a utilização de um monta-automóveis com acesso pela Av. D. Afonso Henriques, deixando livre a galeria em toda a sua extensão para circulação de peões.



# POLO TECNOLÓGICO DE LISBOA - Lumiar

Susana Veiga Simão

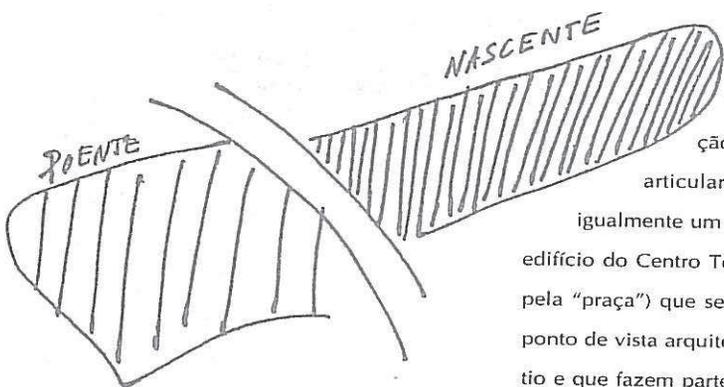


## Caracterização geral do Plano e das áreas edificadas:

A urbanização do Polo Tecnológico de Lisboa – Lumiar divide-se em dois núcleos, um a Nascente e outro a Poente, separados pela Via Envolvente de Carnide.

### Núcleo Nascente:

No Núcleo Nascente fica instalada a área Administrativa e Cultural do Polo. Determinou-se em primeiro lugar a recuperação e renovação das ruínas da Quinta da Horta Nova para aí vir instalar os Serviços Administrativos do Polo-Lispólis / Associação para o Polo Tecnológico de Lisboa. Prevê-se ainda a recuperação do antigo jardim da Quinta que existiu a Nascente do edifício e que se irá articular com a nova “praça” projectada no Plano. Agregado a este núcleo ficará igualmente um edifício de serviços/escritórios, o edifício do Centro Português de Design e o edifício do Centro Técnico Cultural. Tomou-se assim a opção de criar um “centro” (formalizado pela “praça”) que servirá como elemento de referência e de orientação da área urbanizada. Do ponto de vista arquitectónico aponta-se para uma coexistência entre elementos já existentes no sítio e que fazem parte da sua “fundação” e da sua memória (caso do edifício da Quinta da Horta Nova e dos seus jardins) e uma nova organização do espaço que é determinada pela “praça” e pelos novos edifícios, determinando uma dialéctica efectiva entre o “novo” e o “velho” que é espelho da evolução do tempo-factor principal na evolução dos aglomerados urbanos e das cidades em particular. O espelho de água que se propõe para a praça, tem aliás esse valor simbólico de



reflectir o passado (o edifício da Quinta da Horta Nova – memória do que era a zona azinhaga no princípio do século) na presença do futuro – aquilo que o próprio Polo representa.

Deste Núcleo Nascente faz igualmente parte o edifício do futuro Centro de Incubação e Desenvolvimento, integrado num alinhamento de edifícios que, de acordo com os objectivos definidos na primeira versão do Plano de Urbanização, pretendem criar um conjunto edificado com coerência visual, volumétrica e arquitectónica, potenciadora de uma imagem forte e significativa do Polo.

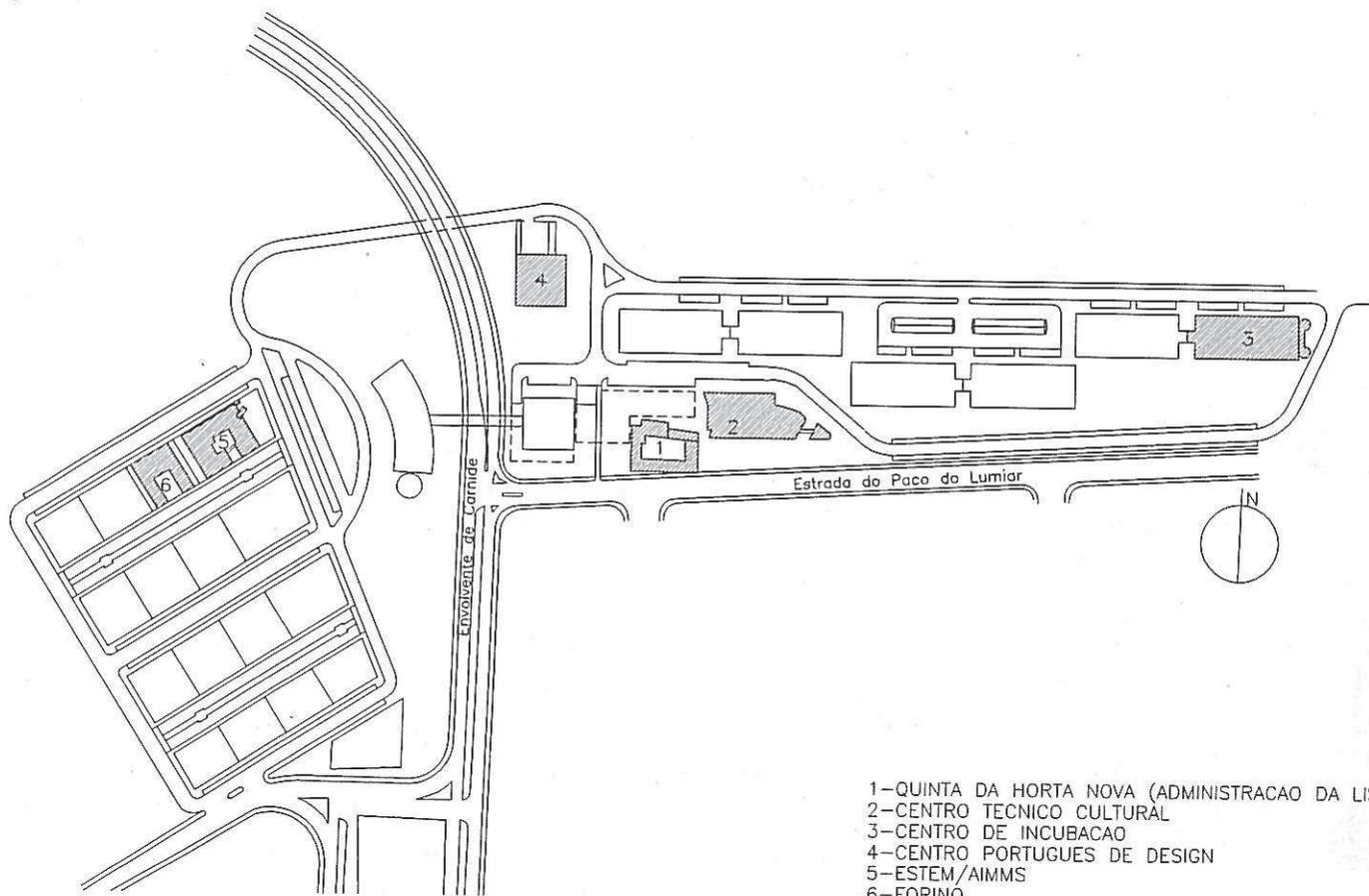
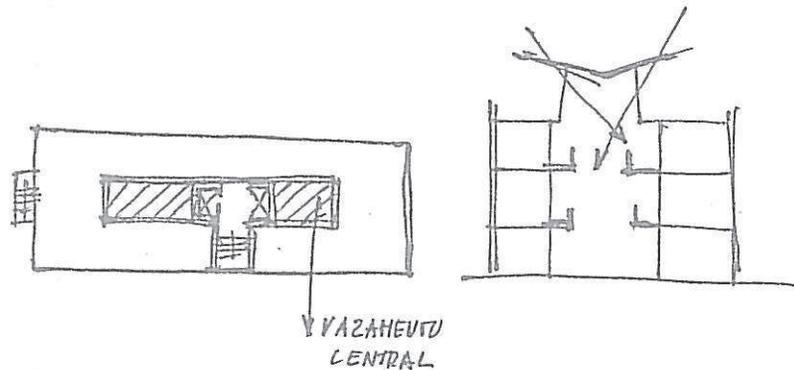
Estes edifícios, irão albergar empresas com funções ligadas à investigação, desenvolvimento e demonstração tecnológicas que não impliquem actividades de grande produção (excepto pré-séries). Terão no entanto, uma definição tipológica comum que se traduz numa imagem comum e num esquema unitário de organização do espaço interior (integrando um vazamento central, iluminado zenitalmente).

#### Núcleo Poente

No Núcleo Poente do Polo implantar-se-ão empresas com funções mais diversificadas que englobam actividades ligadas a serviços laboratoriais, investigação de tecnologias de ponta, produção de protótipos, escolas de formação, etc.

Tornou-se, portanto, extemporâneo avançar com uma definição rigorosa da imagem dos edifícios aí previstos e da sua organização interior, optando-se antes por privilegiar imagens arquitectónicas inovadoras que tenham por base a intervenção de arquitectos diferentes.

Ao nível do conjunto impôs-se alguns condicionamentos que passam essencialmente por privilegiar as volumetrias baixas (4 pisos no máximo) e uma correcta relação entre os edifícios e a estrutura verde.



- 1-QUINTA DA HORTA NOVA (ADMINISTRACAO DA LISPOLIS)
- 2-CENTRO TECNICO CULTURAL
- 3-CENTRO DE INCUBACAO
- 4-CENTRO PORTUGUES DE DESIGN
- 5-ESTEM/AIMMS
- 6-FORINO

## QUINTA DA HORTA NOVA-ADMINISTRAÇÃO DA LISPÓLIS

Victor Neves

### COLABORADORES

João Costa

Gonçalo Andrade

### ESPECIALIDADES:

ESTABILIDADE

Pecnon-Gabinete de Estudos e Projectos.

VENTILAÇÃO

AR CONDICIONADO:

Mendes Nogueira

ELECTRICIDADE:

Monofásica

OUTRAS:

Norvía-Consultores de Engenharia, Lda.

DONO DA OBRA:

INETI-Instituto Nacional de Engenharia e

Tecnologia Industrial

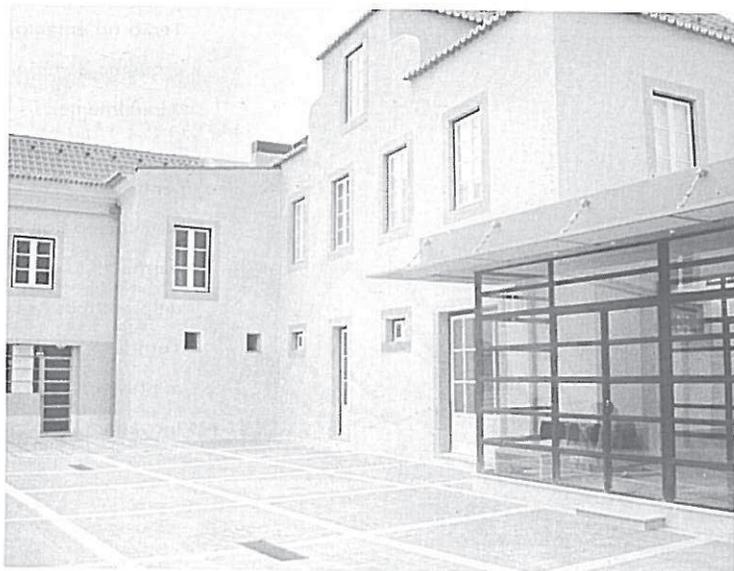
DESTINATÁRIO:

Administração do P.T.L.

Lispólis

Associação para o

Pólo Tecnológico de Lisboa



O projecto refere-se à recuperação e remodelação de um edifício designado "Quinta da Horta Nova", situado na Estrada do Paço do Lumiar, em Lisboa, assim como de um jardim que lhe é contíguo a nascente.

O edifício foi construído em 1903, segundo declaração da Associação de Socorros Mútuos Montepio Filarmónico que, desde 1925, foi seu proprietário por legado de um benfeitor da Associação. Fazia parte integrante de um conjunto designado por "Quinta da Horta Nova de Fora" e que está representado no levantamento da Câmara Municipal de Lisboa de Junho de 1907.

Em 1946 foram propostos à Câmara Municipal de Lisboa algumas alterações ao edifício que não se chegaram a realizar na totalidade. Nessa mesma data foi efectuado um levantamento rigoroso do edifício a partir do qual se desenvolvem o presente projecto de reconstrução.

Sofreu o edifício alguns danos no sismo de 28.06.69, data a partir da qual o edifício foi-se degradando consecutivamente. Em 1975 nele residiam várias famílias que efectuaram algumas obras clandestinas (execução de casa de banho, etc.).

Quando do início das obras o edifício estava em ruínas, sem cobertura e mantendo apenas as paredes exteriores. A sua recuperação e remodelação interior tinha o propósito de aí instalar os Serviços Administrativos do futuro "Pólo Tecnológico de Lisboa - Lumiar", a construir nos terrenos da Quinta.

A alteração de funções foi feita de modo a possibilitar uma nova vida ao edifício sem que isso implicasse a sua desfiguração e descaracterização. Tentou-se fazer revelar inequivocamente o que é novo e o que é antigo.

No referente ao antigo jardim existente a Nascente do edifício e já anteriormente referido, será reconstruído segundo o projecto original disponível.

Excertos da Memória Descritiva e Justificativa

"...O projecto prevê a recuperação e restauro exterior e interior (de acordo com o levantamento de 1946) de todo o conjunto edificado, com excepção do corpo Norte que corresponde segundo se julga, às antigas estrebarias. Prevê-se, em princípio, a sua demolição, de acordo com o Plano Geral do Pólo Tecnológico de Lisboa. Prevê-se igualmente a reconstrução do jardim outrora existente a Nascente do edifício, de acordo com a sua traça original patente no levantamento de 1907.

No respeitante ao valor patrimonial do conjunto edificado, não é possível considerá-lo uma peça de grande valor arquitectónico, nem como um dos melhores exemplos da arquitectura solarenga da zona do Paço do Lumiar. Com excepção do alçado principal voltado à Estrada do Paço do Lumiar, a traça do edifício é pobre e a articulação dos diferentes volumes edificados não é harmoniosa. No entanto, pode-se considerar que tem valor patrimonial como elemento de um conjunto constituído pelas Quintas de toda a área do Paço do Lumiar, que hoje se tenta manter e preservar.

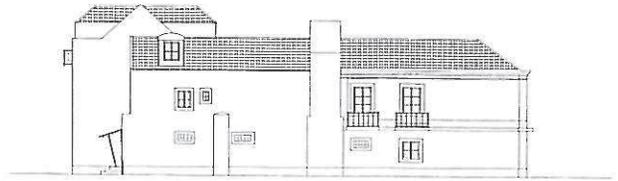
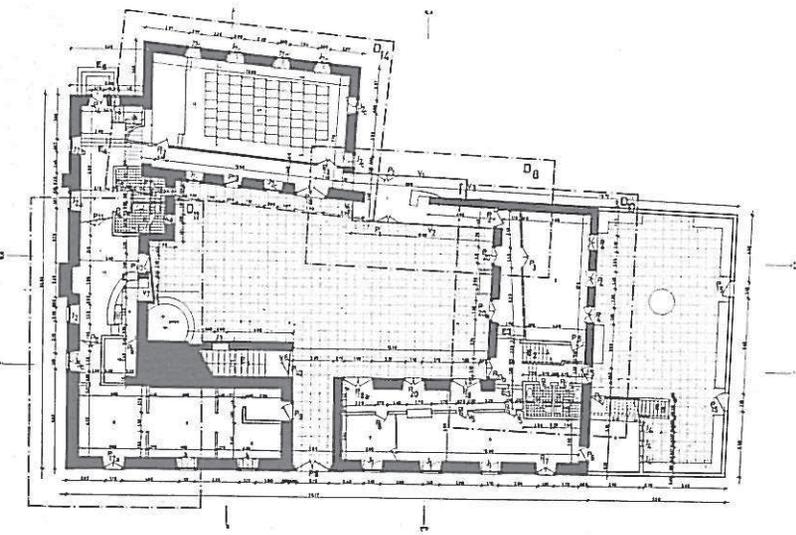
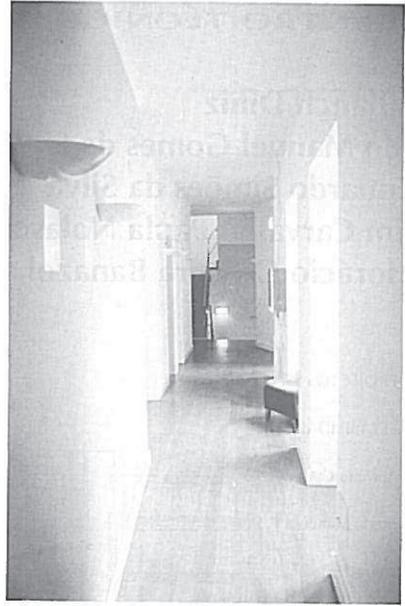
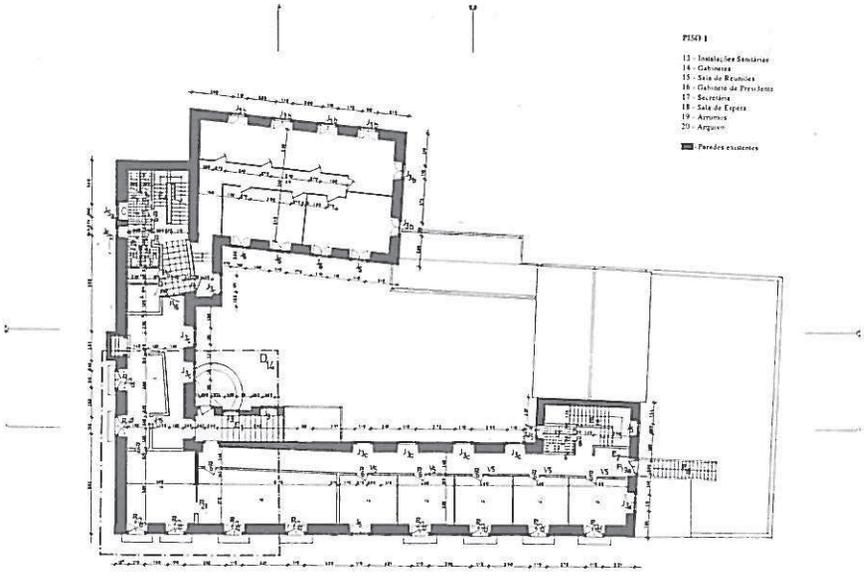
A nova inserção do edifício da Quinta da Horta Nova no conjunto do Pólo Tecnológico de Lisboa, implica, necessariamente a sua leitura num contexto completamente diferente daquele de que fazia parte originariamente. Como tal, o diálogo entre o "velho" e o "novo" faz-se abertamente no desenvolvimento do projecto, tornando evidente o que é antigo e o que é novo. Nessa medida, a proposta agora avançada propõe a adição de um novo corpo (de 1 piso) que albergará a nova portaria / recepção e que fechará a Norte o pátio principal; assim como a completa remodelação do interior, utilizando a par dos materiais existentes e originais, outros materiais, (e linguagens arquitectónicas) completamente novos. No entanto, será importante referir que o que é "novo" não se sobrepõe nem se sobrevaloriza em relação ao que é "antigo", antes submetendo-se hierarquicamente ao seu predomínio visual e tentando dialogar com ele..."



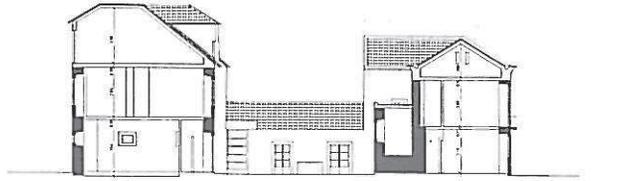
PISO 1

- 13 - Sala de Sessões
- 14 - Gabinete
- 15 - Sala de Reuniões
- 16 - Gabinete do Presidente
- 17 - Secretaria
- 18 - Sala de Espera
- 19 - Antena
- 20 - Arquivo

▣ Paredes existentes



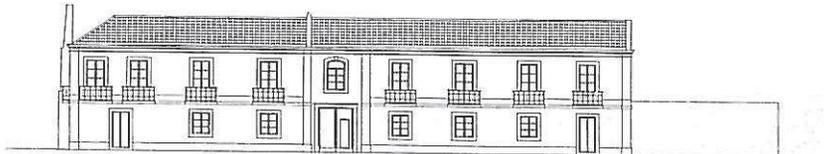
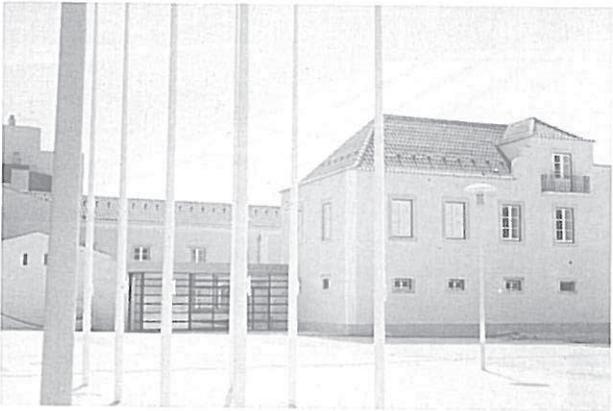
ALÇADO SUDOESTE



CORTE EM



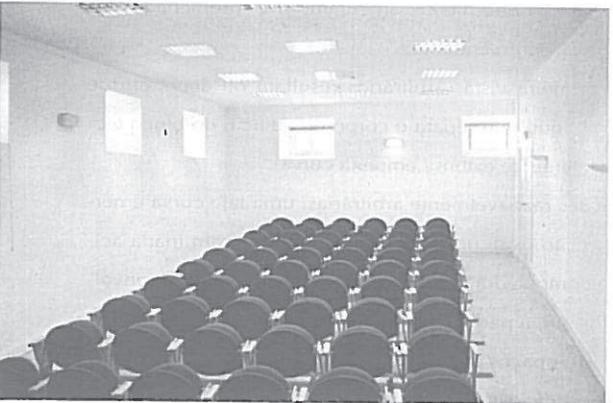
CORTE CD



ALÇADO SUDESTE



CORTE U



CORTE EF

## CENTRO TÉCNICO - CULTURAL DO POLO TECNOLÓGICO DO LUMIAR

Filipe Blanch Diniz  
Orlando Manuel Gomes de Silva  
João Eduardo Simões da Silva  
Joaquim Carvalho Paula Nolasco  
João Horácio Oliveira Banazol

### PROJECTOS ESPECIAIS

#### ESTABILIDADE

António C.A. Metello

Maria Manuela V. Pedro

A. Caseirito

#### ELECTRICIDADE

Costa Dias

#### ÁGUAS E ESGOTOS

Ida Quintela

#### SEGURANÇA

António Gamboa

#### ACÚSTICA

Pedro Martins da Silva e Associados

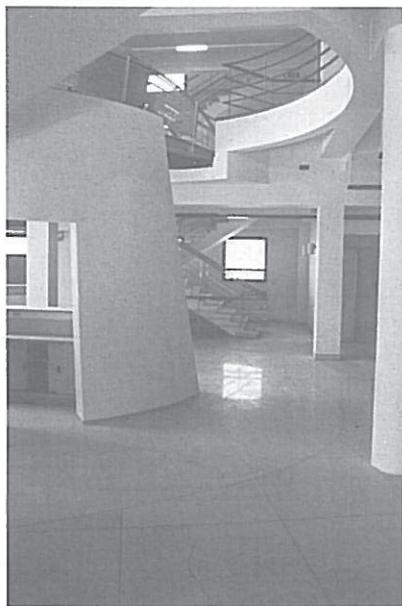
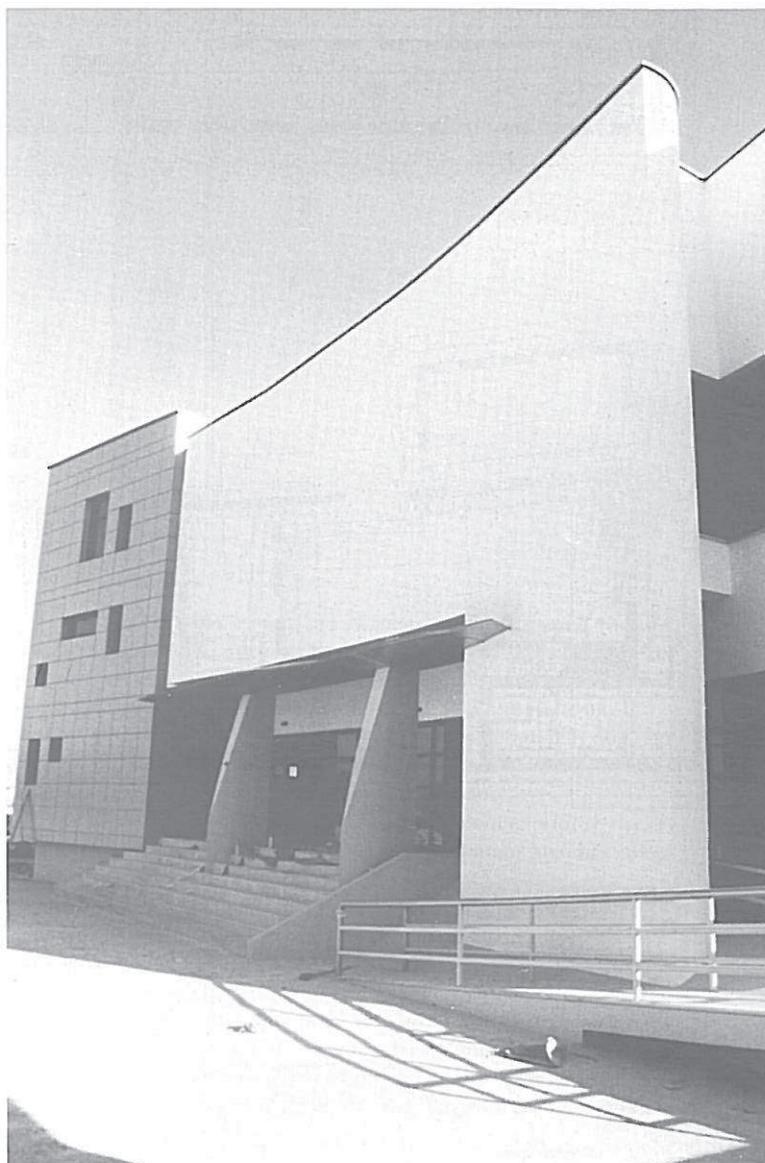
#### COORDENAÇÃO

Gestécnica, Lda.

#### DESENHO

Albano Pinto

José L. Camilo



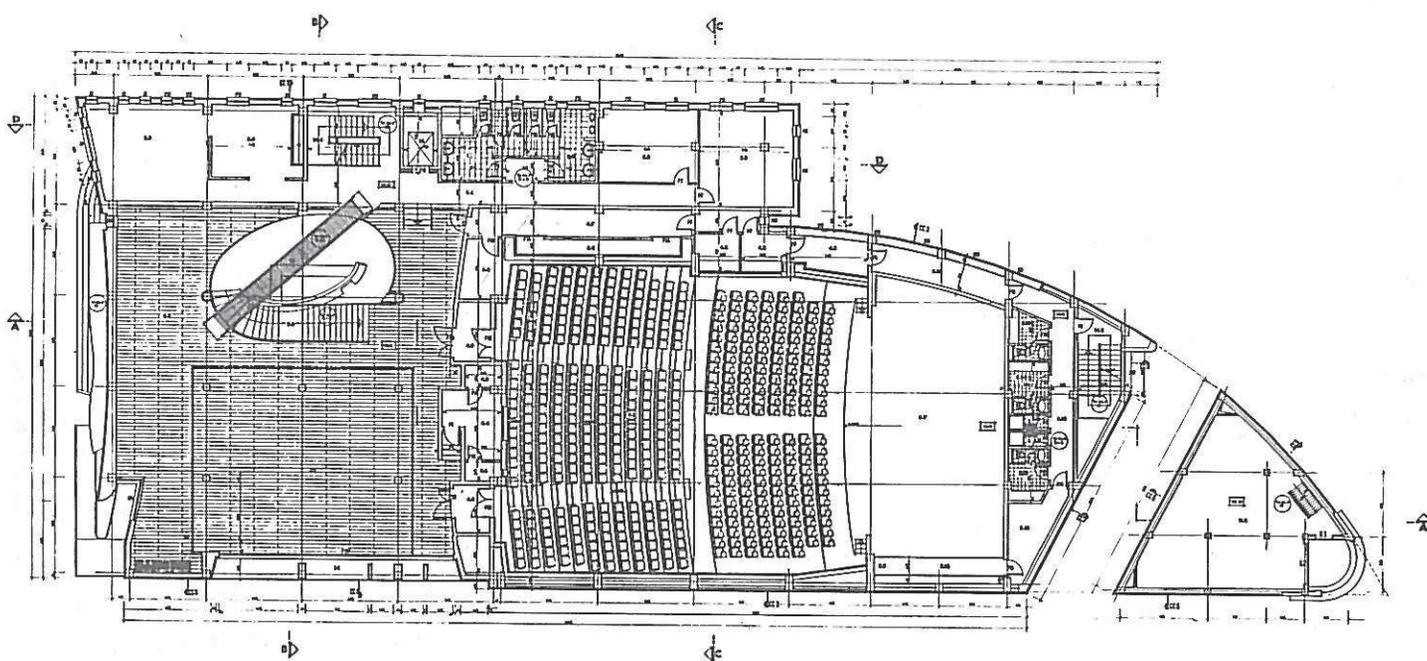
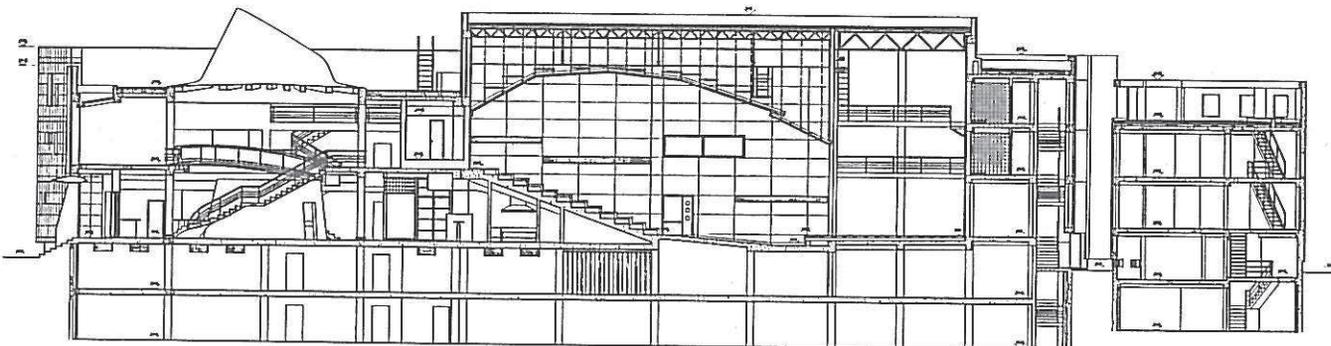
A solução, necessariamente compacta, procura dar suporte à diversidade de funções e ambientes requeridos, e à polivalência e interligação de alguns espaços programáticos, com uma variedade de "episódios" espaciais e formais que, interior e exteriormente, articulam uma "promenade" arquitectónica contrastante e, tanto quanto possível, surpreendente.

Deve esclarecer-se que alguns elementos à primeira vista arbitrários resultam ou decorrem de condicionantes programáticas (caso do corte oblíquo que separa o corpo do edifício do bloco técnico) ou da configuração do lote (caso da relativamente extensa empena curva).

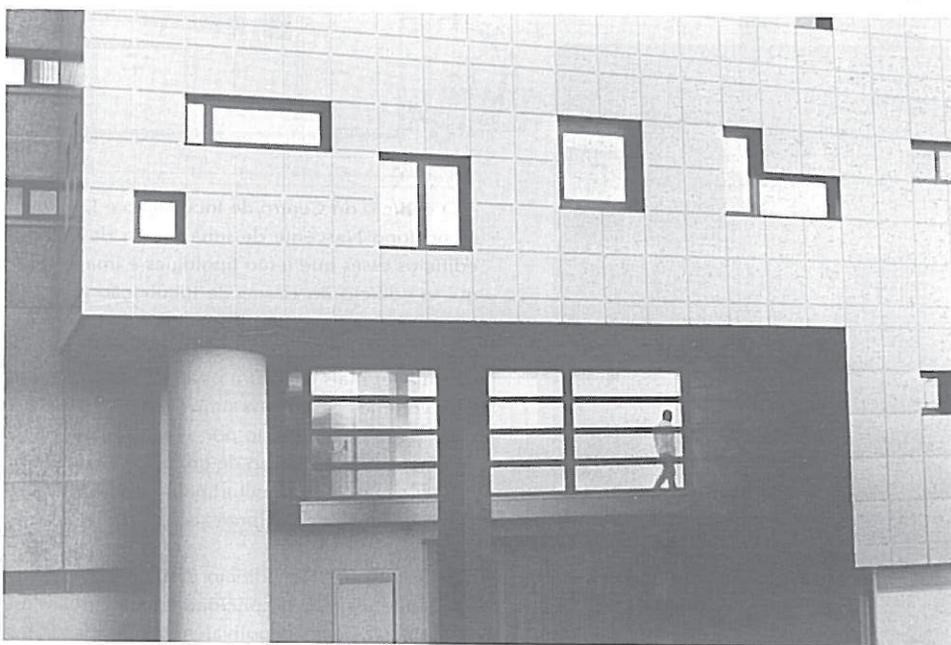
Outras soluções formais são, obviamente, opções razoavelmente arbitrárias: uma laje curva e nervurada, um lanternim em tronco de cone de secção oval, um corpo cujos vãos evocam (nada acidentalmente) os velhos cartões perfurados de computador, vãos rasgados mas recolhidos e envolvidos por uma moldura funda, como se abertos numa parede de grande espessura. Todos são úteis a um dos factores essenciais de qualificação dos espaços interiores: a diversidade de formas de admissão, incidência e reflexão da luz natural no edifício.



CORTE A - A



PLANTA DO PISO 1



# EDIFÍCIO DO CENTRO DE INCUBAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Susana Veiga Simão

## ESTABILIDADE

Pecon-Gabinete de Estudos e Projectos, Lda.

## ELECTRICIDADE E AR CONDICIONADO

S.T.E. -Serviços Telecomunicações

e Electrónica, Lda

## ÁGUAS E ESGOTOS

Sucena Reis

## DONO DA OBRA:

Lispólis - Associação para o

Pólo Tecnológico de Lisboa

## INÍCIO DO PROJECTO:

1991

## CONCLUSÃO DA OBRA:

1994

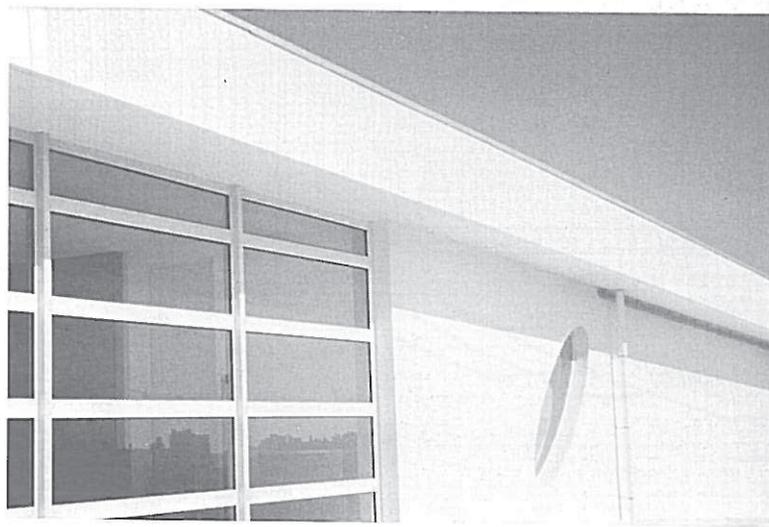
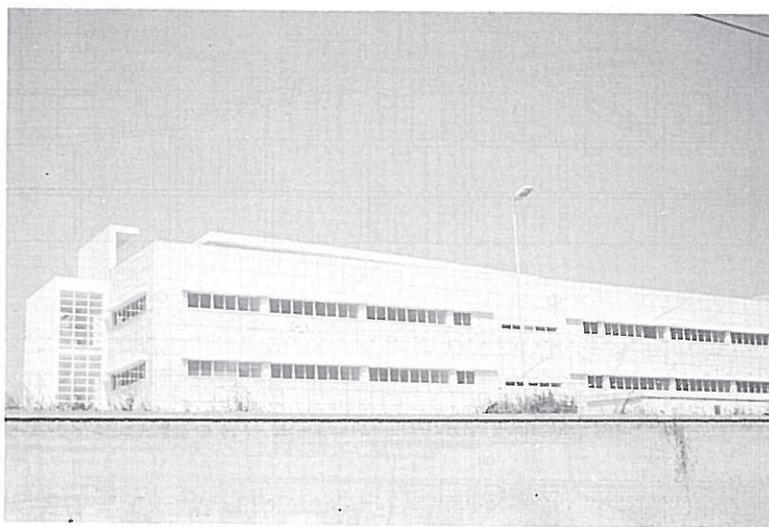
## EMPREITEIROS:

Hagen, Sa e S.T.E. -Serviços

Telecomunicações e Electrónica, Lda.

## FOTOS:

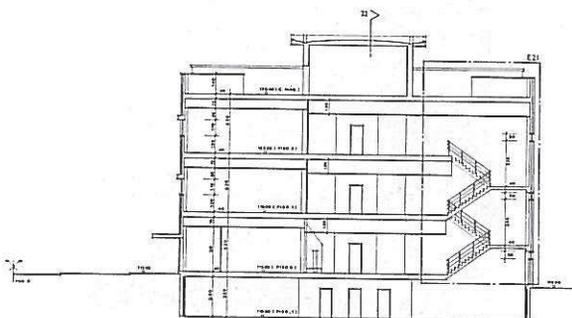
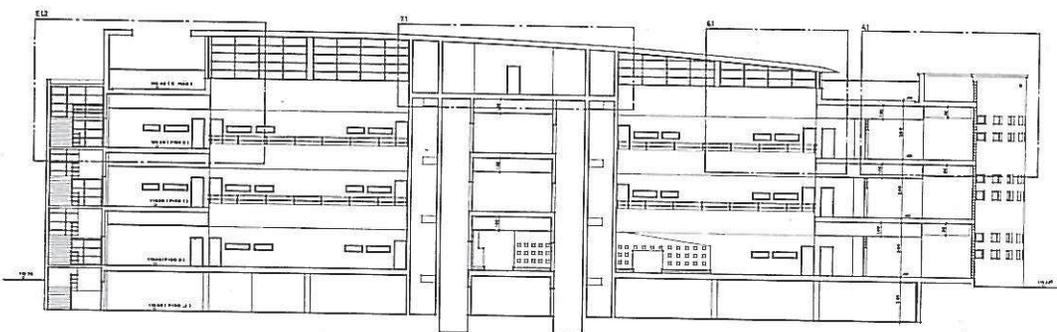
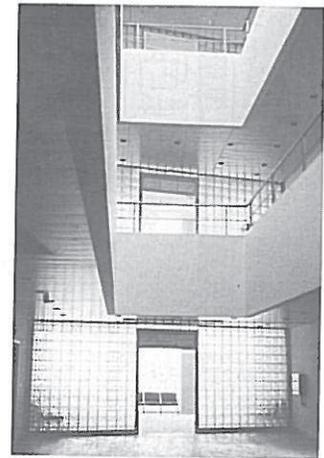
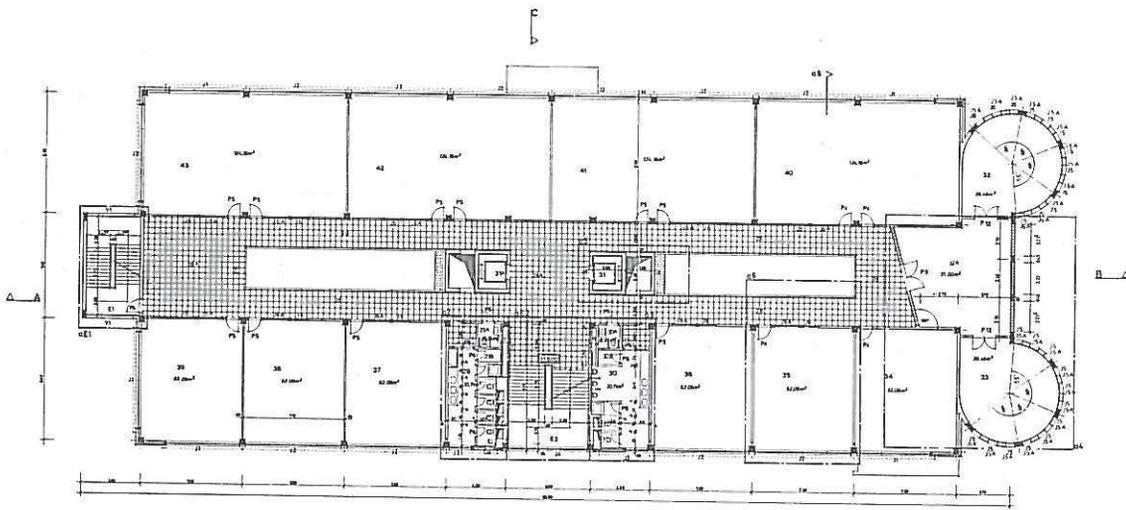
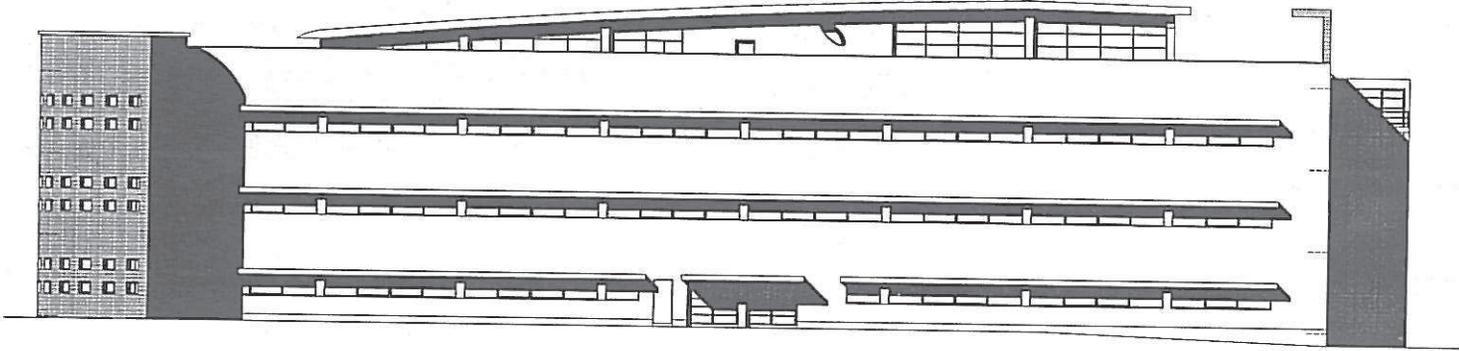
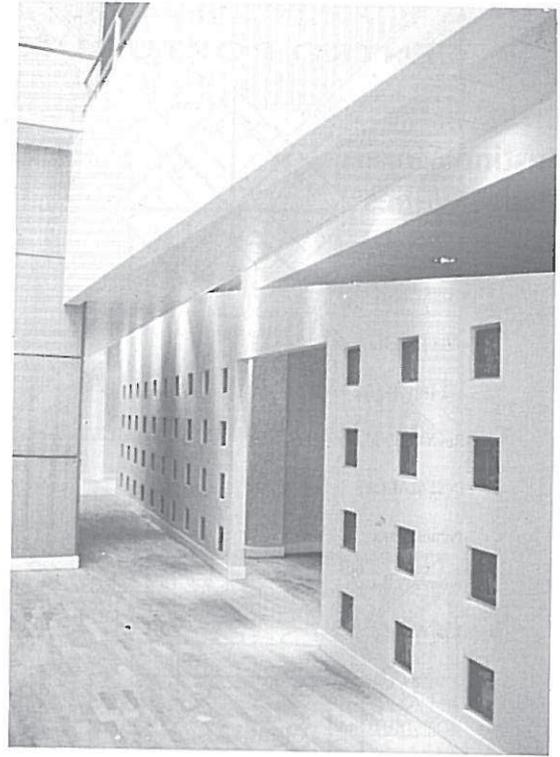
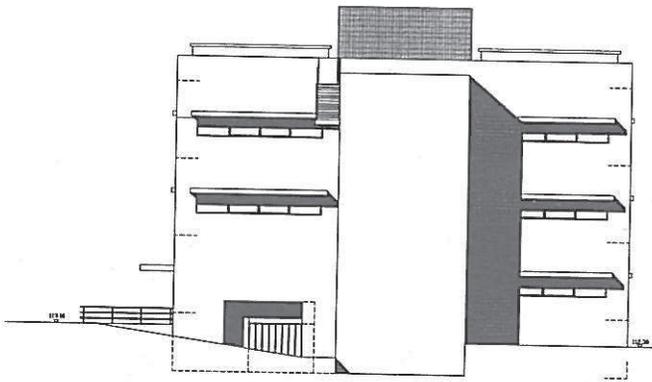
Victor Neves



– O edifício do Centro de Incubação e Desenvolvimento do Pólo Tecnológico de Lisboa, localiza-se no topo Nascente de uma banda de edifícios projectados para o Núcleo Nascente do Pólo - edifícios esses que terão tipologias e imagens arquitectónicas comuns. Os dois volumes cilíndricos que o edifício do centro de Incubação apresenta do seu lado Nascente são, nesse contexto, elementos de remate visual dessa banda de edifícios, tendo ainda significado simbólico, já que será exactamente nesse Centro de Incubação que se irá constituir um "ninho" de empresas que se prevê virem a ter mais tarde um peso estrutural significativo no conjunto do Pólo. De algum modo, esses dois volumes cilíndricos simbolizam as bases de um futuro que se pretende planeado.

– O edifício é composto por 3 pisos acima do solo e 1 cave para estacionamento. O espaço interior organiza-se em torno de um núcleo central constituído pela caixa de elevadores que se articula com o vazamento longitudinal, rodeado de galerias. Estas dão acesso às diferentes salas que irão ser ocupadas por diferentes empresas ligadas a áreas diversificadas de investigação e tecnologias de ponta.

– A arquitectura do edifício define-se e formaliza-se a partir de um reduzido número de elementos: pela luz, pela simplicidade geométrica e estrutural; pela racionalização de acessos verticais e horizontais, pela sua polivalência interior.



Corte A/B

Corte C/D

## CENTRO PORTUGUÊS DE DESIGN

Justino Morais  
Pedro Nunes

### PAISAGISMO

Júlio Moreira

### ESTABILIDADE

Rocha Cabral

### INSTALAÇÕES

Nunes Serra

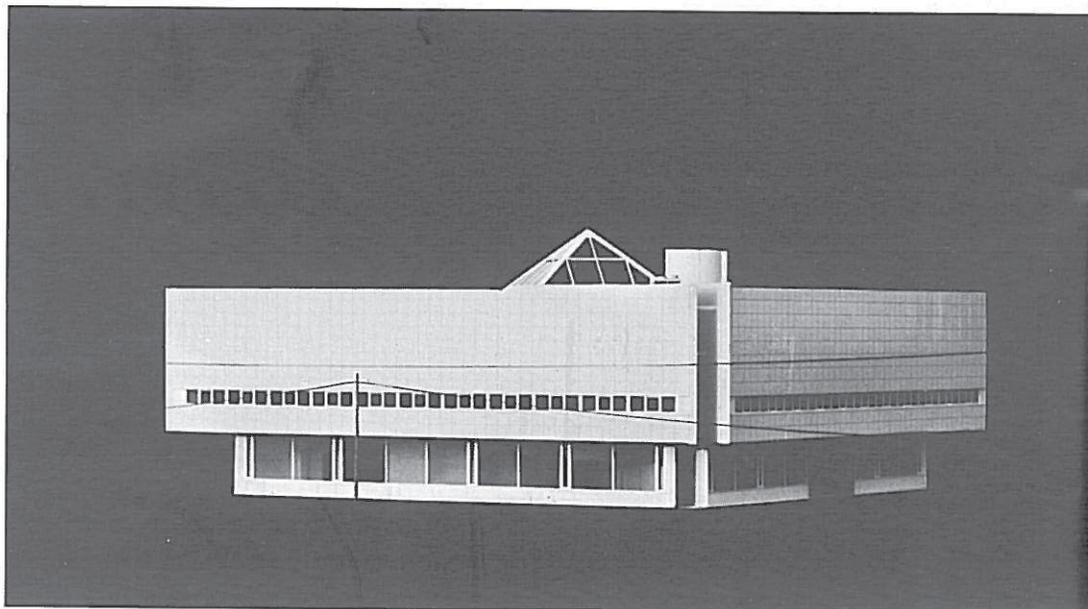
Nunes Petisca

Luis Guerra

Araújo Calheiros

### CONSTRUTORA

Engil, Soc. C. C. SA



### O LUGAR

Situada no Pólo Tecnológico do Lumiar, extensão do Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (antigo LNETI), entre Carnide e o Paço do Lumiar = zona que se encontra em fase de grandes transformações = o lote que lhe foi atribuído ficará delimitado pela futura Envolvente de Carnide, uma artéria radial que cortará o Pólo Tecnológico, e uma via interna que, sob a avenida, estabelece a ligação entre as parcelas resultantes.

Esta situação singular dentro do plano do Pólo, contribui para que o Centro Português de Design beneficiasse de um "estatuto de excepção".

Tendo em conta a carga das vias envolventes e a altimetria do lote, procurou-se ao nível do projecto, uma solução que permitisse assegurar o mínimo de recolhimento, de interiorização, que o programa do Centro exige.

### O PROGRAMA

Entre o Programa de Actividades do Centro e o programa do seu suporte arquitectónico = o projecto da sede = existe, naturalmente, um hiato a transpor.

Se tivermos em conta que nos encontramos perante um domínio de apostas e de riscos, de convicções e desafios, os resultados têm de ser acautelados, traduzidos simultaneamente em rigor e flexibilidade.

Um único pólo permite articular estes dois vectores tendencialmente opostos: a reflexão.

Um espaço de reflexão, voltando sobre si próprio e ao abrigo da envolvente próxima, foi o conceito base para projectar.

Um espaço no qual os riscos que a actividade do Centro venha a assumir, se não encontrem limitados pela rigidez do espaço em que irá exercer-se.

### A EXPRESSÃO

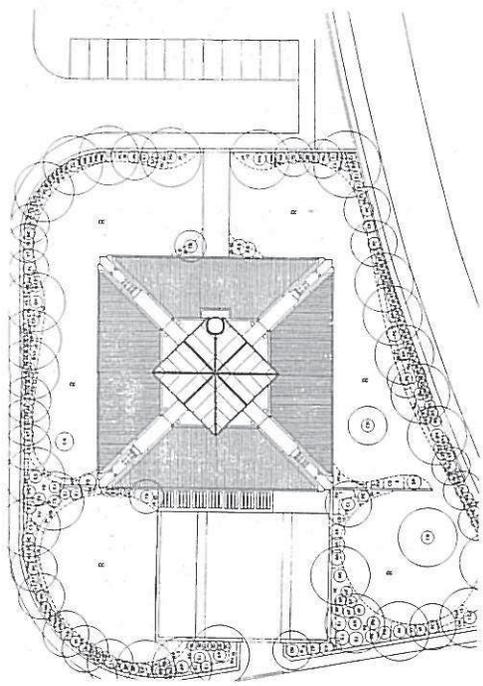
Se o programa constitui um pólo de articulação entre o espaço e as actividades a que servirá de suporte, a expressão terá de constituir um novo pólo no qual essas actividades se articulem com os condicionamentos impostos pela envolvente externa.

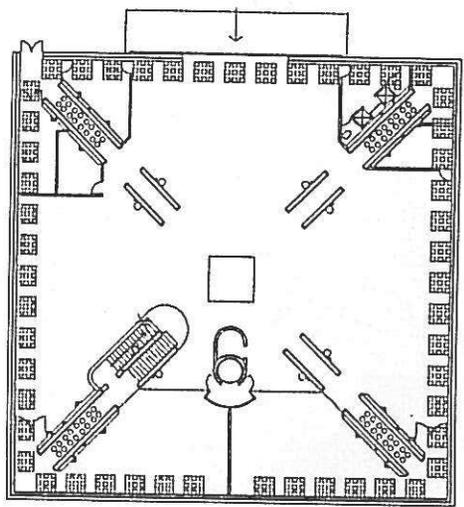
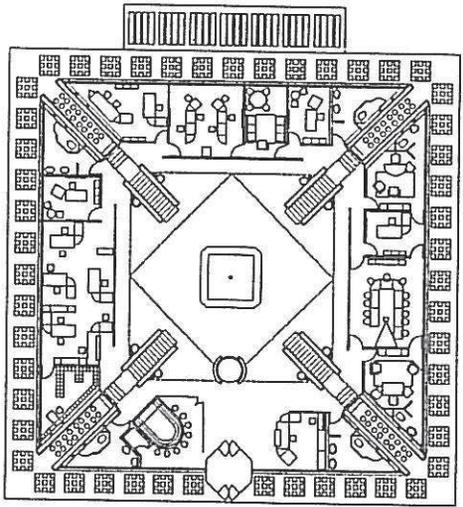
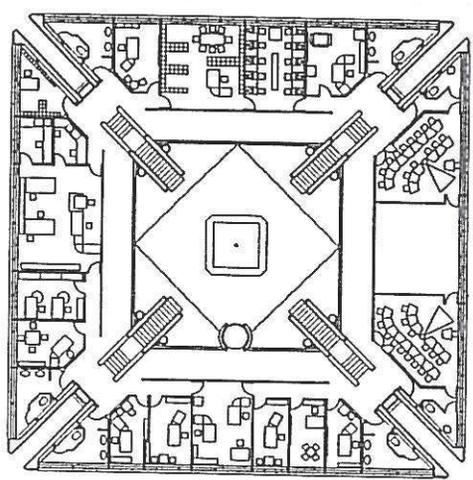
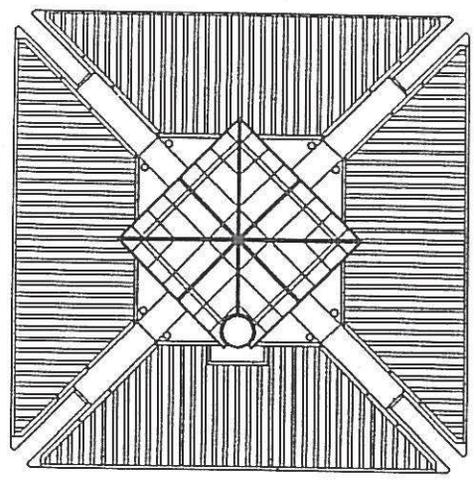
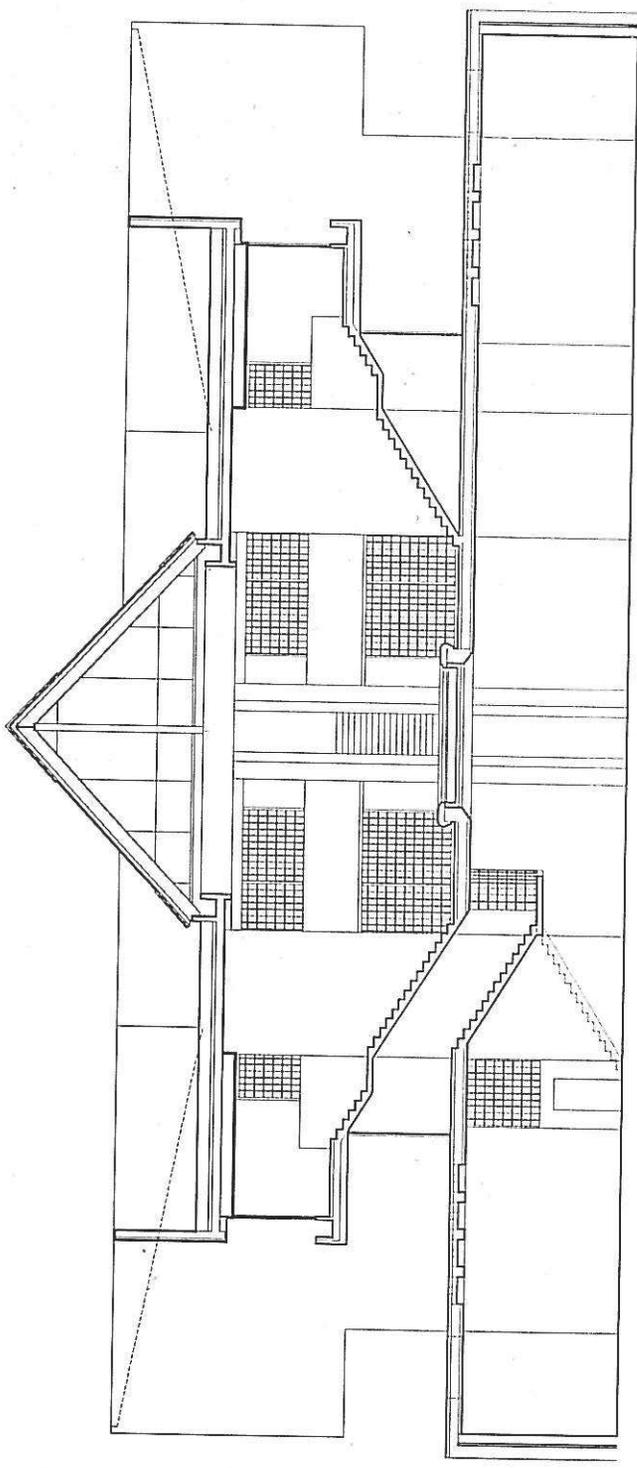
Partindo do lote, do espaço disponível para se implantar, o edifício gera-se em torno do centro de gravidade.

Centro esse situado muito próximo do terreno, para quem se aproxima do edifício, uma vez que a altimetria constitui um condicionamento determinante.

Visto à distância, a sede do Centro Português de Design será um edifício compacto, em que não se apercebe logo que tem três pisos.

Uma superfície verde ondulante envolve-o, de modo a tornar-se sensível para quem o use por dentro, é limitada a curta distância por maciços de árvores e arbustos que subvertem as fronteiras em que se encontra confinado.





# ESTEM-ESCOLA DE TECNOLOGIA MECÂNICA /A.I.M.M.S.

Victor Neves

## COLABORADORES

Gonçalo Andrade

## ESTABILIDADE

Pronorsan

Tecnologia e Gestão de Projectos, SA

## INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Pires Santana

João José T. Caria

## OUTRAS

Pronorsan

Tecnologia e Gestão de Projectos, SA

## DESENHO DE CAD

Paula Pestana

## EMPREITEIRO GERAL

Hagen, SA.

## DONO DA OBRA

Escola de Tecnologia Mecânica

Associação dos Industriais Metalúrgicos

e Metalomecânicos do Sul

## INÍCIO DO PROJECTO

1992

## INÍCIO DA OBRA

1993

Este projecto refere-se ao edifício da **Escola de Tecnologia Mecânica e da Associação dos Industriais Metalúrgicos e Metalomecânicos do Sul** que se está a construir nos terrenos do INETI no Lumiar em Lisboa.

O edifício compõe-se de 3 pisos acima do solo e uma cave. No essencial o edifício é constituído por cinco corpos que configuram um pátio central. Esse pátio é parcialmente interrompido do lado Nascente onde apenas uma galeria metálica envidraçada (actualmente em construção) dá continuidade aos dois corpos edificados que se desenvolvem desse lado, permitindo uma franca abertura visual e a entrada de luz natural para o pátio central.

Os dois pequenos corpos que se destacam dos lados Poente e Norte (pintados de verde e amarelo) correspondem, respectivamente, à zona de serviços administrativos e às escadas principais da ESTEM - Escola de Tecnologia Mecânica.

Os diferentes pisos são unidos por três escadas: a escada principal junto ao átrio (do lado Poente); uma escada metálica de emergência localizada no pátio central e uma escada situada do lado Nascente e que será utilizada exclusivamente pela A.I.M.M.S. Está ainda previsto a instalação de um elevador que poderá ser utilizado por pessoas deficientes.

A 1ª Fase do edifício está neste momento a funcionar parcialmente para as aulas da ESTEM, que incluem formação em oficina e em laboratórios C.A.D.

A área afectada aos serviços da A.I.M.M.S (lado Nascente) está ainda em construção, prevendo-se a sua conclusão em Agosto de 1994.

**- Das linguagens que vêm dos materiais; das formas que são das funções; da luz; das cores e dos sonhos que temos na cabeça...**

*Há sempre na Arquitectura qualquer coisa que é iminentemente lógica.*

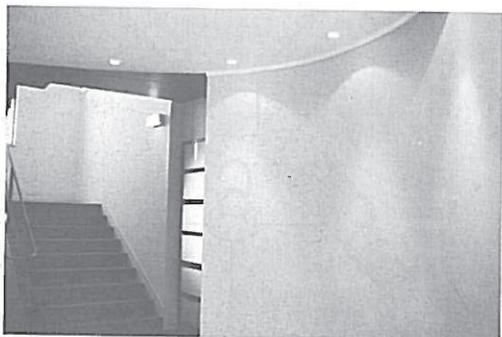
*Independentemente das imagens imaginadas; das experiências tentadas, este edifício não foge a essa regra.*

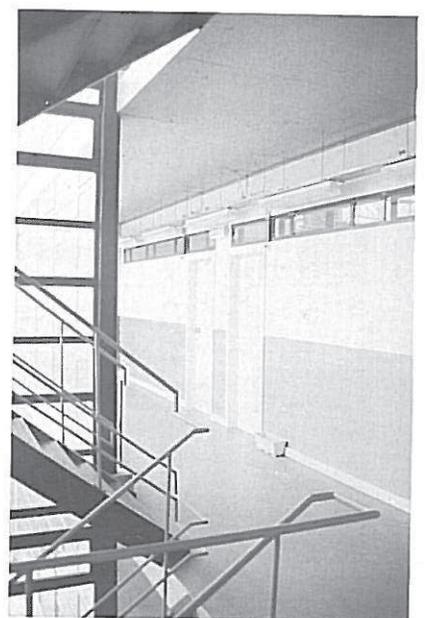
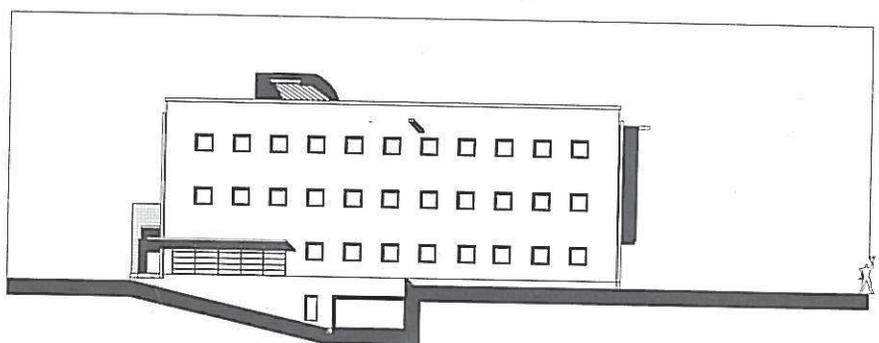
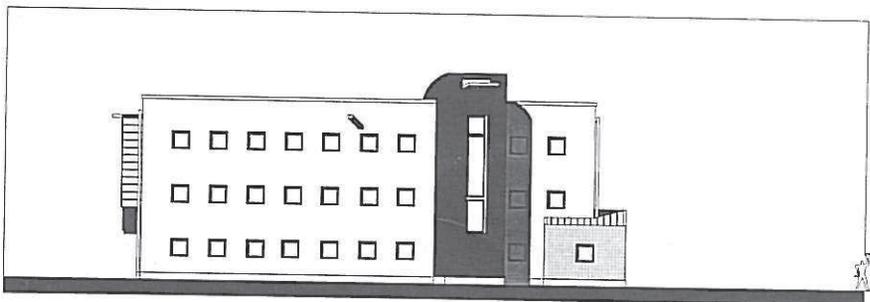
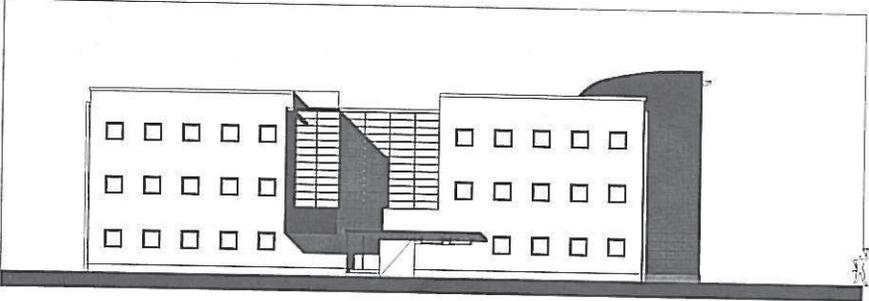
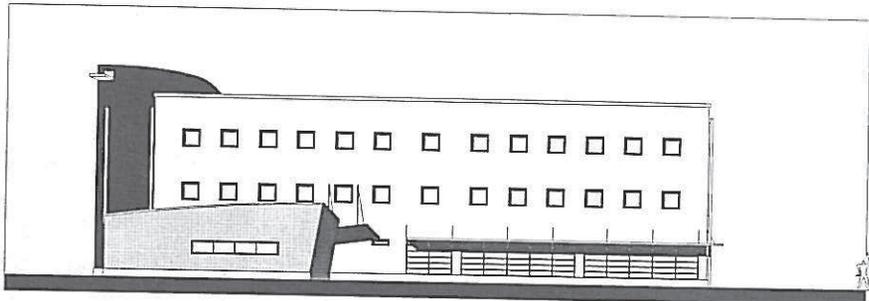
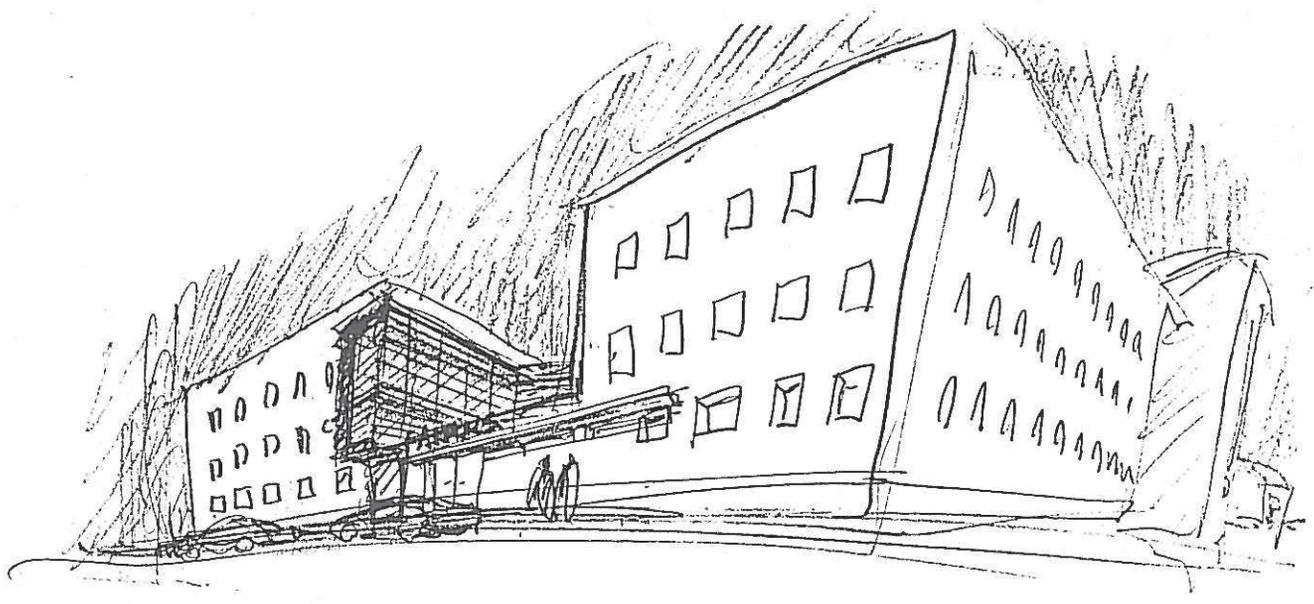
*O edifício da ESTEM /AIMMS é até talvez um edifício racional - na sua linguagem, nas suas funções, nos materiais que utiliza - o que quer dizer que utiliza uma lógica prévia, planeada, que procura as formas e as articula com o espaço, rejeitando o contrário que é deixar as formas à solta, numa embriaguês formal que é normalmente fruto de modismos ou da vaidade dos arquitectos.*

*Destinando-se a uma Escola de Metalurgia e Metalomecânica (e à Associação empresarial destas duas actividades), procurou-se que os materiais utilizados no seu interior reflectissem esse programa.*

*Os materiais utilizados são deliberadamente resistentes e aplicadas sem os preciosismos doentios de pormenorização e detalhe que caracteriza algumas intervenções contemporâneas. As instalações são em grande parte à vista, utilizando-se o ferro e o alumínio como materiais dominantes da poética espacial.*

*A luz e a cor (pontualmente) são os elementos da composição formal, assim como do conforto visual e psicológico dos utentes.*





# ESCOLA DE NOVAS TECNOLOGIAS

J. Quaresma

COLABORAÇÃO:

Maria Angelina Santos

PROJECTO DE ESTRUTURAS

Dias Ferreira

PROJECTO DE ÁGUAS E SANEAMENTO

Dias Ferreira

PROJECTO DE ELECTRICIDADE E INSTALAÇÕES ESPECIAIS

Luis Meirinha

R.I.T.A.:

Luis G. Meirinha

CLIENTE

FORINO

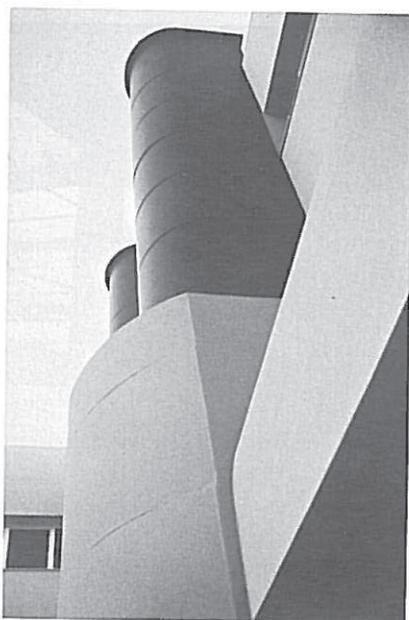
Associação para a Escola de Novas Tecnologias

LOCALIZAÇÃO

Polo Tecnológico do I.N.E.T.I. - Rua F - Lisboa

INÍCIO DO PROJECTO

1990

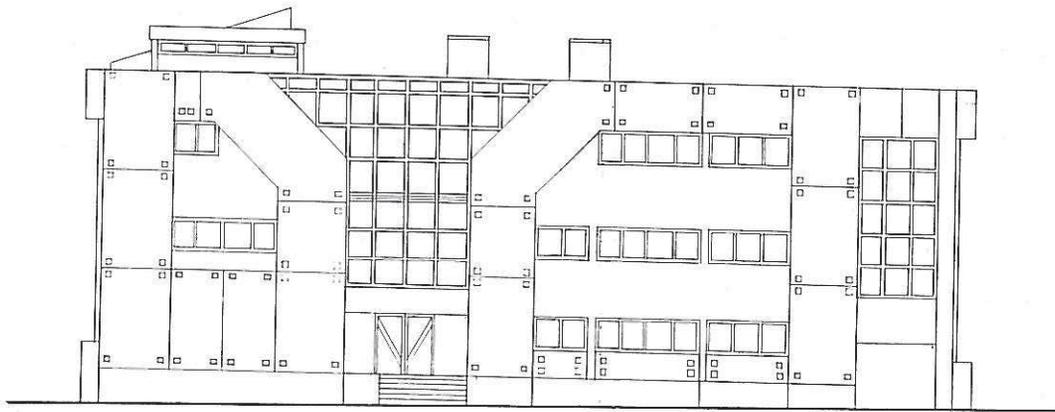


A arquitectura como disciplina induz-nos a que nós arquitectos, em termos conceptuais possamos articular no desenho do espaço a sua funcionalidade e a optimização construtiva com outros elementos inerentes à qualidade ambiental, mas de ordem semiológica. Desenhamos, ...não! Escrevemos, não só com a ponta da grafite mas também, com a luz e as sombras, com as formas e com as texturas, criando novos discursos com os mesmos significantes.

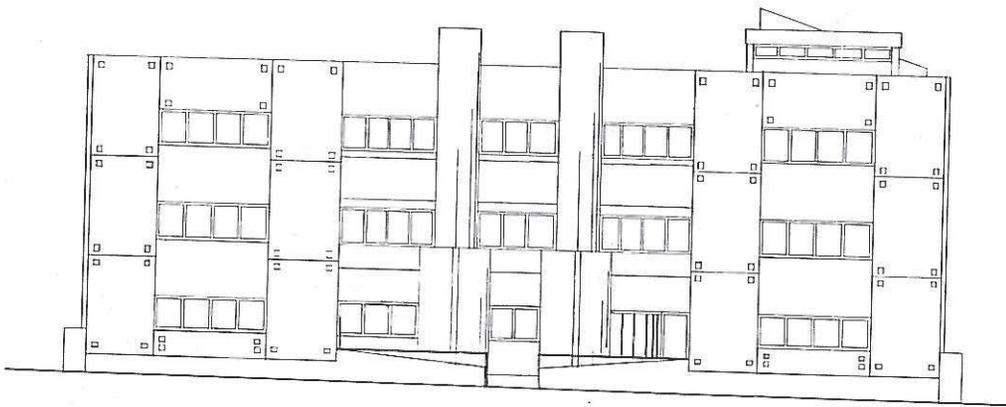
O arquitecto é afinal um escritor, cujo texto induz a determinadas leituras. O jogo da luz, da cor e da forma estabelece um código que define no espaço a linguagem utilizada nesse texto. Os edifícios vão estabelecendo então cenários de leitura múltipla consoante a perspectiva do utente e o tipo de utilização que ele faz do espaço. Essas leituras resultam assim, da apreensão e compreensão dos códigos utilizados e da adaptação do discurso às necessidades do mesmo.

A estrutura formal deste edifício, resulta prioritariamente do discurso da sua funcionalidade interna e da articulação dos diversos parágrafos que a compõem, o que se reflecte na pontuação manifesta exteriormente. Os materiais e as soluções técnicas que lhe são intrínsecas fornecem-lhe um vocabulário próprio que através de um exercício de desenho metódico enfatizam a forma e dinamizam esse mesmo discurso apontando para diferentes sensações na apreensão dos espaços.

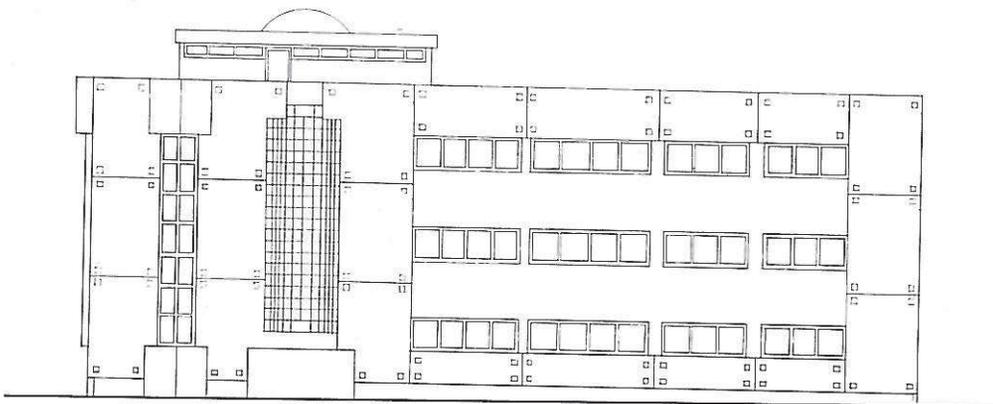
A composição, assenta numa geometria rigorosa, decompondo-se essencialmente num cenário praticado por uma fachada aposta ao grande volume edificado através de pórticos chumbados, acentuando deste modo, a estruturação tripartida do projecto. A demarcação dos acessos através de grandes rasgos no desenho das fachadas, a projecção dos ductos para o exterior e o embasamento e entablamento como fechos do edificado, amarras propositadamente pesadas, são os elementos dominantes deste argumento em que as cores e as texturas matizadas pela luz delineiam o enredo de um filme vivido por alguns e visionado por outros tantos.



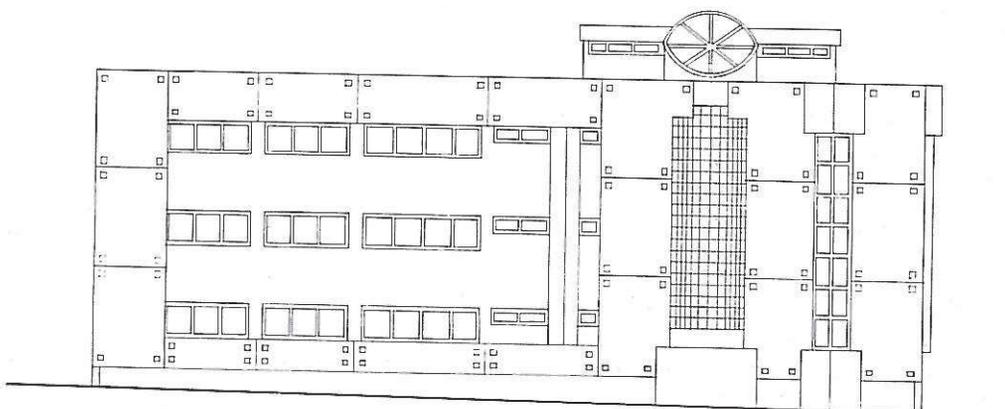
ALÇADO PRINCIPAL



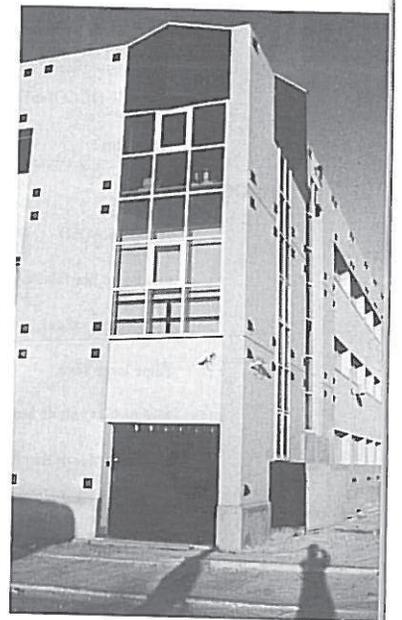
ALÇADO TARDOZ



ALÇADO LATERAL DIREITO



ALÇADO LATERAL ESQUERDO



# PROJECTO ESPANHA - URBANIZAÇÃO E BLOCO 1A - 1B

José Miguel Fonseca

## URBANIZAÇÃO

### COLABORAÇÃO

José Pedro Martins Barata

Carla C. Carvalho

Helder Tiago

### DADOS NUMÉRICOS:

ÁREA TOTAL DO TERRENO

17.836m<sup>2</sup>

ÁREA DE INTERVENÇÃO

33.500m<sup>2</sup>

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO DA CONSTRUÇÃO

13.126m<sup>2</sup>

ÁREA DE CEDÊNCIAS

2.832m<sup>2</sup>

ÁREA ADQUIRIDA/COMPLEMENTO DE LOTES

2.139m<sup>2</sup>

ÁREA DE CONSTRUÇÃO

58.714m<sup>2</sup>

VOLUME DE CONSTRUÇÃO

176.142m<sup>2</sup>

## BLOCOS 1A - 1B

### COLABORAÇÃO

José Pedro Martins Barata

Carla C. Carvalho

Filipe Jorge Silva

José Pedro Croft de Moura

Bernardo Morais Sarmiento

### PROJECTOS COMPLEMENTARES:

#### ESTRUTURA

António Fonseca

#### ÁGUAS E ESGOTOS

Fernando Guterres

#### ELECTRICIDADE, SEGURANÇA, AVAC,

#### GESTÃO INTEGRADA

Nelson Cruz

João Caxaria

Pedro Pardal Monteiro

### ÁREA DE CONSTRUÇÃO:

#### ÁREA BRUTA

27.185m<sup>2</sup>

#### ÁREA DE ESCRITÓRIOS

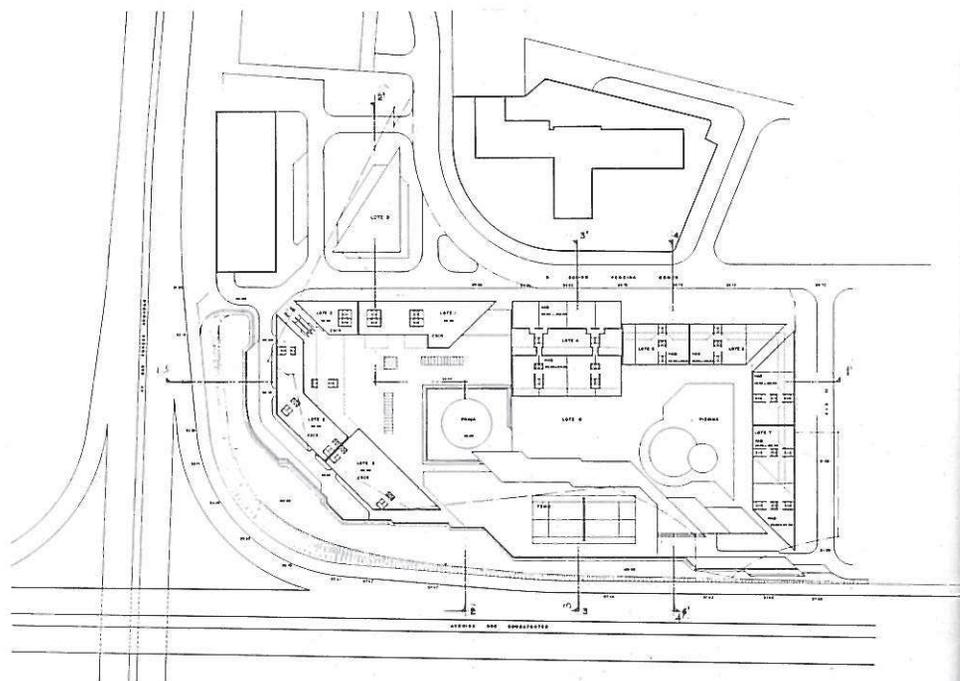
12.664m<sup>2</sup>

#### ÁREA BOLSA DE VALORES

4.301m<sup>2</sup> (actual)

#### ÁREA DE PARQUEAMENTO

10.820m<sup>2</sup>



## PROJECTO DE URBANIZAÇÃO

Localizado no novo centro financeiro de Lisboa à Praça de Espanha, este projecto constitui-se em licenciamento de loteamento (estudo de urbanização) tendo sido executado e aprovado em 1989. O estudo contém nove lotes de escritórios, habitações de luxo, espaços comerciais e de lazer (piscinas, court de ténis, jardins) sendo servido ainda por um heliporto.

Foi prevista a sua execução por fases e ao longo de 6 anos. A volumetria e implantação dos edifícios pressupõe em si um desenvolvimento de uma concepção arquitectónica que permita ser o conjunto entendido como um todo. Os edifícios de ocupação terciária apresentam-se com um carácter linear e simples, contrastando com o tratamento volumétrico mais movimentado dos edifícios de habitação. A opção de criar um talude de terra ajardinado, ao longo do terreno e na parte em que este margina a Av. dos Combatentes e Av. das Forças Armadas, para além da protecção ao ruído, transforma o espaço interior, livre de construção, num espaço protegido de característica ambiental própria.

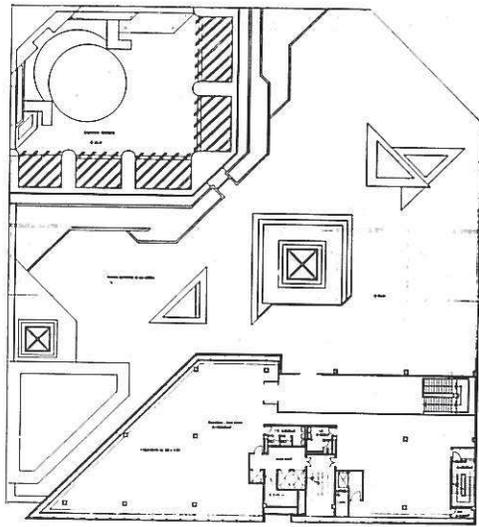
## BLOCOS 1A - 1B

O edifício é destinado a escritórios no seu corpo elevado e destina-se a ser comercializado em *open-space*; este corpo, assim, acusa essa concepção através de uma perfeita linearidade da sua arquitectura, procurando-se que se apresente como um grande cristal, rigorosamente facetado.

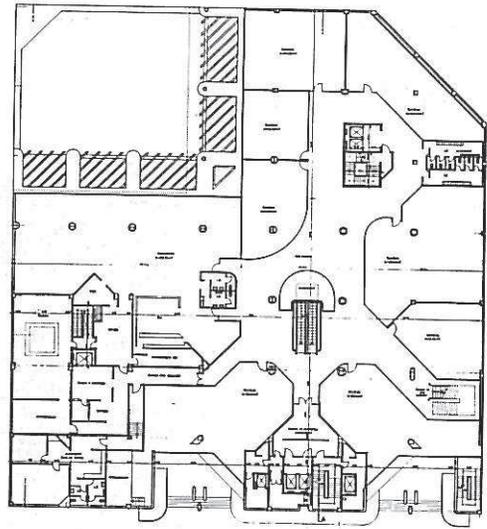
Nos seus corpos baixos, para além do estacionamento nos níveis inferiores, cria-se um espaço que, inicialmente destinado a lojas, foi reformulado de modo a receber as novas instalações da Bolsa de Valores de Lisboa. Esse espaço é acessível a partir do átrio do edifício e dos espaços ajardinados da parte predominantemente residencial; funcionará assim como espaço de encontro e animação do conjunto.

Estes terraços e coberturas das zonas de lojas e restaurantes (agora substituídos pela nova Bolsa de Valores) são acessíveis e praticáveis, com presença de massas vegetais arbustivas e florais em "tableiros" de cultura, cuja função é não só a de dar amenidade às esplanadas e espaços de lazer ali criados, mas também melhorar o comportamento térmico da cobertura em terraço lajeado.

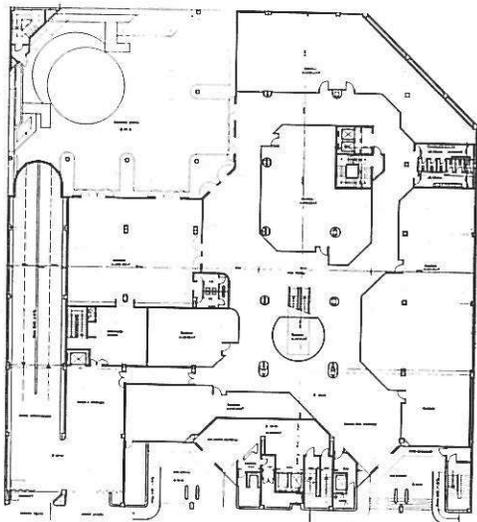
As águas pluviais recolhidas nos terraços serão ulteriormente recuperadas em cisternas a criar na zona sul do conjunto, para serem recirculadas na área das peças ajardinadas das coberturas. Este projecto de arquitectura foi aprovado pela Câmara Municipal de Lisboa.



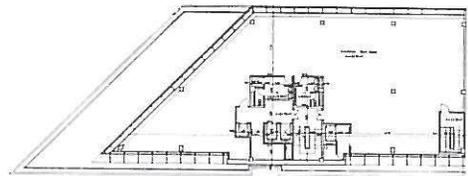
TERRAÇO DE USO PÚBLICO



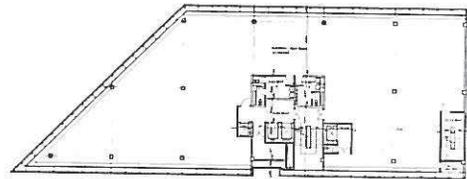
CENTRO COMERCIAL  
1.º PISO



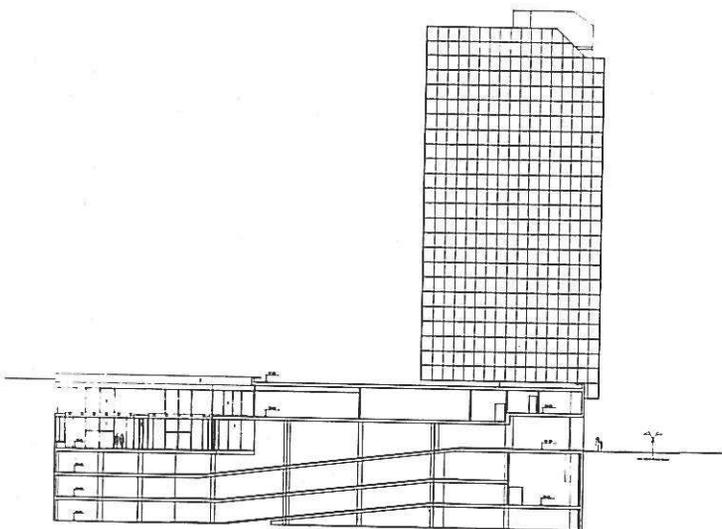
CENTRO COMERCIAL  
PISO TERREO



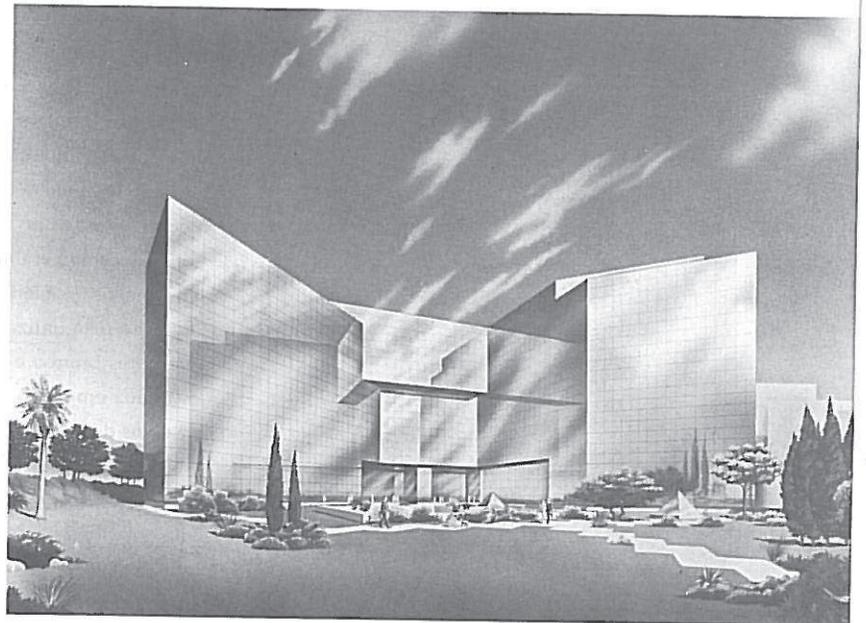
PLANTA DO ÚLTIMO PISO



PLANTA DO PISO-TIPO



CORTE



## EDIFÍCIO NA R. SOEIRO PEREIRA GOMES - PROJECTO ESPANHA BLOCO 1A-1B

José Soalheiro  
Teresa Castro  
Ana Paula Calheiros

### COLABORAÇÃO

Emanuel Ferreira

### ESTABILIDADE

A2P Consult

J. Appleton

António Costa

### INST. ELÉCTRICAS

Domótica

Carlos Alegria

Santos Joaquim

### INST. MECÂNICAS

Cavaca Marcos

### INST. ÁGUAS E ESGOTOS

Domótica

Carlos Braga

### INST. SEGURANÇA

Domótica

António Gamboa

### GESTÃO CENTRALIZADA

Domótica

Carlos Alegria

### FISCALIZAÇÃO

Gabarito

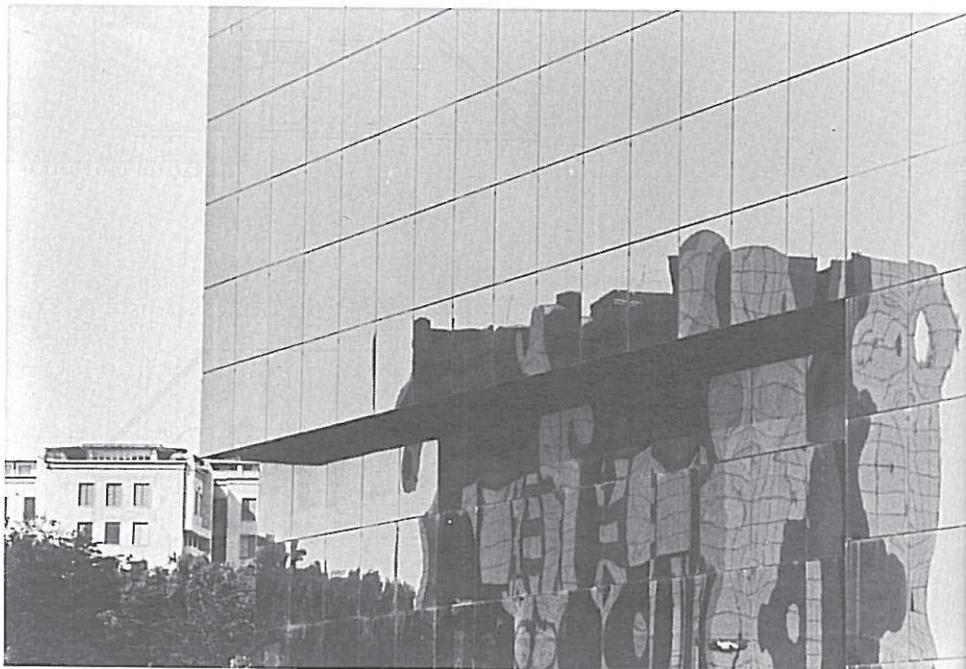
António Vilhena

Paulo Sousa

Euclides Leão

### EMPREITEIRO GERAL

Engil



As condições de encomenda dos projectos de arquitectura são muito variáveis e baseadas sobremaneira em pressupostos económicos e burocráticos que pouco valorizam a qualidade arquitectónica. A opção ideal em que um arquitecto é contratado para, liderando uma equipa técnica de sua inteira confiança, desenvolver um projecto desde os primeiros passos, sobre uma base programática e um tecto de custos definidos, num tempo aceitável, sem interferência de zelosos funcionários municipais, é cada vez mais longínqua.

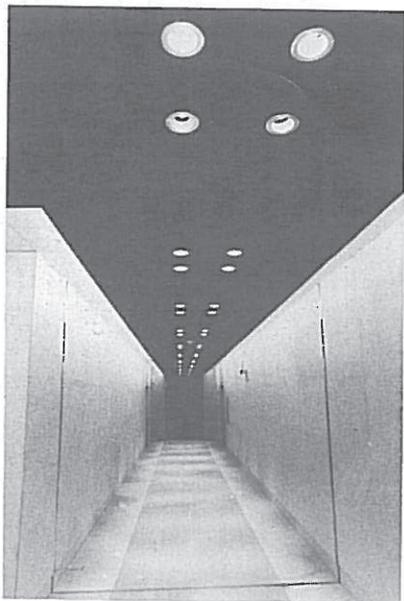
Este projecto foi o paradigma: O trabalho, um dos lotes de um conjunto, foi-nos entregue já com o projecto aprovado; Os serviços técnicos da C.M.L. (cujos elementos, a verdade se diga, foram sempre correctos) inviabilizaram a modificação profunda da localização e formalização do pátio central e das fachadas sob pena da perda dos direitos adquiridos; O programa foi evoluindo no decorrer do projecto por imperativos comerciais; A opção geral de acabamentos das fracções foi previamente definida num caderno de encargos integrado no dossier de promoção; Por fim, a Bolsa de Valores de Lisboa, um dos principais detentores do edifício (6000m<sup>2</sup>), encomendou o projecto do respectivo espaço a uma terceira equipa projectista, a Intergaup.

O que permaneceu foi um invólucro, dentro do qual nada restou do projecto inicial.

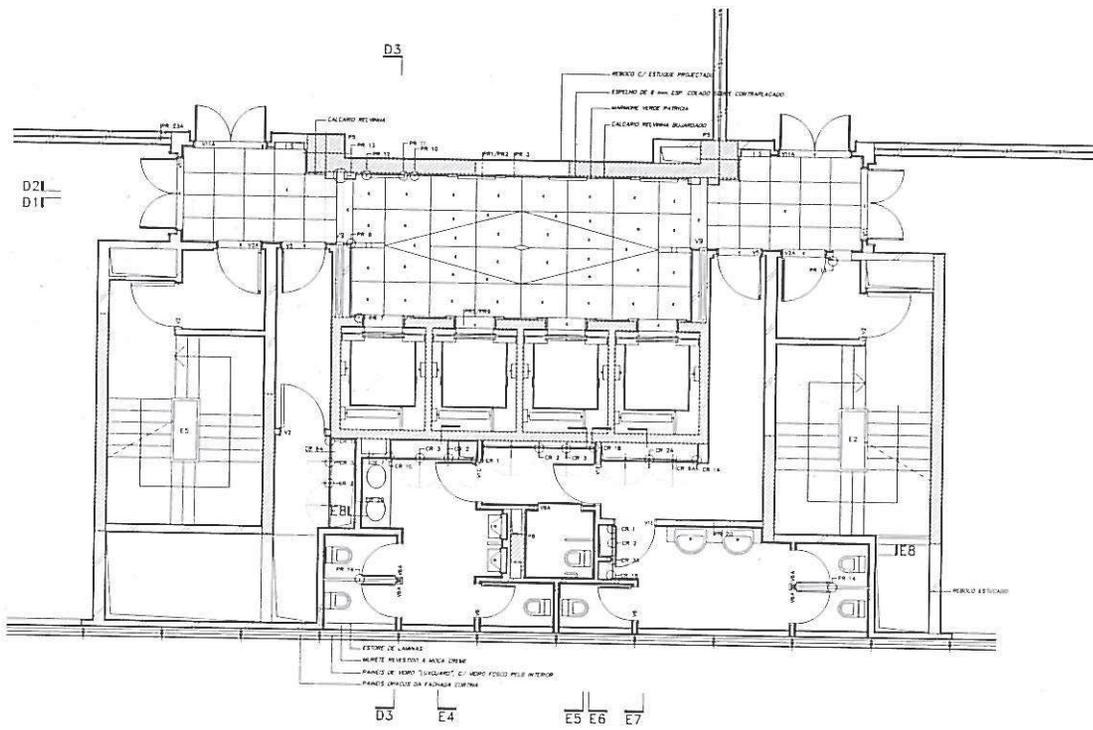
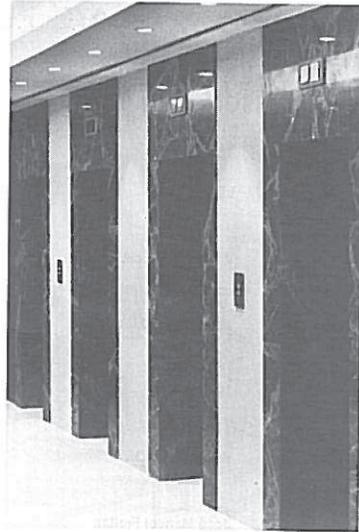
Apesar da manutenção da fachada de vidro reflectante, esta sofreu uma modificação da modulação dos vidros que anteriormente eram rectangulares ao alto e passaram a ser quadrangulares. O desenho e a situação das entradas que anteriormente formavam um diedro de 45 graus com o plano da rua foi também alterado.

Num edifício deste tipo, em que as fracções ficam em "open space" e nos é interdita uma intervenção sobre a forma geral do edifício e a sua epiderme, são os núcleos de comunicações verticais e serviços anexos, os elementos mais trabalhados, polarizadores da sua caracterização arquitectónica. Optou-se pela utilização das texturas e cores dos materiais no estado natural: calcário bujardado, mármore branco e verde patricia, raízes de mogno e noqueira e tectos falsos criando vários planos de luz em gesso cartonado branco ou madeira. O desenho ortogonal, assenta num referencial de eixos de simetria.

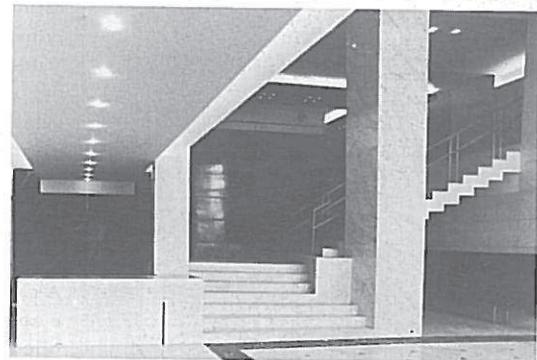
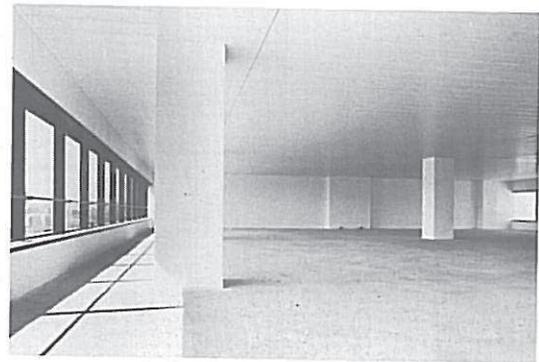
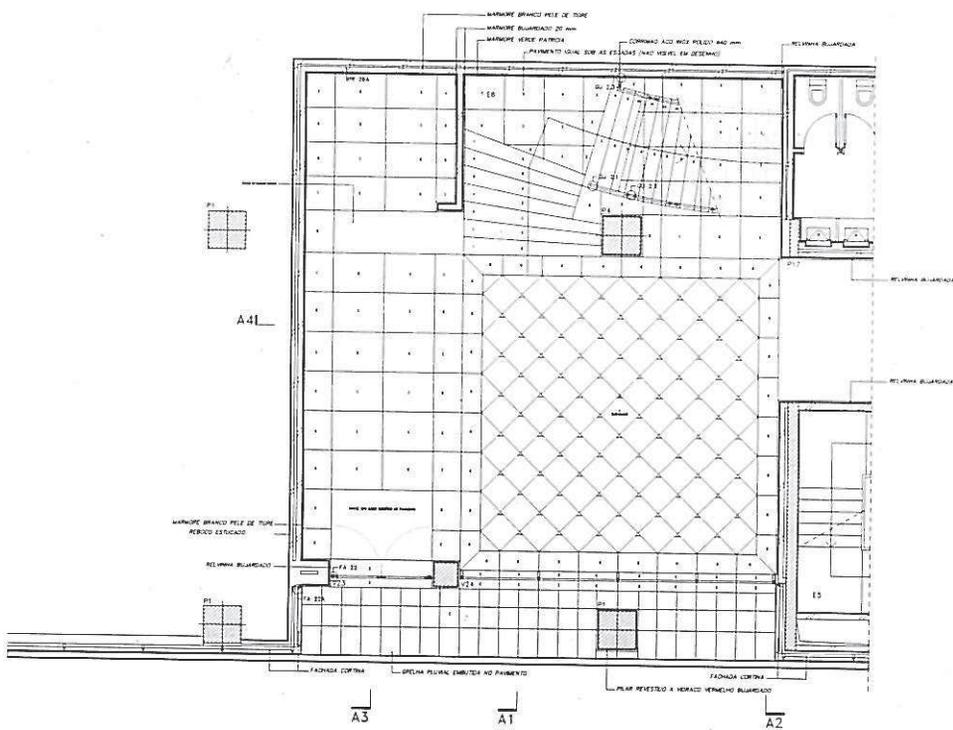
A definição do processo construtivo foi criteriosa. A gestão central informatizada de acessos, energia e climatização exigiu um delicado trabalho de compatibilização. A fachada cortina foi especialmente desenhada para este edifício em colaboração com os serviços técnicos alemães da Shüco. O empreiteiro geral, a Engil, fez um trabalho notável em termos de rigor e qualidade de acabamentos, a que infelizmente estamos pouco habituados.



ÁTRIO DE COMUNICAÇÕES  
VERTICAIS E SERVIÇOS COMUNS



ÁTRIO DE ENTRADA



## "CASA VERA"

Francisco Nolasco

LOCAL

Vila Verde - Seia

ANO DO PROJECTO

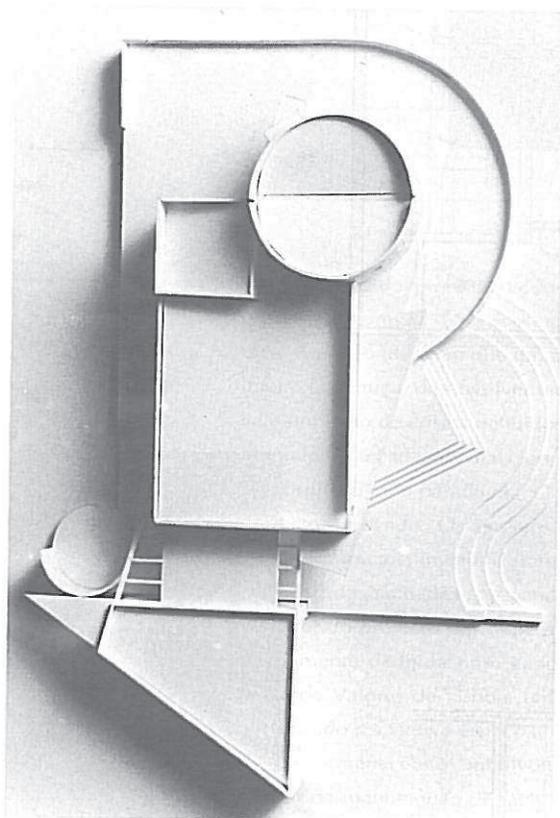
1990

ESTABILIDADE

José Manuel Freitas

CONSTRUTOR

Pires Pinheiro

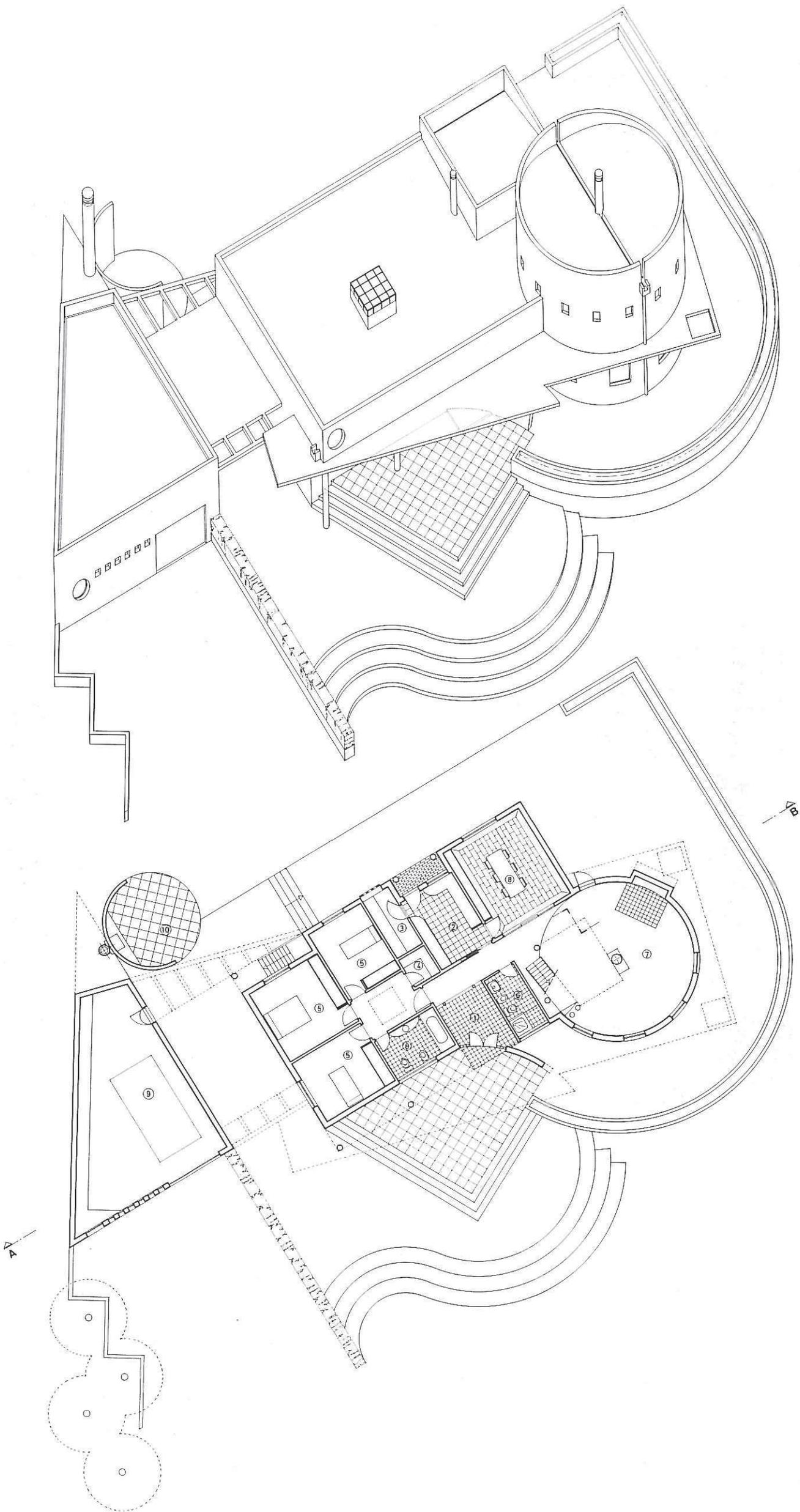


assim por tais circunstâncias o arquitecto teve a oportunidade de ver concebida e realizada a sua primeira obra.

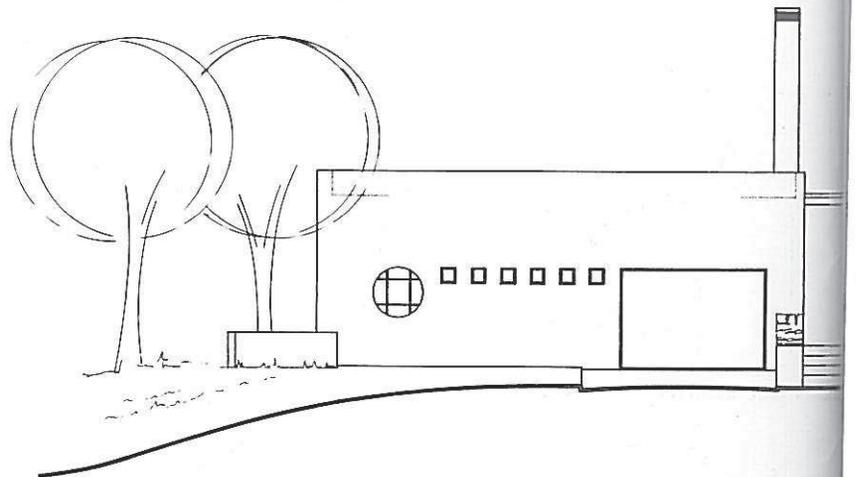
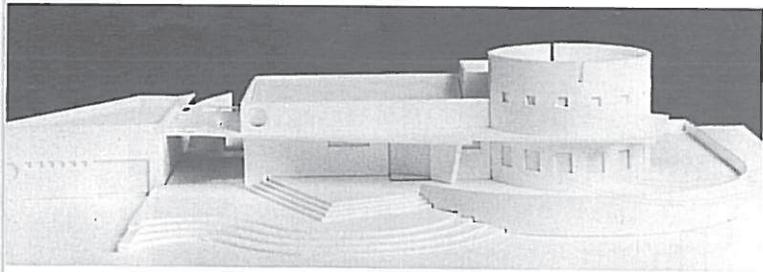
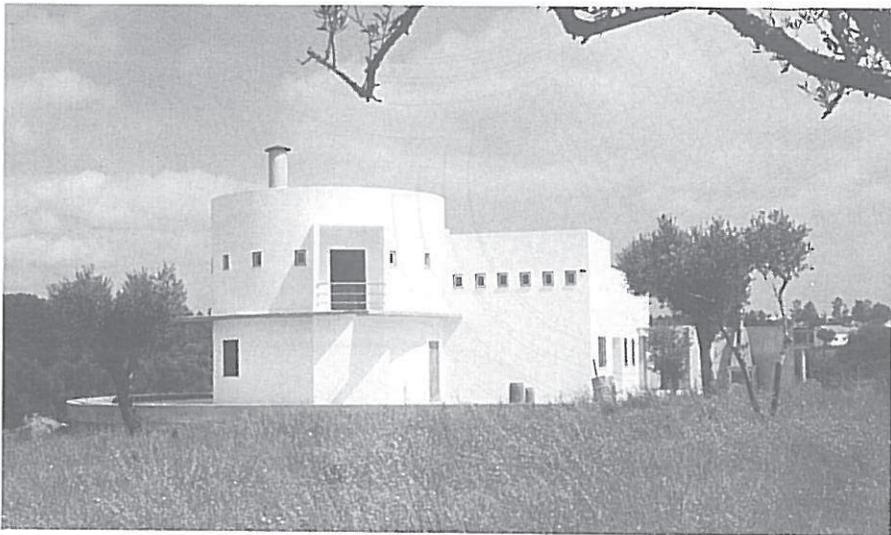
"Tudo começou num sonho que depois se fez vontade... vontade de ter uma casa na planura verde, onde a existência do rochedo e das ervas soltas e à deriva lhe quebrasse a monotonia, lhe aviasse as irregularidades e num somatório destes fragmentos múltiplos, semeados pela paisagem me fossem acalentando a paixão pelo sítio..." Este texto do arquitecto, incluído no painel referente a este projecto na 3ª Exposição Nacional de Arquitectura, explica em parte o projecto. Uma peça de arquitectura dominada por um subtil e inteligente jogo de volumes brancos que se demarcam da paisagem envolvente, criando uma interessante relação horizontalidade/verticalidade, onde porém a primeira domina devido à harmonia plana do sítio.

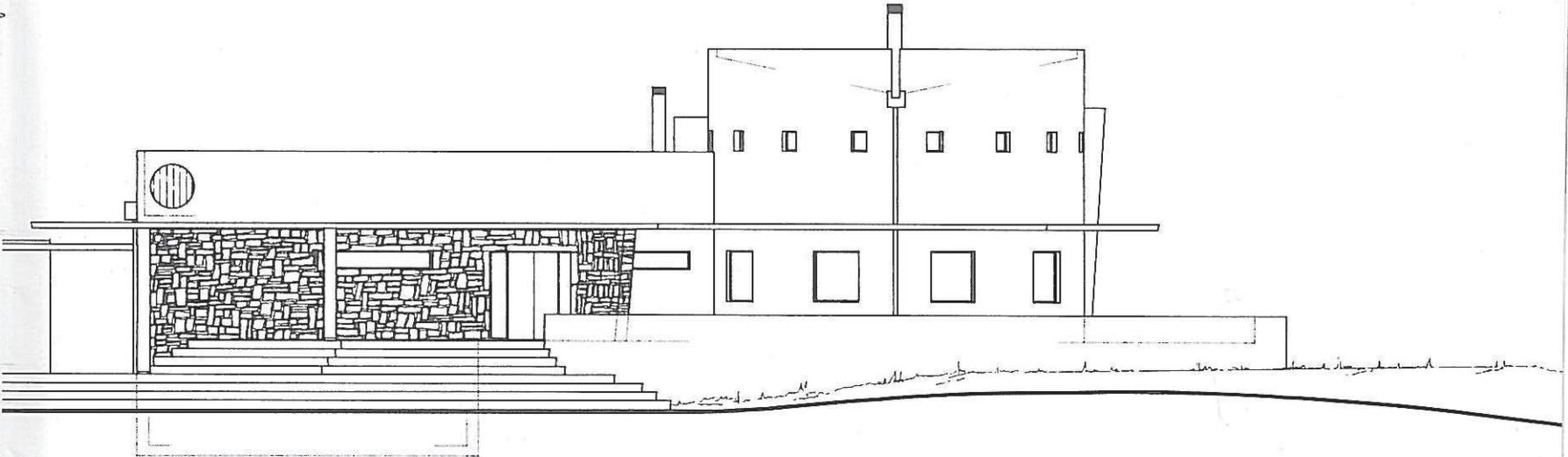
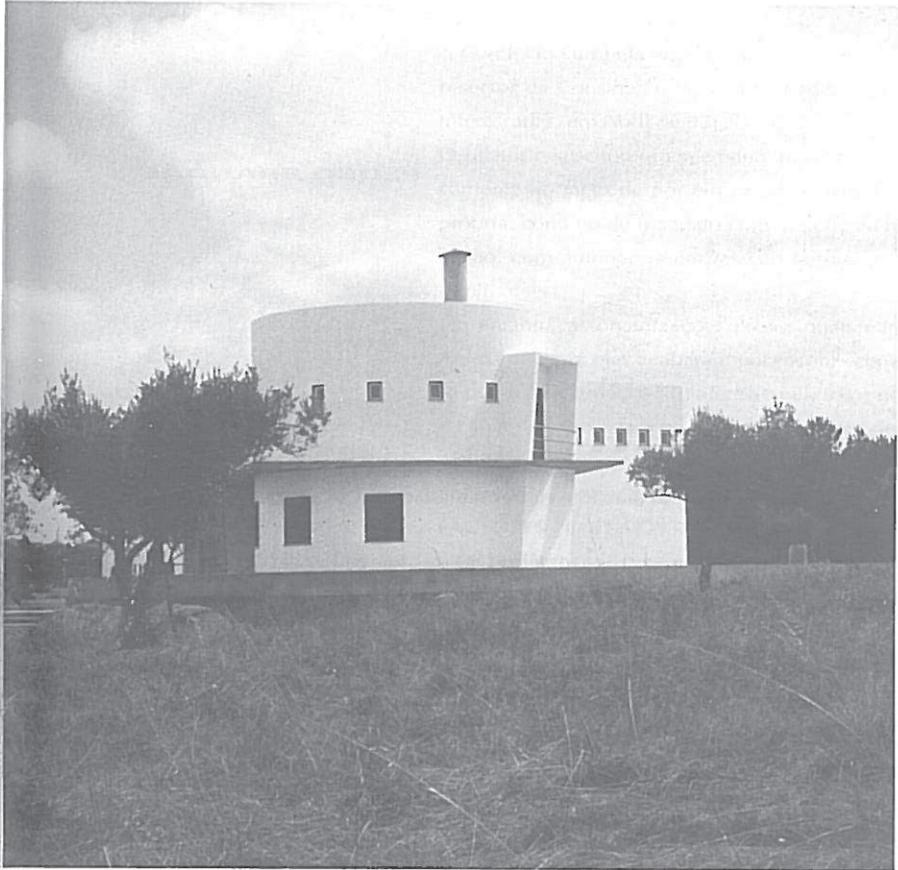
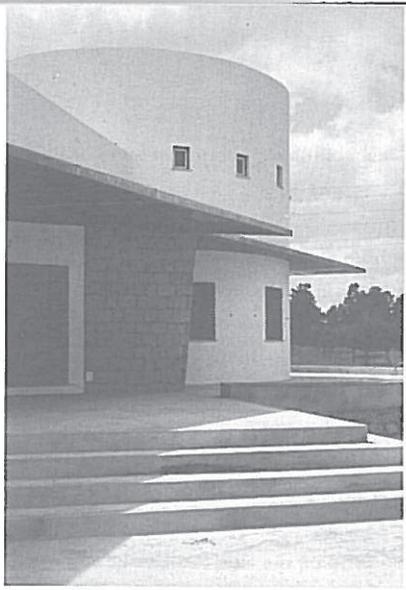
A casa do ponto de vista da tipologia apresenta-se como um T3 de piso térreo, em que os quartos e zonas de estar têm uma orientação mais conveniente para nascente, gozando a sala de estar de orientação nascente a poente. A garagem, em volume separado constitui em conjunto com a churrasqueira, corpos escultóricos demarcantes na paisagem sendo amarrados ao volume da moradia por uma interessante solução em pérgula, prolongando-se e envolvendo aquela, criando de um modo transfigurado o alpendre tradicional.

*Já é um projecto antigo do JA, este de apresentar obras pouco ou nada conhecidas que se vão produzindo e das quais chegam até nós informações. O JA procurou institucionalizar o processo, mas não o conseguiu. Parece ter havido inibição. Agora a rubrica aparecerá conforme houver material e ele não couber nos temas centrais previstos. Vejamos se esta informalidade garante continuidade.*



1 HALL DE ENTRADA 2 COZINHA 3 LAVANDARIA 4 GUARDA ROUPA 5 QUARTO 6 I. SANITÁRIAS 7 SALA ESTAR 8 SALA JANTAR 9 GARAGEM 10 CHURRASQUEIRA





## POR UMA ESTRATÉGIA DE AMPLIAÇÃO E INTERACÇÃO PARA A ARQUITECTURA, COMO PROFISSÃO

PEDRO BRANDÃO

**Ao querermos delinear uma estratégia que amplie o âmbito da nossa actuação e responsabilidade social pergunta-mo-nos: Onde começa e onde acaba a profissão de arquitecto?**

Eis uma questão que está colocada quando formulamos simples perguntas como:

- Em que medida é que os arquitectos constituem um corpo coeso?
- Como representam para si próprios a especificidade da sua função?
- Qual o papel desempenhado por aquelas representações na "opção vocacional" (i.e. a escolha da profissão) e na formação (i.e. como é que a "cultura da profissão" é transmitida aos novos profissionais)?
- Existe uma história da profissão com valor simbólico e existe um projecto profissional em que os arquitectos se revejam?
- A imagem que os arquitectos fazem da sua profissão inclui a noção de "serviço" e as outras pessoas são encaradas como as beneficiárias desse serviço?

Nestas questões está obviamente implícita a ideia de que a identidade profissional tem forte base na imagem que, como profissionais temos de nós próprios. Mas a identidade profissional reforça-se quando procuramos estabelecer acordos entre a imagem que temos da nossa profissão, as funções que efectivamente somos chamados a desempenhar e as condições que na sociedade se estabelecem para a nossa acção. A isto chamamos o Estatuto Profissional.

A formação profissional, as formas de inserção na actividade profissional, as formas de responsabilização legal e contractual, os conceitos e valores éticos, são elementos determinantes para o reconhecimento temporal da profissão. Isto é, aquilo que num dado momento "faz" uma profissão com passado (referências, memória, imaginário) com presente (prática, acção, posição) e com futuro (aspirações, projecto, utopia) determina grande parte dos limites de um Estatuto Profissional.

A profissão não é um estado de repouso, mas um estado de movimento e transformação. Sempre alguma coisa nasce e alguma coisa morre na profissão. Numa "época de encruzilhada", parece-nos produtivo encarar os fenómenos da profissão não apenas nas suas relações e interdependências, mas também no seu movimento. Assim os factores de mudança são um instrumento fundamental do pensamento prospectivo e estratégico da profissão.

Por exemplo, são factores de mudança a competição com outras profissões, com outras organizações, com os centros normativos internacionais, as transformações nas forças e nas relações de produção, a tecnologia, as instituições e grupos com interesses específicos como por exemplo as universidades, as autarquias ou os movimentos ambientalistas, a mudança nos valores e interesses da população, as mudanças nas condições económicas da actividade, ou no perfil ou número dos membros da profissão, a exposição a novas ideias ou comportamentos culturais. São factores de mudança que actuam sobre os equilíbrios estabelecidos na profissão, e como tal são instrumentos fundamentais para a procura da configuração desejável e possível do Estatuto da Profissão.

O que nos interessa não é portanto o que parece estável (como são todos os paradigmas a respeito da identidade profissional do arquitecto, de Vitruvio até ao Movimento Moderno), mas o momento crítico da mudança, da passa-

gem para um novo equilíbrio, momento que é determinante para a decisão entre as várias "possibilidades" de caracterização do período seguinte.

**Penso que a próxima Revisão Estatutária da AAP se inicia num desses momentos.**

Uma questão que o evidencia fortemente é a questão da diversificação dos perfis de formação, dos modos de exercício e das áreas de actuação profissional do arquitecto, justificando uma estratégia ofensiva da profissão que procure ampliar o seu "território" para lá daquele que é referido no actual Estatuto como o dos actos próprios da profissão: a concepção dos edifícios. Na minha opinião aquela ampliação deve procurar privilegiar dois sentidos principais:

- por um lado no sentido dos temas e actividades ligadas ao Ambiente, ao Ordenamento do Território, ao Urbanismo, à gestão do espaço urbano.
- por outro lado no sentido dos temas e actividades ligadas à técnica construtiva, à reabilitação, à conservação energética, à direcção e gestão global da qualidade da construção.

Em ambos os casos está envolvida uma dinâmica pluridisciplinar e responsabilizadora, pois em ambos os casos está envolvida uma responsabilidade de natureza pública e social do arquitecto pelo quadro espacial da vida humana. É essa responsabilidade que determina o interesse público da Arquitectura como disciplina que não se esgota numa relação mercantil e de consumo.

Assim, aquela ampliação pode mesmo ter o preço da diversificação dos perfis profissionais - vulgo especializações mas implicará, como condição, um reforço da identidade profissional e não a sua diluição.

## O RELATÓRIO ATKINS

A Comissão Europeia encomendou ao grupo internacional de consultores W.S. Atkins um relatório prospectivo sobre o sector da Construção na Comunidade, cuja versão provisória foi posta ao dispor das organizações das profissões interessadas, em Abril de 93.

O relatório suscitou um veemente movimento de reacção da parte das organizações dos arquitectos, centrado basicamente no facto de pôr em causa os paradigmas da figura do profissional liberal tradicional: exercício por conta própria; contrato de mandato com um cliente não profissional; acção exclusivamente no âmbito do projecto de edificação, com autonomia em relação ao promotor e ao construtor; concorrência interna contrariada; protecção do público.

No entanto, as organizações profissionais europeias acabaram por aceitar uma boa parte da lógica do relatório. Acima de tudo, elas acabaram por reconhecer a existência de um vazio nas suas preocupações defensivas. Ficou claro que a proclamação do interesse público e do carácter qualitativo e cultural da Arquitectura exige não uma incrustação no passado de protecção e isolamento defensivo, mas sim uma acção de abertura e ofensiva.

Apresentam-se os principais tópicos do relatório (síntese e sublinhados da responsabilidade do autor) baseando-nos no capítulo dedicado às profissões de arquitecto, engenheiro e economista da construção.

### FACTORES POSITIVOS DA PROCURA:

- Os projectos tornam-se mais complexos, requerendo maiores contributos na concepção e na gestão;
- Os clientes exigem maior/melhor controle de custos e tempo.

### FACTORES NEGATIVOS DA PROCURA:

- O CAD e as bases de dados, os produtos standardizados e a tipificação dos pormenores de construção, a pré-fabricação, a realização sistematizada de edifícios standard, diminuem a especificidade da concepção.

### ALTERAÇÕES AO DESEMPENHO PROFISSIONAL:

- As profissões devem adaptar os seus serviços e formas de trabalho/emprego às mudanças do sector. **Diferentes clientes terão diferentes necessidades;**
- **As profissões não poderão continuar a pensar no exercício liberal/independente como o único "próprio" e a considerar as outras possibilidades de carreira como inferiores:** prevê-se que muitos arquitectos e engenheiros se empreguem como assalariados de empresas de construção e pré-fabricação e também para servir no inter-face entre o cliente e o construtor, encarregando-se de marketing, vendas, disposições contratuais, programas, preparação de projectos a partir de modelos standard. Outros serão empregues por autoridades competentes do Licenciamento e Planeamento, companhias de consultoria e empresas de projecto multidisciplinares, seguradoras;
- **Atitudes de demarcação entre o criador "intelectual" e o executor técnico-profissional tenderão a desaparecer.**

### REFLEXOS NA ORGANIZAÇÃO DA PROFISSÃO

- Gabinetes de maior dimensão, menos envolvidos no trabalho de desenho/concepção e prestando **mais serviços de apoio aos seus clientes;**
- Especialização sectorial dos gabinetes.

### FACTORES DE ESTÍMULO ÀS MUDANÇAS NAS PROFISSÕES

- **Clientes mais experientes e informados**
- Maior complexidade dos empreendimentos e programas;
- Menor atractividade do exercício por conta própria atendendo aos riscos da responsabilidade, custos sociais e dificuldades da gestão;
- Maior complexidade dos normativos;
- Inovação tecnológica, nomeadamente da informação no projecto, gestão e construção.

### FACTORES TECNOLÓGICOS:

- Impacto do CAD e das bases de dados, reduzindo o input do Design. Necessidade de desenvolvimento de soluções e detalhes standard;
- Necessidade das diferentes disciplinas/intervenientes trabalharem num ambiente informático comum;
- Detalhe da construção decidido à medida que esta progride em articulação com os subempreiteiros e fornecedores e não à partida;

- Necessidade de técnicas de Certificação de Qualidade;
- Mudanças na tecnologia de construção com maior responsabilidade dos fornecedores e construtores especializados na especificação;
- **O actor no centro do processo de concepção e controle passará a ser o gestor de informação.**

#### PONTOS FORTES DAS PROFISSÕES

- **Capital humano:** treino, visão global, flexibilidade, originalidade,
- Conhecimento e **ligação aos mercados** específicos.

#### PONTOS FRACOS DAS PROFISSÕES

- **Dimensão** inadequada dos gabinetes;
- **Imagem** fraca;
- Deficiente treino e performance na **gestão**;
- Utilização deficiente das novas **tecnologias**;
- Falta de **especialização**;
- Entrada facilitada no mercado de **agentes não qualificados**.

#### AMEAÇAS

- Aquisição de gabinetes de projecto por grupos económicos;
- Competição transfronteiras, dentro e fora da CE, de gabinetes bem apetrechados e de baixos custos de produção;
- **Desregulação dos honorários e códigos deontológicos e predominância das preocupações comerciais**,
- Corrupção e burocratização dos serviços públicos;

#### RESTRICÇÕES DAS POLÍTICAS ACTUAIS

- **Proteccionismo** às profissões;
- Perturbação da concorrência pela existência de serviços públicos de consultadoria e projecto de propriedade estatal, ou municipal, ou de empresas públicas e ainda de departamentos estatais, com serviços de projecto internos.

#### IMPACTO DO MERCADO ÚNICO

- Homologação de produtos e sistemas com impacto na necessidade de informação e actualização permanente de dados (Directiva Produtos);
- Maiores oportunidades para projectos de **concepção-construção** (Directiva Trabalhos);
- Estímulo à criação de grupos inter-europeus para concorrer a encomendas públicas (Directiva Serviços);
- Novos serviços relacionados com a segurança e sanidade dos estaleiros (Directiva Estaleiros);
- Privatização ou descentralização de serviços públicos de projecto e abolição de áreas de monopólio, criando novos mercados para a prestação de serviços;
- Trabalho crescente em inquéritos públicos, estudos de impacto, peritagem e arbitragem de conflitos.

#### ESTRATÉGIA

- As profissões devem adaptar-se: **o modelo de consultor independente e empreiteiro subserviente já não se aplica**;
- Devem ser consideradas todas as formas de cooperação como redes, joint-ventures, geminações, aquisições. Por exemplo as joint-ventures com construtores,
- Os pequenos gabinetes de projecto devem especializar-se, ao passo que as maiores devem diversificar a sua actividade com prestações multidisciplinares,
- O marketing deve fazer parte das estratégias dos gabinetes,
- As Instituições devem colaborar para criar bases de dados com informação sobre códigos, standards, directivas. As organizações da profissão devem expandir o seu campo de acção,
- É necessário alterar as prioridades da formação, valorizando os temas técnicos e de gestão, favorecendo a flexibilidade e o trabalho interdisciplinar,
- A formação profissional contínua deve ser sistemática,
- Os sistemas CAD devem ser Standardizados numa base europeia,
- As condições de adjudicação devem ser simplificadas e os regulamentos reduzidos.

### DA REACÇÃO DEFENSIVA À NECESSIDADE DE ACÇÃO INTERACTIVA

Ao calor das primeiras reacções das organizações profissionais ao relatório Atkins sucedeu-se um conjunto de posições mais abertas, nomeadamente depois de representantes do próprio CAE terem sido convidados a participar em debates e a dar contributos para a versão final do relatório. Francis Duffy, presidente do RIBA e do CAE (em 94), chegou a afirmar estar fascinado com a parte analítica do relatório e que os arquitectos não tinham que dele temer, considerando que o relatório até podia ajudar na campanha em defesa do Registo e protecção do título, primeira preocupação do RIBA à data.

O relatório Atkins proporciona a possibilidade de uma reflexão estratégica sobre o futuro da profissão na Europa. A linha estratégica a que chamarei interactiva, centra a crítica no facto de ele propor uma estratégia economicista para o sector da Construção, tomado como um fim em si, antes de ser interrogado o "porquê", o "para quem" e o "com quem" da produção do sector. Isto é, critica-se que o sector seja visto apenas como um mercado e não como um sistema de produção do quadro de vida na Europa.

Assim, contesta-se a utilização do conceito de "produto", como coisa em si, tratando-se de edificação. Contrapõe-se a consideração da edificação como uma síntese de vários "produtos" (imobiliário, social, cultural). A variedade da procura, das escalas de produção e dos "produtos" envolvidos na edificação, inviabiliza uma estratégia parcelar, que condicione todos os actores e todos os consumidores ao interesse de parte deles. A Arquitectura não é um simples bem de consumo antes implica uma responsabilidade de natureza pública e social dos profissionais, não só perante as entidades contratantes, não só perante os utentes directos, mas perante toda a sociedade, presente e futura, que com ela conviverá.

## ACEITAR O QUE É VERDADEIRO E REJEITAR O QUE É MISTIFICADOR

Algumas constatações do Relatório Atkins têm de ser aceites pois a realidade já as comprovou, como por exemplo:

- As demarcações entre profissões e entre actividades são menos relevantes;
- A integração de arquitectos em empresas e gabinetes pluridisciplinares em regimes de assalariamento é crescente;
- Os vínculos de profissionais e de gabinetes a construtores e promotores são crescentes;
- A percentagem de arquitectos em regime por conta própria é decrescente;
- As formas de trabalho em que parte significativa da concepção é feita em ligação com a fase de execução, são crescentes;
- O controle da execução exige já não apenas o arquitecto mas também outros personagens e instituições especializadas;
- Há um défice de formação do arquitecto para que ele possa desempenhar eficazmente um papel central nos problemas da Construção.

Mas simultaneamente há que constatar algumas zonas de perigosa mistificação que o simplismo do relatório Atkins acarreta:

- 1) As missões profissionais do arquitecto têm de ser reavaliadas como resultado das novas relações inter-profissionais, do desenvolvimento tecnológico, do maior esclarecimento dos clientes e consumidores e da complexidade do processo edificatório. Mas há que não ter dúvidas de que não teria vantagem social a redução do papel do arquitecto ao de um simples "designer de embalagens construídas", diluído num processo conduzido por uma mistura de ópticas artísticas e comerciais.
- 2) Como o próprio relatório reconhece "as mudanças não devem sacrificar a qualidade, a concepção imparcial e a protecção do cliente/consumidor, que advém do recurso aos arquitectos e outros consultores independentes". Uma nova leitura do conceito de "independência" é a condição imprescindível para a não diluição do papel do arquitecto. A noção de que a concepção independente só é necessária na fase inicial do projecto empurra o arquitecto para a função de mero agente de interface com as autoridades licenciadoras, o que é particularmente perigoso para a qualidade arquitectónica.
- 3) A generalização da concepção/construção, dos sistemas de chave-na-mão, da promoção global de empreendimentos, não tem em conta as diferentes escalas de intervenção, segmentos de mercado e níveis de esclarecimento dos promotores-clientes e dos compradores-utentes. O interesse nestes procedimentos é muitas vezes fictício e instigado por "lobbies" ligados às grandes firmas de consultoria e construção. Por isso é importante a regulação das condições em que se podem processar e do relacionamento entre os intervenientes neles envolvidos.

## UM ESBOÇO PROSPECTIVO

A independência de julgamento do arquitecto, integrado numa relação interactiva, seja em que regime de exercício profissional for, é responsabilizadora e deve-lhe ser dada nova significação, no contexto da evolução das actividades da Construção.

Leia-se um comentário ao relatório Atkins elaborado por um grupo de peritos do CAE:

*"... deve haver um rearranjo e um alargamento das funções na profissão de arquitecto, que não pode manter-se em baías antiquadas impostas às profissões liberais e que são resultado de uma má interpretação da incompatibilidade entre o arquitecto e o construtor (...). Ao mesmo tempo a igualdade entre os parceiros deve ser aceite, o que implica, como reconhece o relatório Atkins, um melhor treino - e o registo/qualificação - de todas as partes envolvidas. A igualdade entre as partes modifica a noção de controle. Como é verdade que o arquitecto já não é obviamente o único a conceber, controlar, aconselhar e guiar o cliente, é justo que cada parte envolvida tenha um estatuto legal reconhecido, baseado na sua verdadeira capacidade profissional (...). Este tipo de interacção poderá modificar o modo em que cada um tem de entender e julgar as consequências dos seus actos".*

O relatório Atkins talvez tenha contribuído decisivamente para a própria organização profissional dos arquitectos na Europa, pois tornou iniludíveis as suas fraquezas doutrinárias. Para uma evolução em direcção a uma maior capacidade ofensiva da profissão, será necessário desde logo:

- Elaborar os princípios de uma política para o quadro de vida, na óptica dos arquitectos, com a qual influenciar as políticas do sector da Construção,
- Divulgar aqueles princípios com convicção procurando aliados em vários sectores da Cultura, da defesa do Ambiente e dos Consumidores,
- Determinar prioridades estratégicas, suscitando iniciativas em novos âmbitos de acção que elevem a percepção social da Arquitectura e da sua identidade autónoma no sector da Construção.
- Assumindo que o modelo de profissionalismo liberal tradicional já não é o único, procurar que nas novas condições e processos de trabalho também seja assegurado o contributo do arquitecto e valorizada a sua identidade, como contributo independente e de matriz cultural.
- As organizações profissionais devem reflectir sobre o modo de implementar a formação contínua, a certificação, uma rede de informação actualizada, como elementos estratégicos da afirmação da profissão.

**Concluindo, é preciso um novo equilíbrio na nossa profissão:**

**das necessidades de regulação com o estímulo das condições em que melhor podemos disputar o mercado; dos conceitos éticos com a Responsabilidade envolvida na garantia de qualidade da prestação de serviço; das necessidades de especialização e profissionalismo com a ampliação dos territórios da profissão.**

A revisão estatutária da AAP será um passo importante, que nos compete dar a nós, arquitectos portugueses, para esse novo equilíbrio. Um Estatuto com maiores atribuições e capacidades, imporá à organização profissional responsabilidades acrescidas! Face à formação, através da separação clara entre título académico e título profissional e do estabelecimento das condições de acesso à prática dos actos próprios da profissão; Face à prática, através da regulação do exercício e das normas de comportamento, harmonizadas de acordo com os princípios comuns dos arquitectos europeus e do enquadramento das novas áreas de actuação profissional.

L'EVEQUE PORTUGUESE COSTUMES  
1814 - EDIÇÕES INAPA  
1993

Esta edição fac-similada, da obra dedicada por um fiel e obediente viajante estrangeiro ao todo poderoso Monseñor António de Araújo de Azevedo, revela a sempre fascinante e especulativa imagem que se faz dos lugares e das pessoas que mal se conhece, que se percorrem superficialmente e que se desejam no mesmo sentido que se toma consciência de que existem num determinado cenário onde decorre a acção quotidiana da sociedade.

A sociedade portuguesa da época, é neste livro retratada por uma série de 50 quadros que enquadram 50 personagens (ou conjunto de personagens), e nesta amostra selectiva regista-se uma curiosa descrição de referência francesa sobre Portugal. E neste processo descritivo regista-se a expressão das personagens, as vestimentas que são a razão de ser de L'Eveque, as características sociais do ambiente urbano, a definição do enquadramento rural e paisagístico, os utensílios domésticos, a demonstração de cada poder e a sua riqueza.

Assim todo este livro é um aparente e estranho exercício de lógica de desmontagem de uma sociedade, através de todas as vertentes que poderão compôr um só quadro ilustrativo. Todos e em cada um dos cenários onde resulta cada costume de vestimenta, subtilmente se arruma o cenário de forma a enquadrar e referenciar a actividade numa sociedade injusta, opressora e desgastante para a generalidade das classes.

Esta é uma obra singular no retrato da sociedade Romântica, urbana mas campesina, nada industrial e muito vinculada aos valores e regras tradicionais.

De importante conhecimento sobre o estatuto das diferentes classes no quadro social, é sobretudo o gosto do colorido das figuras apresentadas, numa edição de inegável riqueza de forma e expressão. Tal como Leslie Winer - Witch, Witch, Witch.

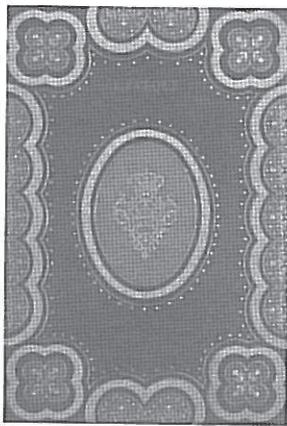
ARQUITECTURA MODERNISTA  
EM PORTUGAL

JOSÉ M. FERNANDES-GRADIVA - 1993

Se é um facto concreto que a Arquitectura é a Arte da medida, pelo simples facto de medir todos os factos conhecidos e reconhecidos da sociedade, é também a arte que mais facilmente se transforma e adapta às exigências físicas, tecnológicas e sociais de cada conjunto de tecido social. A Arquitectura é um barómetro da sociedade e a Arquitectura Modernista contiuuiu a melhor forma de espelhar a longa crise de facetas múltiplas que transitou desde o século XIX, pelo crescimento irregular do tecido industrial, as crises financeiras, as crises morais e patrióticas e se estendeu até meio do século XX.

Ainda que com os habituais desfazamentos temporais em relação aos centros de inovação industrial e social, a Arquitectura Modernista em Portugal iniciou-se também pelos edifícios metálicos, directamente saídos das usinas e destinados prioritariamente às suas actividades; pontes para o caminho-de-ferro, cúpulas e hangares para as indústrias e armazéns. Contudo, o interesse dos arquitectos por este material, facilmente converteu o ferro no elemento prestigiante dos edifícios de significativa conotação social. E esta situação que se prolongou até

LEITURAS



aos anos 20, serviu nos bons exemplos que Portugal ainda tem, para o advento da Arquitectura Modernista, constituindo um esqueleto determinante na arte do risco e domínio das novas técnicas e matérias industriais.

O próximo percurso durará 40 anos e atravessará o período áureo do Estado Novo e da grande transformação da imagem cultural do País. A nova estética, que passou pela generalização das artes decorativas, que estilizava e depurava, antecipando a ascetização do Nacionalismo, com grande vontade de Moderno mas refugiando-se no ecletismo da austeridade da composição e liberdade de desenho de pormenores. Esta arquitectura que assumiu a maior inovação tecnológica da história da arquitectura, constituiu contudo um retrocesso estilístico, fruto do conservadorismo cultural em que o País da Deus Pátria Autoridade está mergulhado, mascarando ironicamente essa inovação e evolução construtiva. A nova Arquitectura de tendências monumentalistas que dá rosto à imagem imperial do Estado Novo, é serena, estável e imutável, preconizando-se por conceitos classizantes, historicistas e regionalistas. Este será o último estádio porque pode passar a Arquitectura Modernista em Portugal, que depois dos anos agitados do início do século e das revoluções sociais e culturais dos anos 20 e que cada um teve uma expressão própria na arquitectura modernista. Esta nova arquitectura dos anos 40 é romântica e de mecenáticos gestos arquitectónicos e urbanísticos, constituindo a última expressão da vontade obstinada de mudar uma sociedade. Depois nada será como dantes. José Manuel Fernandes consegue exprimir e identificar uma vontade de sociedade, que na sua ascensão em 1900 e queda em 1960, mudou a face do País e permanece como uma alma silenciosa da vontade de mudança, antes do descalabro das instituições, do descrédito da moralidade social dos anos 60 e do radicalismo económico que mudou as relações entre todas as sociedades. O ensaio profundamente descritivo, de leitura fundamentada, é profícuamente ilustrado e o necessário e bastante documentado para se tornar numa referência teórica e geográfica da produção Modernista em Portugal. O enquadramento do assunto é estruturado entre motes de matéria e cronologia, pelo que a percepção é imediata e de progressiva assimilação. É ainda de grande

valor a secção destinada à específica análise regional da produção do Modernismo. Livro recomendável para a iniciação ao conhecimento da Arquitectura Portuguesa deste século. Tal como Hallucination Engine dos Material e Mellow Gold de Beck, se proporcionam como ensaios descritivos da extrema complexidade Modernista que a Música pode ainda apresentar.



DICIONÁRIO VISUAL DA ARQUITECTURA  
VERBO EDITORA

1993

“Deixai vir a mim as criancinhas. Deixá-las vir para que me conheçam e me reconheçam.” Arquitectura falou-nos tudo isto calmamente, enquanto nos lembrávamos de quando foi a primeira vez que reconhecemos o seu esplendor e a sua glória.

“Eu sou o corpo da civilização, a pele natural pela qual os homens revelam o seu poder e a sua força criativa de transformação.”

O tom sereno destas palavras aludiu-nos mais uma vez a ideia de quanto seria penoso e inglório ao esforço construtivo dos homens, que a matéria aglutinada de

MÁRIO CHAVES

todas as maneiras distintas, não se revela uma filosofia, uma matemática de ordem, uma beleza. O ideal eterno – temporalmente possível enquanto a matéria o permite –, da criação dos edifícios das sociedades, reporta-se a um mito da intemporalidade e imortalidade do pensamento e da invenção.

“O homem pensa, idealiza e concretiza, e por mim, as suas instituições têm um corpo. Por mim, esses corpos perfeitos, têm uma estrutura, um sistema, uma ordem, proporção, gramática e linguagem. Por mim, comunicam entre si e consolidam os espaços onde se fundam.” Concordámos totalmente e é por isso que o **Dicionário da Arquitectura** é tão importante e básico. Tal como para as criancinhas que ainda não reconhecem a doce e sedutora linguagem da Arquitectura, e para todos os outros que também não, por este Dicionário se pode tomar contacto com quase todos os estilos arquitectónicos que a Civilização Ocidental conseguiu produzir. Começando pelo Antigo Egipto e culminando no esplendoroso High Tech dos anos 70, e fazendo uma referência às Idades Clássicas do Extremo Oriente e Islão, percorre-se 4000 anos dos edifícios mais conhecidos e referenciados, com anotação da data e autor. Há ainda secções sobre Portas, Janelas, Tectos, Abóbodas e Cúpulas, muito elucidativas e capazes de comprometer o conhecimento de alguns de nós.

Este pode ser um primeiro catecismo na arte subtil de se ser cúmplice com a Arquitectura e é possível que por ele alguns se convertam à perpétua fidelidade a que nos obriga.

“Por isso só desejo que e sempre a transformação da

matéria, não se esgote na mera construção, porque senão os 40 séculos de beleza que traduzem as memórias culturais e o orgulho patrimonial dos povos, são inglórios e inconsequentes.”

Concordamos; afinal para quê construir se tudo pode ficar banal e amorfo. Assim recomendamos uma terapêutica preventiva com base neste dicionário explícito, de ilustrações e maquetes rigorosas, cronologia e texto correcto e exemplos bem escolhidos (ainda que parcialmente orientados para os ingleses).

Arquitectura, que concorda connosco, aconselha-nos mais trabalho, dedicação e com humor refere que “quem não tem competência não se estabelece”. Depois, despede-se porque tem mais que fazer e discutir questões bizantinas não a interessam. O poder e a glória da Arquitectura são um facto e somos nós que temos que lutar para o seu merecimento. Já de walkman's ligados, escuta os In the Nursery em An Ambush of Ghosts, qual peça fundamental de arquitectura, a sua nova banda sonora para se reconhecer nas arquitecturas construídas.

FERNANDO TÁVORA  
VÁRIOS  
EDITORIAL BLAU - 1993

Este livro pode também ser o possível roteiro do percurso arquitectónico de Fernando Távora ao longo de 40 anos, no mais evidente processo de invenção e criação artística.

O nascimento da produção de obras de arquitectura

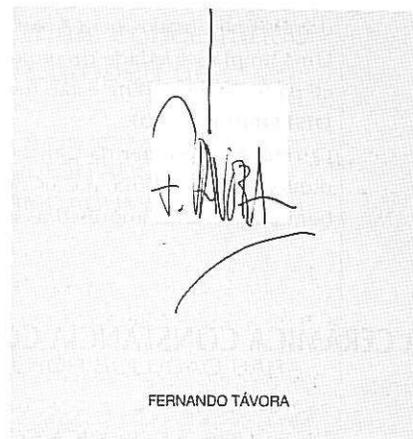


em 1949, inventou uma gramática que não se alterou terminalmente, mas cuja evolução sugere uma disposição interiorizada que revelam uma cortina de metáforas. Poder-se-á defender que nada mudou. Contudo, talvez faltasse esclarecer que nem os edifícios nem os ocupantes nem o lugar ocupado, permanecem iguais, antes trocam de lugares e de valores numa corrente de tempo inexorável. Os lugares alteram-se pela envolvimento, as pessoas vão e vêm e por aqui passaram, mas os seus edifícios permanecem, sentindo-se a pulsação rítmica que lhe deu ordem e propondo que elegantemente se regresses a um novo classicismo, de jogo incessante de contraste, assimetria, ordem e organização. Fernando Távora, conseguiu sempre estar longe da estridência arquitectónica, antes estar virada sobre si mesmo, num severo minimalismo de emoções e recursos, vizinha do silêncio, da alegria e da luz.

Na arquitectura de Fernando Távora não se garante que lá esteja rigorosamente tudo, mas é seguro que o muito que por lá se guarda esconde em si a semente da força febril que o tem feito produzir e ensinar. O seu trabalho em estado puro, tem conseguido permanecer absolutamente intocado pelo passar do tempo ou pela sucessão vertiginosa das tendências. Com todo o bem e todo o mal que essa atitude impressa nos edifícios, implica no balanço da interminável querela entre os defensores intransigentes da intocabilidade dos tesouros arquitectónicos e os partidários da sua colocação em no mercado corrente das transacções estéticas, uma dualidade que tem convergido de forma a nortear um apuro formal e um grau de intencionalidade assinalável, mesmo quando a rigidez da forma próxima dos padrões clássicos ditada pela rotina e pelo crescente profissionalismo dos intervenientes culmina na sofisticação da brilhante Escola Superior Agrária de Refoios do Lima. Neste projecto assiste-se à destreza sem exibicionismo dos executantes e à leveza consistente da sobreposição do intrincado tricotar rítmico das intervenções sobre a estrutura histórica.

Por este percurso

apresentado da obra de Fernando Távora, não é preciso interrogar outra vez os oráculos ou apontar os telescópios para demasiado longe, para descortinar a grandeza das obras inventadas e elegantemente apresentadas num catálogo de 18 obras. É um livro exemplar de eficácia, pela qualidade com que os textos se apresentam, as fotografias brilham e os desenhos ilustram, numa qualidade superior de impressão. Digna está a obra de Fernando Távora representada. Tal como digníssimos são os trabalhos de Balanescu Quartet em Luminitza, Leslie Winer em Witch e Michael Nyman em The Piano.



FERNANDO TÁVORA

## CALCOMP LANÇA A SUA PRIMEIRA SÉRIE DE PLOTTERS JACTO DE TINTA

A CalComp, representada em Portugal pela BaseDois, anunciou o lançamento da sua primeira série de plotters jacto de tinta de grande formato que utilizam a tecnologia "bubble inkject" denominada **TechJET Designer**. Os novos plotters de grande rapidez produzem desenhos com qualidade laser até tamanhos A1 ou A0 dependendo do modelo.

Os 360 dpi reais de resolução e a alta performance fazem do **CalComp TechJET Designer** a solução ideal para Engenharia Civil e Mecânica, Desenho Assistido por Computador - CAD, Arquitectura, Mapping, Sistemas de Informação Geográfica - GIS e Artes Gráficas. Os utilizadores podem imprimir todo o tipo de desenhos monocromáticos com rapidez e rigor, traçado preciso e imagens com preenchimento de áreas.

O **TechJET Designer** desenha em folhas soltas de largura desde A4 a A1 (modelo 5424) e até A0 com o modelo 5436, com um comprimento máximo de 2,54 metros. O plotter pode funcionar com uma ampla variedade de tipos de papel, incluindo papel comum, vegetal, translúcido e filme poliéster.

Com o lançamento de um plotter jacto de tinta, a CalComp passa a oferecer a mais vasta gama de tecnologias em plotters, começando nos plotters de canetas e jacto de tinta, transferência directa ou térmicos, até aos electrostáticos e laser LED. Muito recentemente a CalComp introduziu no mercado um plotter laser LED que é tecnologicamente revolucionário, os **Solus 4**.

### PERFORMANCE E PRODUTIVIDADE

O novo plotter jacto de tinta produz um desenho com 360 dpi reais de resolução e desenha texto, traços e gráficos com nitidez e recorte. O **TechJET Designer** oferece ao utilizador dois modos de impressão dependendo a escolha da qualidade desejada e da velocidade de impressão. Ao seleccionar o modo unidireccional consegue-se melhor resolução, enquanto que no modo bidireccional se consegue maior velocidade de impressão. Um desenho tamanho A1 requer menos de 4 minutos para ser impresso, enquanto que um desenho tamanho A0 está totalmente impresso em menos de 6 minutos. Em qualquer dos dois modos de funcionamento, a performance é aumentada por um sistema de detecção automática dos espaços em branco. O plotter detecta automaticamente áreas do desenho onde não existe imagem a desenhar e mover-se imediatamente para o próximo ponto de informação reduzindo assim o tempo total de impressão. A CalComp usa um tipo de tinta de secagem muito rápida o que garante um traçado perfeito com linhas nítidas e sem borratar, mesmo em papel comum.

O plotter tem um buffer de 4MB standard e é expansível a 16MB é suficiente para conter um desenho A0 completo e fazer a sua reimpressão sem ser necessária a retransmissão do ficheiro do computador.

### CARACTERÍSTICAS E FACILIDADE DE UTILIZAÇÃO

A compatibilidade com a maior parte dos ambientes é assegurada pela facilidade de utilização e simplicidade de operação. As suas dimensões compactas permitem a sua colocação em qualquer local - numa mesa adequada ou num pé de suporte opcional. A tampa de cobertura está incluída de fábrica.

A tinta é fornecida em tinteiros fáceis de trocar. Com o sistema de tinteiros da CalComp, a cabeça de impressão não é trocada cada vez que o tinteiro se esvazia como acontece com alguns plotters e impressoras jacto de tinta, reduzindo assim o custo dos consumíveis. Um dispositivo de tapamento da cabeça de injeção de tinta evita o seu entupimento e secagem tapando esta depois de cinco segundos sem movimento.

O **TechJET Designer** possui ainda um painel de controle com display de fácil utilização, medição automática do tamanho do papel, firmware de optimização de vectores PlotManager e memória não apagável para programação pelo utilizador.

### COMPATIBILIDADE COM SOFTWARE E COMPUTADOR

O TechJET Designer funciona com todos os computadores, estações e sistemas CAD. Os plotters são fornecidos com driver ADI e drivers optimizados para AutoCAD.

Uma ampla variedade de protocolos são suportados como CALS G4, CalComp CCRF, PCI e CCGL, HPGL e HPGL/2. Um interface paralelo e um série estão incluídos de fábrica, existindo como opção um interface para ligação a redes locais.

### DISPONIBILIDADE

O **TechJET Designer** da CalComp já está disponível em Portugal desde Fevereiro de 94 através de VARs e revendedores. Além de plotters jacto de tinta, a CalComp também oferece uma extensa linha de plotters de canetas, térmicos, laser LED e electrostáticos bem como várias impressoras de pequeno e grande formato.



## A CERÂMICA CONSTÂNCIA COM NOVIDADES!

Desde 1836, a CERÂMICA CONSTÂNCIA tem marcado uma posição preponderante na arte da azulejaria, Cifka, Battistini, Francisco Relógio, Rafael Calado e Lima de Freitas, nomes que fizeram História a nível nacional e mundial, desenvolveram a sua actividade numa das mais antigas fábricas de cerâmica portuguesa.

D. Francisco de Almeida, que adquiriu a Cerâmica em 1963 e a geriu durante muitos anos, retomou agora estas funções, com uma estratégia de gestão mais moderna e agressiva, adaptada aos anos 90, cuja definição e implantação colocou a cargo do novo Director Comercial, Sr. J. Howell Santos, um jovem quadro com uma experiência comercial adquirida em multinacionais.

Assim, aos seus já tradicionais produtos e mercados, a Cerâmica vem juntar novas criações (nascidas no seu Departamento Artístico), produtos mais competitivos para o mercado de construção civil e um excelente serviço de venda e apoio a clientes.

Também a sua rede de distribuidores tem sido aumentada, com novos distribuidores em todo o país, bem como a criação de "dealers" na maioria dos países europeus, E.U.A., Japão e alguns países africanos. Desta forma, perpetuando e difundindo uma das mais antigas Artes Portuguesas, a CERÂMICA CONSTÂNCIA vai desempenhando um louvável papel de defensora das tradições



CERÂMICA CONSTÂNCIA

portuguesas e embaixadora das mesmas em todo o mundo, numa época em que, cada vez mais, somos "invadidos" por produtos estrangeiros, alheios à nossa cultura e tradição.

Velha e respeitável "senhora", fiel aos seus 160 anos de tradição, qualidade e criatividade, a CERÂMICA CONSTÂNCIA demonstra um dinamismo e uma visão de futuro que devem constituir em exemplo para muitas empresas em Portugal.

Desde equipar alguns dos mais famosos hotéis (Sheraton-Pine Cliffs, Caesar Park Hotel-Quinta da Penha Longa, Alfa Lisboa, etc) dar forma aos trabalhadores de alguns dos maiores artistas plásticos contemporâneos (Eduardo Nery, Pinto Coelho, etc.) até à concretização de projectos de arquitectos, decoradores e clientes particulares, para todos a CERÂMICA CONSTÂNCIA tem a solução que vai ao encontro dos seus desejos.

Foram executados na Cerâmica Constância, de Charters de Almeida, a Torre Cupertino de Miranda em Famalicão e, de João Abel Manta o painel da Av. Calouste Gulbenkian, em Lisboa, o maior painel de azulejos do mundo.

Que assim continue por muitos mais anos!

## A OCÉ PORTUGAL ANUNCIA NOVA MESA DIGITALIZADORA DE GRANDE FORMATO

A Subsidiária Portuguesa da OCÉ Graphics anuncia o lançamento da nova mesa digitalizadora de grande formato, modelo G6815. Com uma precisão de 0,25 mm e uma resolução de 2.540 linhas por polegada, a G6815 é uma mesa digitalizadora de formato A0 económico e fácil de usar, ideal para trabalhos básicos de digitalização, que pode trabalhar com cursor, com ou sem cabo.

O modelo G6815 é uma solução económica e completa para os novos utilizadores de CAD. Possibilita uma operação flexível dado que a mesa pode ser partilhada entre vários utilizadores, graças ao seu cursor convertível. Estes podem eleger a forma de trabalhar que lhes seja mais cómoda (com cursor sem cabo ou com cabo), de uma forma rápida e fácil, e sem necessidade de ter que reconfigurar a mesa. Este cursor configurável de quatro botões vem incluído com a mesa; opcionalmente, o utilizador pode dispôr de um cursor configurável de 16 botões e de um lápis, igualmente configurável, de três botões.

Este equipamento é ideal para trabalhar com aplicações muito diferentes, desde instalações eléctricas, de gaz e/ou de água em planos de arquitectura, cujos ficheiros necessitam de ser actualizados frequentemente com novos dados, até à cartografia, à topografia ou engenharia.

Devido a esta versatilidade de uso com as aplicações mais variadas, a G6815 possui configurações de fábrica para Auto CAD e Microsoft Windows 3.1, assim como Summagraphics e outras.

A G6815 possui características adicionais que permitem uma operação fácil e cómoda. O alinhamento dos documentos a digitalizar no tabuleiro é simples e preciso, graças aos seus eixos de colocação. Uma área de menú de formato A3 oferece grande comodidade para aquelas aplicações que precisam de um uso intensivo do menú. A altura e a inclinação do pedestal, incluído do custo da mesa, são facilmente ajustáveis às preferências do operador.

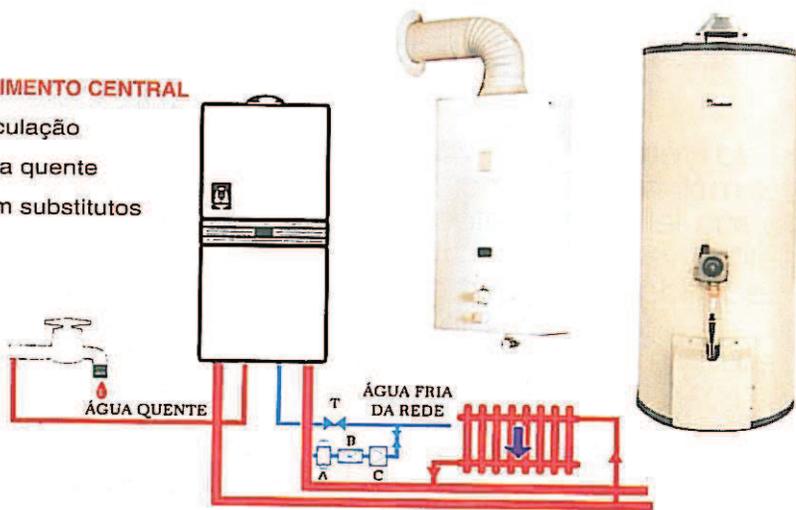


# Vaillant

O maior e mais conceituado fabricante Europeu de

### AQUECIMENTO CENTRAL

por circulação de água quente não tem substitutos



- CALDEIRAS MURASIS
- ESQUENTADORES
- TERMOACUMULADORES

A MELHOR SOLUÇÃO PARA  
*aquecimento central e águas quentes*

Dos mais de 1 milhão de aparelhos produzidos pela VAILLANT na Alemanha, anualmente, 70% são CALDEIRAS MURASIS para aquecimento central e águas quentes sanitárias

A CALDEIRA MURAL é a evolução QUALITATIVA do esquentador.

PROJECTAMOS

ORÇAMENTAMOS

INSTALAMOS

Consulte o nosso Gabinete Técnico, terá a solução adequada.



**MANUEL J. MONTEIRO & C.A., LDA.**

RUA DOS CORREIROS, 140 - 1100 LISBOA - TEL. 346 60 61/5 - FAX 346 64 07  
TELEX 18399 JUNEX P - APARTADO 2885 - 1122 LISBOA CODEX

# Prémio Valmor com Argibetão



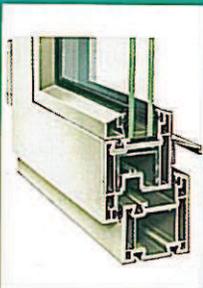
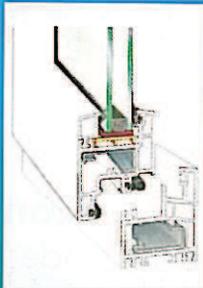
A atribuição do Prémio Valmor às Residências Príncipe Real é para nós motivo de orgulho: as telhas utilizadas na cobertura deste edifício são telhas Argibetão. A qualidade e resistência das telhas Argibetão\* vem-se juntar a prova da sua versatilidade que as torna adequadas às mais diversas exigências e estilos arquitectónicos. É caso para dizer que estamos todos de parabéns.

**ARGIBETÃO**  
Lisboa, Ovar, Cartaxo, Braga e Azeitão

\* Fabricadas com cimentos **CIMPOR**  
Cimentos de Portugal, SA



*Liberdade Criadora*



DECEUNINCK. A geração de sistemas em P.V.C. de alta tecnologia para todos os estilos de construção e renovação. Sem limitações. Resistentes aos agentes atmosféricos e inalteráveis com o tempo, os perfis de carpintaria e decoração em P.V.C. DECEUNINCK adaptam-se perfeitamente seja qual for o seu nível de exigência profissional e criativa.



Peça agora mesmo a sua informação gratuita através deste cupão.

Nome: \_\_\_\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

Código Postal: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Preencha este cupão em maiúsculas e remeta para Deceuninck Iberica

DECEUNINCK IBERICA S.A.  
AVENIDA DE LA INDUSTRIA, 25 - 28820 COSLADA(MADRID)  
PORTUGAL: APARTADO 14187 - 1000 LISBOA

TEL: (1)6731723 FAX: (1)6731867  
TEL: (01)2972472 FAX: (01)2973196

**deceuninck**



**CAIXIPLÁS**  
CAIXILHARIAS ISOLANTES, LDA.

A GARANTIA DA QUALIDADE NA RENOVAÇÃO...  
... DO CHIADO



A ESTRELA EM CAIXILHARIA P.V.C.

Departamento Comercial e Inst. Industriais:  
Alto do Outeiro — 2775 PAREDE  
TRAJOUCE  
Telefones: (01) 444 43 37/444 55 56/ 5506

# PROMOTECNICA

PROMOÇÃO TÉCNICA DE VENDAS LDA.



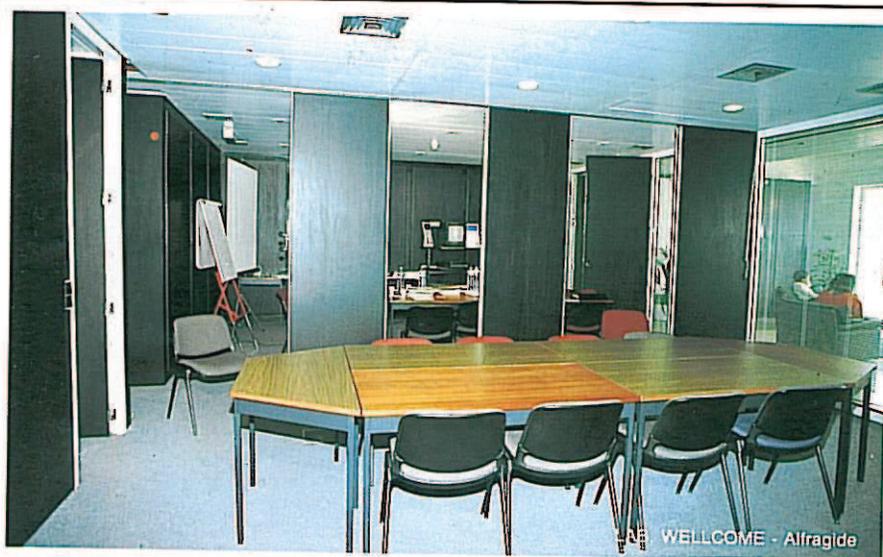
## LANTERNAS

Uma **Lanterna** portuguesa clássica ou moderna com toda a tecnologia dos países escandinavos

### CARACTERÍSTICAS:

- Difusor **antivândalo**
- Corpo em liga de alumínio tratado e com pintura epoxy a quente
- **Garantia contra a corrosão** em atmosferas marítimas **(20 anos)**
- Facilidade de montagem (kit de buchas e parafusos incluídos)
- **Mais de 300 modelos** em branco, preto ou verde bronze. Outras cores por encomenda

Travessa da Fábrica dos Pentes, 8 (ao Jardim das Amoreiras) - 1200 Lisboa Tel.: 65 41 65 Fax: 65 78 37  
(Parque gratuito para os nossos clientes)



WELLCOME - Alfragide



## PAINÉIS REBATÍVEIS HUPPE FORM

Tendo em conta a falta de espaço apresentamos-lhe a divisória ideal para a programação do seu espaço e seu aumento de rentabilidade. A Huppe Form tem aperfeiçoado as suas divisórias com a experiência adquirida ao longo das últimas décadas (em 1989 celebrou 100 anos de actividade). Além de ser a pioneira neste tipo de trabalhos, é quem consegue melhores resultados, satisfazendo as exigências de todos os seus clientes, tem uma grande capacidade de obtenção de soluções económicas e simultaneamente, grande liberdade criativa permitindo, assim, a resolução perfeita para a alteração de áreas em hotéis, edifícios comerciais, salas de congressos... quer em construções novas, quer em remodelações já existentes.

Não existem limites para os efeitos arquitectónicos que podem ser conseguidos utilizando divisórias amovíveis Huppe Form.



CÍRCULO DE LEITORES - Lisboa

Rua Maestro Pedro Freitas Branco, N.º 25 - 1200 LISBOA • Tel.: \* 396 16 68/ 396 92 65 - Fax: 397 71 51

# O ARQUITECTO



# A TECNOLOGIA

# A CRIATIVIDADE

# A OBRA NASCE



Projecto de Arquitectura  
Arq.º Arsenio Raposo Cordeiro

C.G.D. Caixa Geral de Depósitos  
Lisboa - Portugal

## A SOLUÇÃO DE FACHADA INTELIGENTE

**Apoio permanente a Projectistas e Construtores**  
Vidros para Controlo Passivo da Energia Solar. Sistemas de Alumínio com Corte Térmico. Sistema em Aço com Corte Térmico. Sistemas de Alumínio e Aço sem Corte Térmico. Janelas, Portas e Coberturas 3 Dimensionais. Revestimento em painéis de alumínio (metal cladding). Balcões - Limpeza, conservação e montagem.

## A DISTINÇÃO DA ENTRADA

**Funcionalidade - Elegância - Fiabilidade**  
Portas automáticas Batentes e Deslizantes. Portas Rotativas Automáticas. Portas Corta Fogo em Vidro. Portas Anti-Bala em Alumínio / Aço / Vidro. Sistemas SAS. Automatismos para Jardins e Garagens. Controlo de Acessos de Edifícios e Parques.

*semos a diferença!!*



PAINÉIS DE ALUMÍNIO  
METAL - CLADDING



BALCÕES  
LIMPEZA DE FACHADAS



VIDRO PARA CONTROLO  
PASSIVO DA ENERGIA SOLAR



SISTEMAS DE ALUMÍNIO  
COM CORTE TÉRMICO



FACHADAS EM AÇO  
PORTAS CORTA-FOGO EM VIDRO



PORTAS AUTOMÁTICAS  
DESILZANTES E BATENTES



PORTAS ROTATIVAS  
CONTROLO DE ACESSOS

TECOPE - Estudos, Projectos e Representações, Lda. • Av. Álvares Cabral, 23 - P 1 - 1200 Lisboa  
Tels. 69 12 96 • 65 84 23 • Fax 387 16 26



GRUPO GRETSCH-UNITAS



O ano de 1994 deverá representar a consolidação de qualidade e avanço tecnológico, a **CRUZFER** acompanha esses acontecimentos em conjunto com o GRUPO GRETSCH-UNITAS

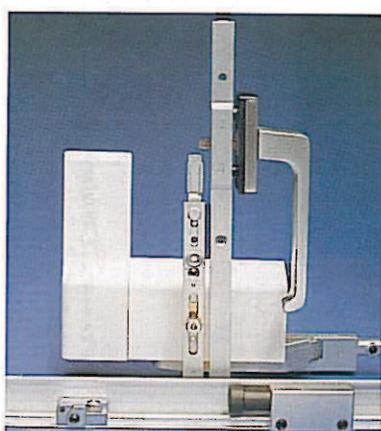
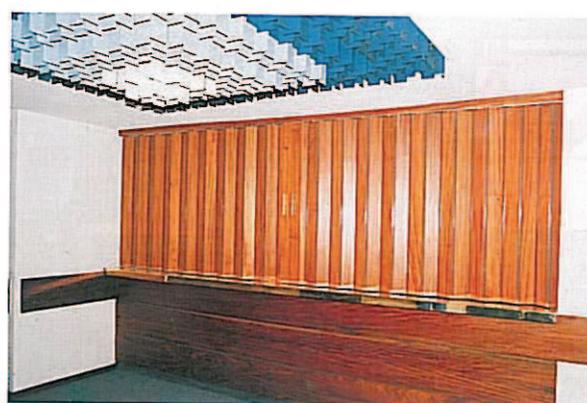


### ESTORES EXTERIORES ORIENTÁVEIS **WAREMA** E **PAUL**

- 80 ou 60 mm
- Manuais ou eléctricos

### PORTAS DE FOLE EM MADEIRA E PVC

- Woodfold
- Beta



### FERRAGENS PARA CAIXILHOS DE ALUMÍNIO, MADEIRA E PVC

- Oscilo-batentes
- Caixilhos de correr
- Comandos à distância
- Molas aéreas
- Cilindros e mestragens **BKS**

Rua Sacadura Cabral, 73 s/c • Cruz Quebrada • 1495 Lisboa • Tels. (01) 415 08 06 - 415 07 83 • Fax: (01) 419 78 58  
**Delegado Norte:** Cruzfer • Apartado 5184 • 4019 Porto Codex • Tel/Fax: (02) 550 92 30  
**Delegado Sul:** Apartado 826 • Paivas • 2840 Seixal • Tel/Fax (01) 225 80 11

Solicitamos informações sobre o Programa "CRUZFER"

Nome: \_\_\_\_\_

Empresa: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**PAVIGRES**

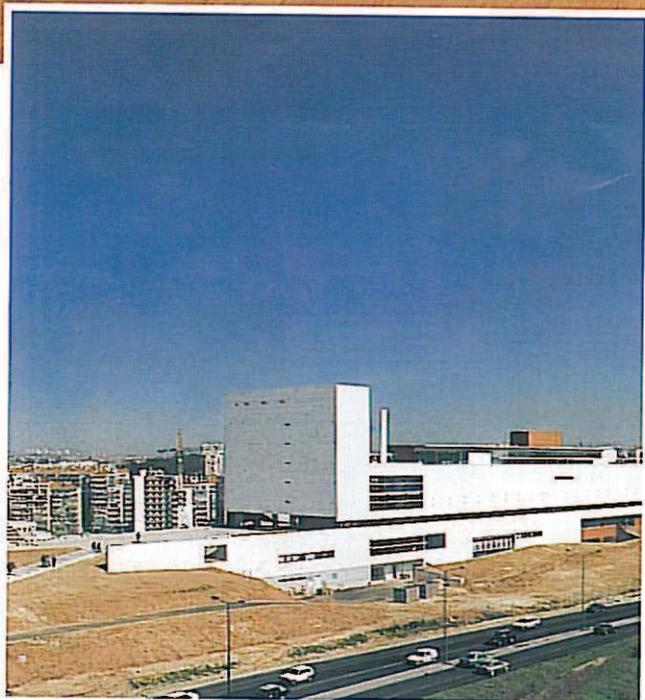
**PAVISOLO**

- MOSAICOS VIDRADOS, DE PASTA BRANCA VITRIFICADA, MONOCOZEDURA
- CARREAUX ÉMAILLÉS EN PATÉ BLANCHE VITRIFIÉE, PRODUITS PAR MONOCOISSON
- GLAZED TILES, MADE OF VITRIFIED WHITE BODY, SINGLE FIRED
- GLASIERTE FLIESEN, GESINTERT, WEISS-SCHERBIG, EINBRAND.

**SOGRÉS**

- GRÉS FINO PORCELÁNICO NÃO VIDRADO
- HOMOGENEOUS FULLY VITRIFIED UNGLAZED TILES
- GRÉS CÉRAME PRESSÉ BI PLEINEMENT VITRIFIÉ
- UNGLASIERTES FEINSTEZEUG

**GRESPOR**



## INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA

### ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Arquitecto: João Luis Carrilho da Graça  
Modelo: 5036 - N

Porque, qualquer grande obra de Arquitectura só se define através da perfeita harmonia das peças que a compõem, no auditório, a presença do equipamento FIGUERAS não deixa de continuar a ser um factor importante.

Poltrona mod. 5036-N, de alto rendimento sem manutenção, fabricada com estofos compacto monobloco sistema "INTEGRALFORM", que consiste na integração da espuma, trama de molas e tecido ignífugo M1, numa só peça intercambiável, isenta de costuras e indeformável.



# Clarabóia Universal, ambientes mágicos de luz

Quem nunca sentiu o fascínio da luz captada por uma clarabóia? Claridade que lembra a infância. Ambientes mágicos de luz. Mas no vasto mundo das clarabóias há diferenças fundamentais. As clarabóias da Braas, representadas exclusivamente em Portugal pela

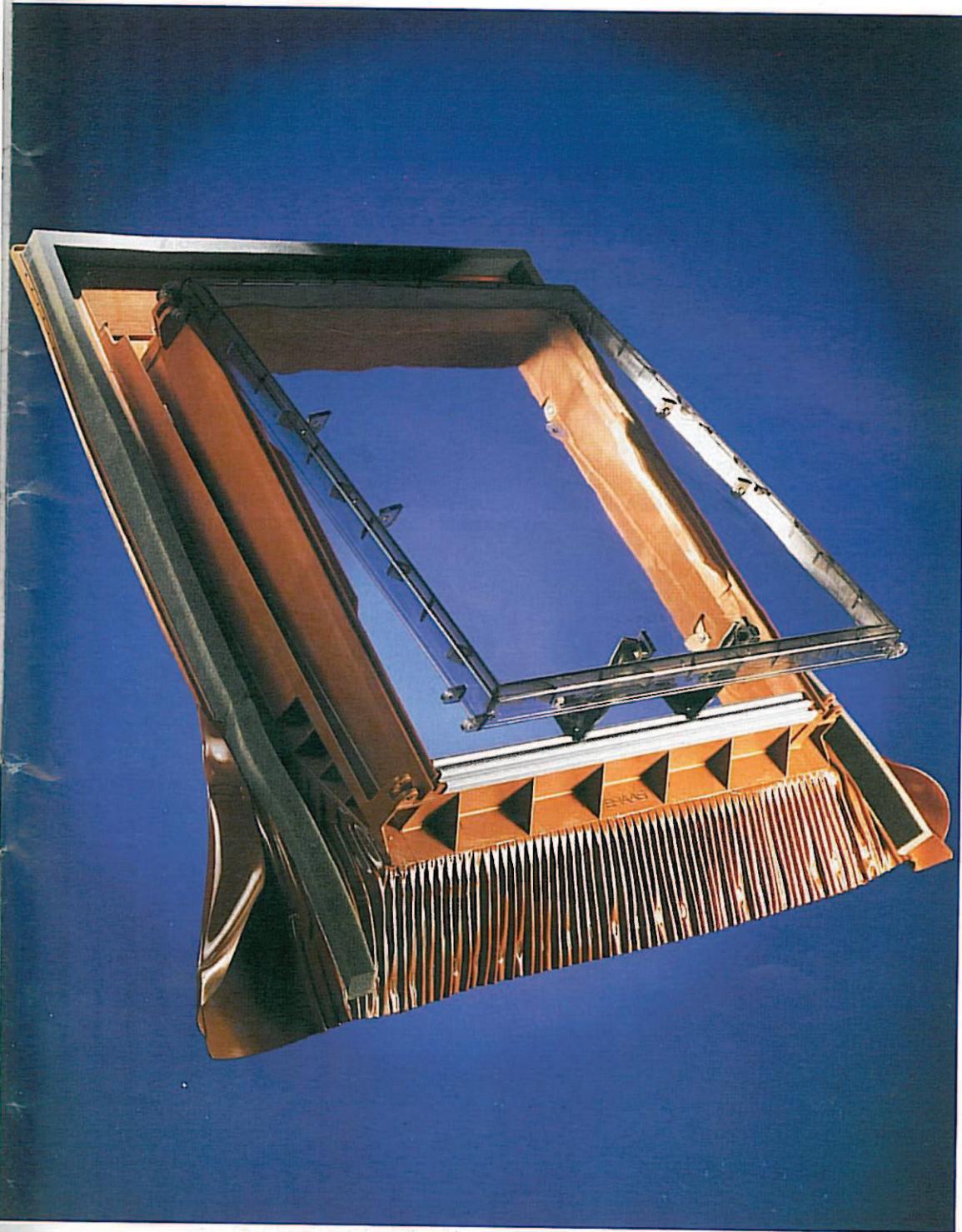
 **LUSOCERAM**

são verdadeiramente inovadoras pela sua universalidade, adaptando-se na perfeição a qualquer tipo e modelo de telha ou material para telhados inclinados.

O caixilho com estrutura em PVC reforçado, preparado para enfrentar o mau tempo e a acção dos raios U.V.A., permite, pelas suas características e reduzido peso, uma fácil colocação em obra. O avental, de um material plástico flexível e reforçado por uma malha metálica, molda-se manualmente e sem necessidade de ferramentas, adoptando o perfil de qualquer telha ou placa, garantindo uma total estanquidade do conjunto. A tampa, em policarbonato transparente, é de uma tal robustez que a protege contra golpes e rupturas, mantendo-se inalterável com o tempo. Esta clarabóia universal encontra-se disponível em vermelho, castanho e antracite.

Se pretender informações mais pormenorizadas, envie este cupão devidamente preenchido para:

Lusoceram -  
Empreendimentos Cerâmicos SA.  
R. Castilho, 39-8º A/D-1200 LISBOA  
☎ (01) 386 43 06 - Fax: 386 07 40



Agradecia que me enviassem informações mais pormenorizadas sobre as Clarabóias Universais.

Agradecia que me enviassem documentação sobre: \_\_\_\_\_

Pretendo a visita de um vosso técnico para demonstração deste produto.

*Colar o cupão num Bilhete Postal e não esquecer de mencionar o nome e morada do remetente*

Garantia total fornecida pela **LUSOCERAM**

# CONVERSÃO DE DESENHOS EM SUPORTE PAPEL PARA FORMATO CAD

WHAT THE EXPERTS SAY:



"AutoCAD for raster... no other program comes close to GTXRaster CAD in its ability to work with raster data... Highly Recommended."

CADalyst Magazine

"(GTX) is considered the ultimate in (r-to-v) conversion."

CADENCE Magazine

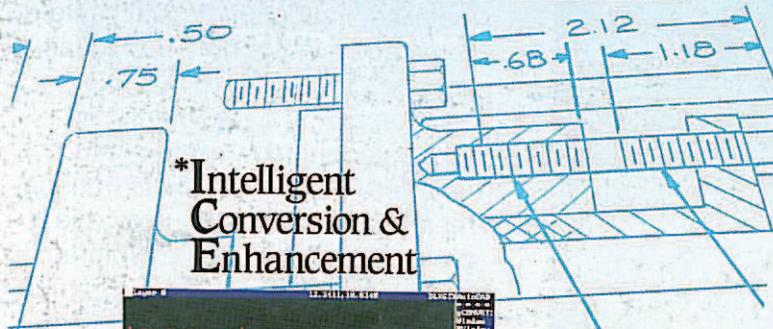
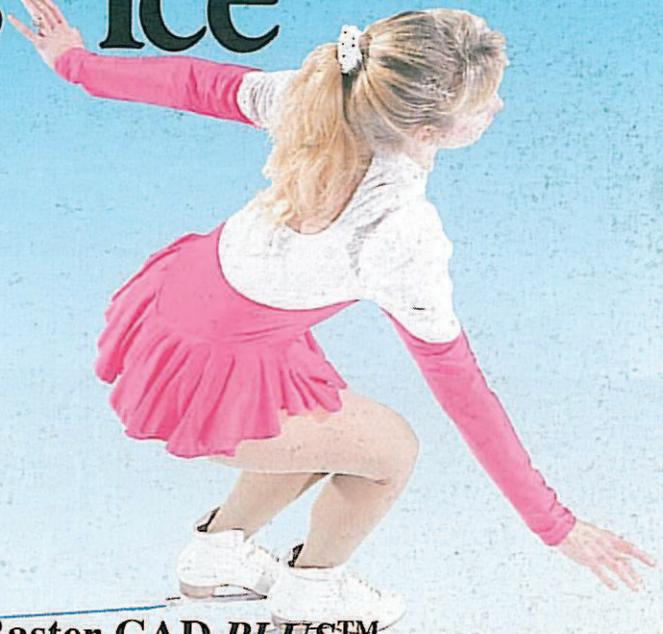
"GTX is the leading supplier of this type of software... hard to beat in a vectorization benchmark."

The Anderson Report

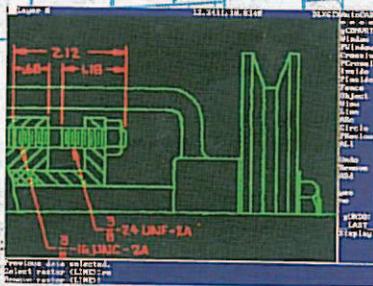
"Intelligence at last!... a brilliantly simple solution."

CAD User Magazine

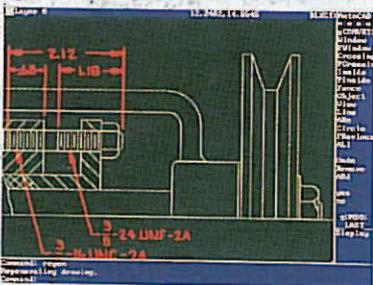
# Smooth as Ice\*



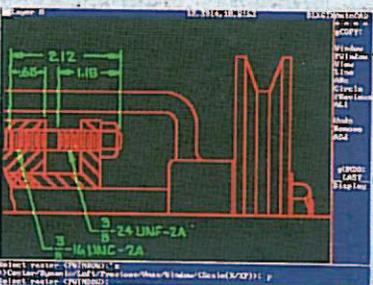
\*Intelligent Conversion & Enhancement



**INTELLIGENT OBJECT PICKING (SELEÇÃO INTELIGENTE DE ELEMENTOS)**  
Utilize "Intelligent Object Picking" (IOP) para seleccionar elementos raster, tal como o faz em AUTOCAD, preservando a geometria dos elementos que se intersectam.



**INTELLIGENT CONVERSION (CONVERSÃO INTELIGENTE)**  
Conversão dos elementos seleccionados em entidades vectoriais (arcos, linhas...)  
AUTOCAD, sem os custos de mão de obra de digitalização manual.



**INTELLIGENT ENHANCEMENT (MELHORAMENTO INTELIGENTE)**  
Melhoramento da própria imagem raster, tornando-a mais precisa e regular, o que pode poupar 20-30% de espaço em disco.

## GTXRaster CAD PLUS™ AutoCAD para raster

O recente e inovador GTXRaster CAD PLUS oferece "Aperfeiçoamento e Conversão Inteligente" - Intelligent Conversion & Enhancement (ICE) - na conversão de desenhos obtidos no scanner para desenhos vectorizados que possam ser utilizados dentro do AutoCAD. Isto significa uma conversão automática dos elementos raster para entidades AutoCAD e o aperfeiçoamento do Raster tornando-o mais preciso e regular "smooth as ice".

O GTXRaster CAD PLUS inclui a versão 2.5 do GTXRaster CAD com novas opções de selecção, compatibilidade com uma enorme variedade de placas gráficas, 10 modos OSNAP (Object Snapping) para objectos raster. É mais fácil, mais rápido e mais eficiente do que qualquer outro método actualmente disponível no mercado mundial!

Em menos de um ano o GTXRaster CAD tornou-se líder na área de conversão Raster / Vector.

É opinião unânime dos especialistas que o GTXRaster CAD e o GTXRaster CAD PLUS são as ferramentas de eleição para tratamento e conversão de imagens raster dentro do AutoCAD.

Responsável por 35 milhões USD de vendas e resultado de um investimento em Pesquisa e Desenvolvimento (R&D) de 11 milhões USD, o GTXRaster CAD está finalmente ao seu alcance através do Grupo Sttei.

Contacte-nos e assista a uma demonstração. O software GTX tem a resposta certa para a conversão de qualquer tipo de desenho - Mecânico, Arquitectura, Engenharia, Cartografia etc....

O Grupo Sttei oferece-lhe a solução de vectorização "chave na mão" e / ou serviços nas seguintes áreas do CAD / CAM:

\* Plotting (canetas/jacto tinta) A4/A0, Scanning grande formato A1/A0, Formação em AutoCAD etc....

Deixe a inteligência do GTX  
melhorar a sua imagem



Tv<sup>a</sup>. Henrique Cardoso, 71-A/B  
1700 Lisboa  
Tel: (01) 7955974  
Fax: (01) 7971782



GTX U.S.A. (602) 224-8738  
GTX Europe 44.256.843.555  
GTX Far East 886.2.652.1022



Distribuidor Oficial  
**AUTOCAD**  
AUTHORIZED DEALER

Grupo Sttei - uma referência obrigatória no CAD / CAM



Tv. Henrique Cardoso, 71-A/B  
1700 LISBOA  
TEL. 01-795 59 74  
FAX 01-797 17 82



Av. da Boavista, 280 - 3.º Dto.  
4100 PORTO  
Telef. (02) 600 20 42 / 76  
Fax (02) 600 23 33



R. António José Batista, 58-A/B  
2900 SETÚBAL  
TEL. 065-303 14  
FAX 065-303 20



Dealer  
Autorizado

A beleza da fachada  
é o reflexo da alta tecnologia

Projectista: Graphos - Arquitectos



Ca. Seguros Global - Lisboa



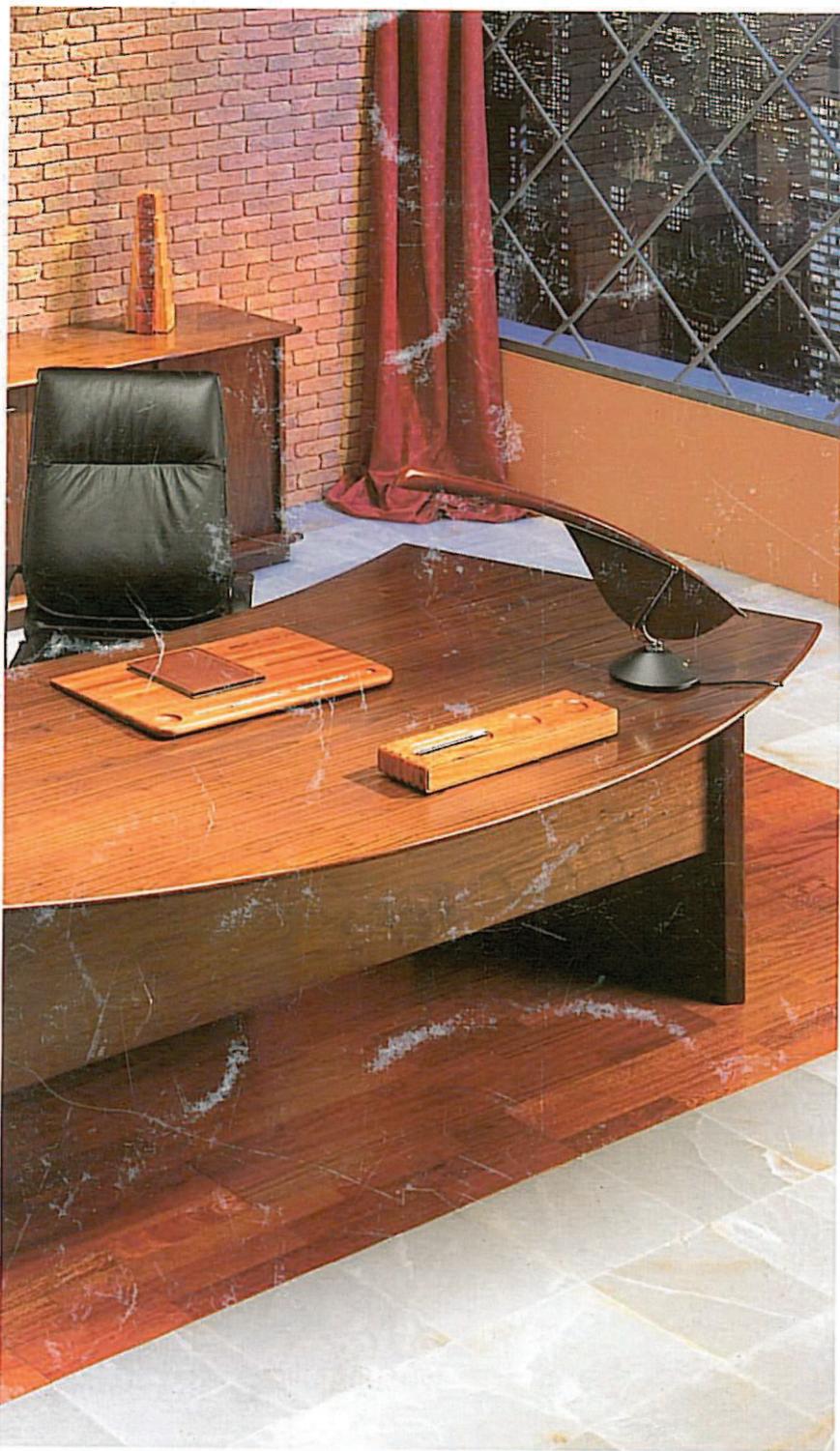
Na constante busca de soluções estética e tecnicamente perfeitas, a Technal propõe sistemas de fachadas adaptáveis a todos os tipos de edifícios. Quer se trate de uma renovação ou das arrojadas formas da arquitectura contemporânea, a flexibilidade e polivalência das fachadas MC, com uma expressão de 52 mm, V.E.C. Nuage ou a sua variante Reflet, garantem o escrupuloso respeito pelo projecto do arquitecto, ao mesmo tempo que

facilitam o trabalho de instalação. Como complemento da oferta, a Technal coloca à disposição dos técnicos do sector todo o seu Gabinete de Engenharia, por forma a garantir uma maior optimização dos produtos face à especificidade de cada obra. A segurança dos sistemas Technal é comprovada pelos ensaios efectuados em alguns dos mais importantes organismos oficiais europeus, que atribuíram à Technal francesa a certificação ISO 9001.

**TECHNAL**® 

*Nem todo o Alumínio é igual!*

# *Subimos consigo até ao topo.*



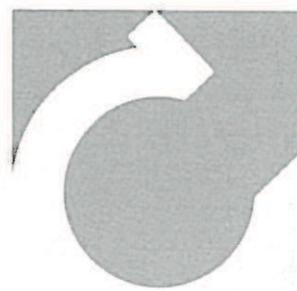
■ grupo barro

**HAWORTH**  
EUROPE

Cortal - Mobiliário de Escritório - Serviço de Apoio Técnico e Informativo - Telefone: 0500 1091 (Linha Azul)

*QUANDO O DESIGN TEM ALMA*

*Desde a recepção até ao seu gabinete, a **Cortal** criou para si uma variedade de equipamentos para todos os sectores da sua empresa. São soluções personalizadas e funcionais que lhe vão permitir descobrir uma nova dimensão do seu espaço. A elegância do design italiano e o conforto dos materiais vão fazer da sua empresa, o lugar ideal para trabalhar. Porque o sucesso tem uma imagem.*



**CORTAL**

**MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO**